

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**TRANSCODIFICAÇÃO DE CONTOS POPULARES PARA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS: UMA LEITURA SEMIÓTICA DA CULTURA SURDA**

Sandra Maria Diniz Oliveira Santos

Orientadora: Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista

João Pessoa - PB
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**TRANSCODIFICAÇÃO DE CONTOS POPULARES PARA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS: UMA LEITURA SEMIÓTICA DA CULTURA SURDA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós
Graduação em Letras da Universidade Federal
da Paraíba - PPGL para a obtenção do Grau de
Mestre em Letras, da área de concentração
Linguagens e cultura, da linha Estudos
Semióticos.

Orientadora: Maria de Fátima Barbosa de
Mesquita Batista.

João Pessoa
2017

S237t Santos, Sandra Maria Diniz Oliveira.
Transcodificação de contos populares para Língua
Brasileira de Sinais: uma leitura semiótica da cultura surda /
Sandra Maria Diniz Oliveira Santos. - João Pessoa, 2017.
261 f. : il. -

Orientadora: Maria de Fátima Barbosa de Mesquita
Batista.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL

1. Linguagem e Cultura. 2. Semiótica e Cultura. 3. Língua
Brasileira de Sinais - LIBRAS. 4. Literatura Popular - Contos.
5. Cultura Surda. 6. Transcodificação. I. Título.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

Sandra Maria Diniz Oliveira Santos

**TRANSCODIFICAÇÃO DE CONTOS POPULARES PARA LINGUA
BRASILEIRA DE SINAIS: UMA LEITURA SEMIÓTICA DA CULTURA SURDA**

João Pessoa, 04 de Abril de 2017

Banca Examinadora:

Maria de Fátima B. de Mesquita Batista
Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista
PPGL

Marianne Cavalcante
Marianne Cavalcante
Membro 1
UFPB – PROLINGUE

Marluce Pereira da Silva
Membro 2
PPGEL /UFRN
PROFLETRAS/UFPB

Lúcia Firmo
Suplente
UPE

Quero dedicar este trabalho a meus pais, José Trajano de Oliveira e Maria José Diniz Oliveira pelo esforço investido na minha educação durante toda minha vida, ao meu esposo, Rômulo Padilha do Santos pelo incentivo e companheirismo durante o percurso desta caminhada e ao meu filho, Matheus Diniz Oliveira Santos pela compreensão e maturidade em relação ao tempo investido nos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por realizar este grande feito em minha vida e conduzir-me por pastos verdejantes. Toda honra e toda glória ao Senhor dos senhores que sobre nós tem feito superabundar sua preciosa graça.

A minha família, meu pai, minha mãe por sempre me incentivar a enveredar pelo caminho do conhecimento. A meu esposo e filho pelo apoio e compreensão das horas dedicadas aos estudos.

Agradeço, especialmente, a minha orientadora, Fátima Barbosa Batista que acreditou em mim e me fez ver que sou capaz e foi mais que uma orientadora, uma mãe, conduzindo-me pelo caminho do saber, guiando-me nas leituras e dando apoio nas horas de dificuldades. Pelo carinho e atenção com que trata seus alunos, pelas inúmeras correções que, a cada passo, minimizavam minhas dúvidas. Pela grande capacidade de acreditar que cada ser humano tem um tesouro escondido e só precisa de um apoio.

Agradeço, também, à comunidade surda por abrir espaço para essa pesquisa, pela disponibilidade em cooperar com este trabalho que irá enriquecer seus conhecimentos, especialmente aos surdos colaboradores Irakitan e Jurandir que investiram tempo preciso para que essa pesquisa fosse realizada, colaborando nas traduções e nas sugestões dos sinais.

A minha amiga Kátia Conserva pela relevante contribuição, ao separar horas do seu tempo para fotografar todos os textos.

Enfim, agradeço a todos que diretamente e indiretamente cooperaram com a execução dessa pesquisa: Maria José, Waldelange e Rosângela, compartilhando material para leitura.

EPÍGRAFE

**Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar.
Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.**

(Madre Teresa de Calcutá)

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é usada pela comunidade surda brasileira, além de ouvintes que são amigos, familiares, intérpretes e simpatizantes. É o veículo necessário para interação e inserção do surdo no meio social, uma vez que a língua tem a função de dinamizar as relações sociais. A Lei 10.436 de 2002(BRASIL) reconhece a Libras como língua natural da comunidade surda e foi regulamentada pelo Decreto 5.626/2005. Este reconhecimento possibilitou vários estudos sobre tradução de textos literários em Libras. Essa pesquisa teve por objetivo analisar aspectos semióticos presentes na transcodificação do conto popular para Libras, além de apresentar a cultura surda, descrever e descobrir os sistemas de valores pertinentes a sua comunidade. Para atingir esse objetivo realizamos estudos teóricos que deram sustentação às análises dos textos e caminharam em três direções: sobre a semiótica, sobre a cultura surda e sobre a expressão literária popular e seu aprendizado. A teoria semiótica considerada foi a de linha francesa, destacando as três estruturas do percurso da significação proposto por Courtés e Greimas e reinterpretados por Pais, de que extraímos as observações sobre os conflitos presentes nos textos. A tradução de contos populares, além de levar o surdo a explorar a imaginação, possibilita uma relação intercultural, disseminando a ideologia de que a surdez não é patológica. Neste caso, nossa pesquisa se justifica considerando sua importância como veículo de valores culturais, tendo em vista que a linguagem popular promove interação nos diversos meios sociais e culturais. Nosso desejo é incentivar a pesquisa acadêmica sobre a literatura popular dentro do universo da cultura surda, de forma que se possa ampliar o conhecimento dos surdos em relação a cultura popular, como também a comunidade ouvinte possa conhecer um pouco mais do universo surdo.

Palavras-chave: Conto Popular. Cultura surda. Transcodificação. LIBRAS

RESUMEN

La Lengua Brasileira de Sinais - Libras es utilizada por las personas sordas en Brasil y los oyentes que son amigos, familiares, intérpretes y seguidores. Es el vehículo necesario para la interacción y integración de las personas sordas en el entorno social, ya que el lenguaje tiene la función de impulsar las relaciones de Derecho saciáis. La ley 10.436 de 2002 (BRASIL) reconoce las Libras como lengua natural de las personas sordas y estaba regulada por el Decreto 5626/2005. Este reconocimiento ha permitido varios estudios sobre la traducción de textos literarios en Libras. Esta investigación tuvo como objetivo analizar aspectos semióticos de la transcodificación del cuento popular de Libras, además de presentar la cultura de los sordos, describir y encontrar los valores correspondientes a sus sistemas de la comunidad. Para lograr este objetivo hemos llevado a cabo estudios teóricos que han apoyado las análisis de textos y caminado en tres direcciones: en la semiótica, en la cultura de los sordos, en la expresión literaria popular y aprendizaje. La teoría semiótica se consideró la línea francesa, destacando la importancia de tres rutas de las estructuras propuestas por Greimas y Courtès y reinterpretados por los padres, que extraemos de los comentarios sobre los conflictos presentes en los textos. La traducción de los cuentos populares, además de tomar los sordos para explorar la imaginación permite una relación intercultural, la difusión de la ideología que la sordera no es patológica. En este caso, nuestra investigación se justifica teniendo en cuenta su importancia como vehículo de valores culturales, dado que el lenguaje popular promueve la interacción de diferentes orígenes sociales y culturales. Nuestro deseo es fomentar la investigación académica sobre literatura popular dentro del universo de la cultura sorda, por lo que podemos aumentar el conocimiento de las personas sordas en relación con la cultura popular, así como la comunidad oyente pueda aprender un poco más del universo sordo.

Palabras clave: Cuento popular. Cultura de los sordos. Transcodificación. LIBRAS

LISTA DE ABREVIATURAS.

S = Sujeito

—
S = Anti-sujeito

S1 = Sujeito 1

S2 = Sujeito 2

S3 = Sujeito 3

S4 = Sujeito 4

DOR = Destinator

—
DOR = Anti-destinador

ADJ = Adjuvante

OV = Objeto de valor

OP = Oponente

Ø = Inexistência semiótica

PN = Programa narrativo

Td = Tensão dialética

NUPPO – Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular

ASJP – Associação de Surdos de João Pessoa

PPLP – Programa de Pesquisa em Literatura Popular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. SEMIÓTICA E CULTURA.....	15
1.1. Conceitos e métodos.....	15
1.2. Estudos greimasianos.....	17
1.3 Significações culturais.....	21
2. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	25
2.1. Trajetória.....	25
2.2. Estrutura.....	28
2.3. Cultura surda.....	32
2.4. Identidade surda.....	35
3. LITERARIA POPULAR.....	38
3.1. Conceito, características e formas de expressão.....	38
3.2. No aprendizado do conto.....	40
3.3. Narrativas surdas.....	41
4. O CORPUS: DESCRIÇÃO E METODOLOGIA DE ABORDAGEM.....	44
4.1. Descrição da amostragem.....	44
4.2 Procedimento de transcodificação e transmodalização.....	46
4.3 Glossário.....	48
5. ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTOS POPULAR JOSÉ ADIVINHADOR.....	110
5.1 Estruturas narrativas.....	110
5.2 Estruturas discursivas.....	114
5.3 Estruturas fundamentais.....	120
6. ANÁLISE DO CONTO A ONÇA E A VACA.....	124
6.1. Estruturas narrativas.....	124
6.2 Estruturas discursivas.....	129

6.3 Estruturas fundamentais.....	132
7. ANÁLISE DO CONTO <i>O HOMEM QUE MORAVA NUMA CASA DE PALHA</i>.....	135
7.1 Estruturas narrativas.....	135
7.2 Estruturas discursivas.....	138
7.3 Estruturas fundamentais.....	142
8. ANÁLISE DO CONTO <i>SÃO PEDRO MAIS NOSSO SENHOR NO MUNDO</i>.....	144
8.1. Estruturas narrativas.....	144
8.2. Estruturas discursivas.....	147
8.3. Estruturas fundamentais.....	150
CONCLUSÃO.....	151
REFERÊNCIAS.....	154
ADENDO.....	157
ANEXOS.....	248

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é usada pela comunidade surda brasileira, além de ouvintes que são amigos, familiares, intérpretes e simpatizantes. É o veículo necessário para interação e inserção do surdo no meio social, uma vez que a língua tem a função de dinamizar as relações sociais.

A Lei 10.436 de 2002 (BRASIL) reconhece a Libras como língua natural da comunidade surda e foi regulamentada pelo Decreto 5.626/2005. Este reconhecimento possibilitou vários estudos sobre tradução de textos literários em Libras.

No mundo, há uma grande disputa entre os poderes que operam nas sociedades humanas, tendo como pano de fundo a opressão social e cultural imposta às minorias, entre as quais se encontram os surdos que vem lutando por seus direitos e inserção na sociedade.

Parte da sociedade ainda considera os surdos como deficientes e incapazes, uma minoria linguística e cultural submetida a uma sociedade ouvintista que leva à comunidade surda a desapropriar-se de seus direitos, possibilidades e escolhas, conforme vem comprovando a história de opressão e exclusão que lhe foi submetida. Nesta última década, eles vêm lutando por um lugar que valorize a situação cultural, linguística e identitária de seus membros e leve em consideração seu modo diferenciado de aprender sobre o mundo e suas significações.

As significações do mundo em volta do surdo estão ligadas a suas experiências visuais, pois é através delas que se forma o sujeito surdo com uma língua, identidade e cultura diferenciadas. Considerando o princípio de que ele faz suas leituras a partir das experiências visuais, um conflito se instaura entre a comunidade surda e ouvinte, uma vez que ainda existem práticas ouvintistas que os inferiorizam, representações estereotipadas e hegemônicas sobre cultura, principalmente no meio acadêmico.

Os ouvintistas apresentam os contos através de palavras e sons, dificultando o acesso do surdo às informações, uma vez que, é unicamente através de sua própria língua que ele poderá compreender o texto. Este fato deve estar agregado às imagens não-verbais

que vão interdinamizar a leitura, na tentativa de levar o usuário de Libras a mergulhar no mundo imaginário, tornando-se sujeito do processo de conhecimento. Assim, é imprescindível compreender certos elementos integradores da literatura, adaptados ao surdo, os quais vão lhe permitir um maior conhecimento de mundo.

Na comunidade surda, contar história também ocupa espaço importante no contexto de comunicação, além de contribuir para maturidade subjetiva, para o desenvolvimento emocional e simbólico e, portanto, para a construção da cidadania. É um costume antigo, gerado pela necessidade de manifestar sua cultura e identidade, através da contação de histórias na língua de sinais.

Pode se aferir que a cultura é a herança de um grupo social transmitida de geração e geração através do convívio e da aprendizagem. Quando uma história é contada, há uma possibilidade daqueles que a ouviram se emocionarem, refletirem e criarem maneiras diversas de pensar, relacionando-a com o mundo em que vivem. Nesse contexto, o surdo fica em desvantagem, uma vez que as histórias criadas pelos ouvintes podem não carregar traços culturais e indetentários de seu povo. Do exposto, decorre os seguintes questionamentos: que valores os textos escritos em língua portuguesa vinculam traços culturais pautados em experiências visuais? Pode então um surdo entender esses valores quando transmitidos por uma língua que percorre canais diferentes para atingir o pensamento abstrato? Até que ponto os valores da cultura surda estão influenciando a cultura ouvintista?

Entendendo que o conto é a forma mais antiga de expressão na qual se perpetua a riqueza cultural de um povo, levantamos a seguinte hipótese: É possível adaptar textos de modo que agreguem valores culturais da comunidade surda numa relação intercultural.

Essa pesquisa teve por objetivo analisar aspectos semióticos presentes na transcodificação do conto popular para Libras, a fim de apresentar a cultura surda, descrever e descobrir os sistemas de valores pertinentes a sua comunidade. Para atingir esse objetivo geral, realizamos estudos teóricos que deram sustentação às análises dos textos e caminharam em três direções: sobre a semiótica, sobre a cultura surda e sobre a expressão literária popular e seu aprendizado. Em seguida, levantamos um corpus de narrativas tradicionais populares do acervo do Programa de Pesquisa em Literatura Popular - PPLP e o transcodificamos para Língua Brasileira de Sinais, procurando valorizar as nuances da cultura surda. Elaboramos para tanto, um glossário apresentando os

significados dos lexemas em libras para o português. Apresentamos, depois, a tradução para a comunidade surda, seguida de um diálogo na qual foi observada a visão surda sobre as obras traduzidas. Realizamos, a seguir, uma análise semiótica da transcodificação do texto da língua-fonte para a língua-alvo, ressaltando os valores linguísticos e culturais da comunidade surda.

A teoria semiótica considerada foi a de linha francesa, destacando as três estruturas do percurso da significação proposto por Courtès e Greimas e reinterpretados por Pais, do qual extraímos as observações sobre os conflitos presentes nos textos. A expressão popular foi discutida do ponto de vista de autores contemporâneos, entre os quais, BATISTA (2015). Da Língua Brasileira de Sinais, foram abordados sua trajetória, estrutura e inserção na cultura e identidade surda.

A amostragem efetivamente analisada como *corpus* foram quatro contos extraídos do livro “*Estórias de Luzia Tereza*” de Altimar Pimentel (2001) vol. 3, quais sejam: *José Adivinhador* (p.190); *A onça e a vaca* (p.198); *O homem que morava numa casa de palha* (p.155) e *São Pedro mais nosso Senhor no mundo* (p. 13). A escolha da amostragem teve a influência dos próprios surdos que, nessas obras, encontraram aspectos culturais de sua comunidade.

Nossa pesquisa se justifica pelo fato de que o contato do surdo com os contos populares vem sendo prejudicado, visto que, de acordo com os dados do IBGE (2000), nas famílias brasileiras, em cada 200 crianças que nascem, três são surdas e as interações familiares ficam defasadas por conta da falta de comunicação que trazem déficit linguístico, cognitivo, social e afetivo. Estudos mostram que a interação social entre os pares contribuem para formação do sujeito e que essa interação começa com a contação de história desde a tenra idade; neste caso os surdos são prejudicados, uma vez que estão isolados dentro do seu próprio convívio familiar, sem poder interagir.

Os contos populares atravessam gerações e o primeiro contato da criança com os textos são narrados pela mãe, pai e avós que suscitam o imaginário da criança através das narrativas. Neste sentido, a criança surda fica em desvantagem com relação à criança ouvinte, visto que a família não se comunica com o surdo.

Atualmente, os textos da literatura voltada para o público infantil, em geral apresentam recursos estilísticos, evocando uma linguagem lúdica próxima da infância. A

comunidade surda também tem se adequado a essa nova forma de representação, utilizando-se de recursos tecnológicos para adaptar os textos à identidade cultural do mundo surdo, com intuito de viabilizar seu acesso ao mundo literário.

A tradução de contos populares, dessa forma, além de levar o surdo a explorar a imaginação, possibilita uma relação intercultural, disseminando a ideologia de que a surdez não é patológica. Os sujeitos são capazes de processar as informações e todas as formas de compreender o universo e seu entorno através das experiências visuais.

Nosso desejo é incentivar a pesquisa acadêmica sobre a literatura popular dentro do universo da cultura surda, de forma que se possa ampliar o conhecimento dos surdos em relação à cultura popular, como também a comunidade ouvinte possa conhecer um pouco mais do universo surdo.

1. SEMIÓTICA E CULTURA

1.1. Conceitos e métodos.

A semiótica é a ciência que estuda a significação dos signos verbais, não verbais e sincréticos. O mundo está repleto de signos, os signos são as representações das coisas em nossa mente. Quando pensamos, falamos, ouvimos ou vemos um signo, imediatamente a nossa mente evoca a representação daquele signo que ali está armazenado. O ponto de partida de um semioticista é o signo, seja ele verbal ou não, no entanto, ele deve se ater as significações que os signos apresentam, principalmente nas suas relações com outros signos.

A teoria semiótica analisa as estruturas internas dos textos, apreendendo os aspectos intrínseco, a fim de determinar os valores veiculados pelo discurso. O grande compromisso da semiótica como já citado é desvendar, o que o texto diz, como diz, em que circunstâncias diz e para quem é dito.

A semiótica teve origem com os grandes pensadores da Idade Antiga, passando pela Idade Média e séculos posteriores. Historicamente, muitos estudiosos do passado, como Platão e Aristóteles, interessaram-se pelo estudo dos signos e significação. Platão descreveu o signo triádico, constituído de ônoma (o nome), práigma (a referência) e eidos ou logos (a ideia), (NÖTH, 1995: p. 25) e Aristóteles, por sua vez, definiu o signo como símbolo, considerando que fazia parte das afecções da alma. Na idade média, Agostinho considerou o signo numa concepção teológica, definindo-o como “sinais indexicais” que revelavam a vontade divina; Descartes, racionalista, dizia que a base da significação era o dualismo entre a mente e o corpo (KIRCHOF 2011, P. 118)

No século XIX, destaca-se a presença de dois vultos importantes, Charles Sanders Pierce e Ferdinand Saussure.

Fundamentando seu estudo sobre o signo na filosofia, a contribuição de Pierce para os estudos da semiótica o levou a desenvolver o modelo triádico, que define o signo como constituído de três partes: representamem, objeto e interpretante. O representamem é a

imagem perceptível de um signo. Por exemplo, quando vemos o desenho de um lápis, esta imagem é um representamen, ele é usado para representar algo em nossa mente. O objeto é a coisa representada, ou seja, a coisa propriamente dita, no caso o lápis. O interpretante é aquilo que tem uma representação individual de quem observa o signo. É o significado daquilo que vemos. Ao vermos uma imagem, nossa mente automaticamente evoca uma lembrança que tem relação com a imagem.

Santaella (2004, p. 8) postula que:

Qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo.

Entendemos, pois, que tudo que nos rodeia e é perceptível aos nossos sentidos é um signo. Desta forma qualquer coisa que represente outra, pode ser chamada de signo, independentemente da classificação verbal ou não verbal.

Saussure, fundador do estruturalismo linguístico e considerado o pai da linguística, decidiu nomear de semiologia a ciência dos signos, transferindo seu estudo da filosofia para a linguística. Ao descrever a nova ciência como o “estudo da vida dos signos no seio da vida social,” considerou que a linguística seria uma parte dessa ciência geral que estaria “vinculada ao um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos” (CLG: p.24)

O pensamento Saussuriano foi reinterpretado pelo linguista dinamarquês Hjelmslev. PAIS apud BATISTA (2002) que viu no signo diádico de Saussure, (constituído de significante e significado) os fundamentos para seus estudo semióticos. Os termos conteúdo e expressão são substitutos de significado e o significante do genebrino e possuem cada um dois momentos interligados: substância e forma. No conteúdo, a substância é sêmica (formada de traços sêmicos, ou seja figuras¹ de conteúdo,) e a forma é semêmica (constituída de sememas que é a reunião sintagmática de semas). Na expressão, a substância é sêmica (constituída de traços sonoros), e a forma é fonológica (constituída

¹ Figuras são menores unidades de conteúdo e expressão.

de fonemas). Ele chamou sentido toda substância de uma forma qualquer. Segue abaixo o quadro apresentado pela autora que resume esta descrição:

Signo	conteúdo	substância	Sêmica (sentido)
		forma	semêmica
	expressão	forma	fonológico
		substância	Fonético (Sentido)

(PAIS, 1993)

Apesar de seu estudo ter sido feito no interior da linguística, o autor permite incluir na terminologia sêmica, não só os signos verbais, como os não-verbais (gestuais, miméticos, musicais, visuais etc). Não importa a natureza da expressão, mas saber que toda expressão é expressão de um conteúdo e todo conteúdo o é de uma expressão. (BATISTA, 2013)

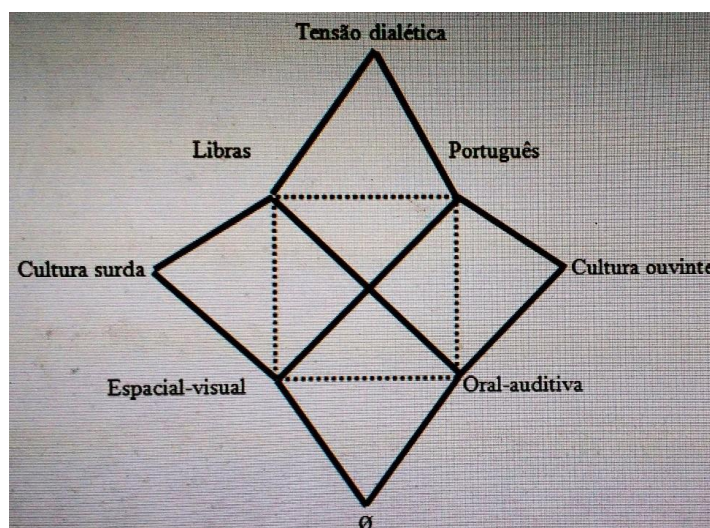
Com base nos caminhos teóricos que percorreu a semiótica, no mundo contemporâneo surgem às abordagens metodológicas norteadas pelas linhas da semiótica norte-americana de Sanders Pierce, de natureza filosófica, a semiótica russa de Iúre Lotman, voltada para os estudo da semiosfera e a semiótica linguística, de linha francesa proposta por Algirdas Julien Greimas, mais conhecida como semiótica greimasiana que será aqui destacada neste trabalho.

1.2. Estudos greimasianos

A semiótica greimasiana tem a preocupação de estudar os mecanismos que compõem o texto como objeto de significação. Neste caso, procura descrever o que o texto diz, como diz e para quem ele diz. Valoriza o processo histórico do texto e sua relação com o contexto, examinando o conteúdo sob forma de um percurso que constitui o sentido.

O autor concebeu a significação sob forma de um percurso gerativo, constituído de três níveis ou estruturas: fundamental, o narrativo e o discursivo.

O nível fundamental “é o mais profundo do percurso gerativo da significação, à qual se chega mediante a análise das estruturas narrativas e discursivas” (BATISTA, 2009). É também chamada de estrutura profunda, através da qual se constrói o sentido mínimo do texto e de onde se extraem as situações de conflito do texto. Compreende uma semântica e uma sintaxe. A primeira constitui a categorização tímica que permite ao sujeito avaliar se as relações estabelecidas nos textos são eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas), estabelecendo assim a posição dos actantes em relação ao objeto de valor. A sintaxe compreende o conflito estabelecido no texto e, geralmente, é representada por um octógono que estabelece a tensão dialética entre os sujeitos. Partindo da ideia da oposição semântica entre dois termos, constroem-se as relações contrárias e delas as contraditórias, bem como as implicações. Vejamos as definições mais claramente no octógono a seguir:



A narrativização é o nível intermediário do percurso gerativo que compreende a ação do sujeito na busca do valor. Esta é constituída de uma sintaxe e uma semântica. A sintaxe compreende as relações actanciais na narrativa e a semântica os procedimentos de modalização ou instauração do sujeito na narrativa.

Greimas & Courtés (2011, p.20-21) definem actante como “aquele que realiza ou sofre o ato, independentemente de qualquer outra determinação” e “recobre não só seres humanos, mas também animais, objetos e conceitos”. Os autores consideraram a existência de quatro pares de actantes.

O primeiro par representado pelo sujeito e o objeto encontra-se no centro da relação semiótica. O sujeito semiótico só pode ser assim definido porque tem um objeto de valor, que é aquilo desejado e buscado pelo sujeito. São os valores que o sujeito deve ou pode alcançar. De acordo com as transformações operadas, o objeto está sempre à circular entre os sujeitos e os põe em relação. Tais objetos podem ser descritivos ou modais. Os descritivos são para os sujeitos de estado, e os valores são para os sujeitos do fazer. Os objetos modais são predicados que regem outros predicados.

O segundo par de actantes é representado pelo destinador/destinatário. O destinador é aquele que tem a competência para modificar o sujeito que é o destinatário da ação. Este recebe do destinador a competência para fazer. O próprio sujeito também pode se autodestinar, sendo persuadido por manifestações interiores

O sujeito é quem desempenha o percurso em busca do seu objeto de valor instigado por um destinador, ajudado por adjuvante e prejudicado por um oponente ou antessujeito. Há dois tipos de sujeitos: os sujeitos de estado e os sujeitos do fazer. De acordo com Batista (2009, p, 03) o sujeito de estado pode terminar o percurso de acordo com suas junções com o objeto, o qual pode ser em conjunção ou disjunção. O sujeito do fazer é aquele que age operando junções transformadoras sobre o primeiro. Conclui-se então que, o enunciado do fazer é aquele que age sobre o enunciado de estado.

O terceiro par de actantes é constituído pelo antissujeito e o antidestinador. O antissujeito tem como função disputar o mesmo objeto de valor com o sujeito, ou possuir um objeto de valor que se opõe ao do sujeito, enquanto que o antidestinador é o destinador do antissujeito. Há, ainda, que considerar um quarto par de actantes: o adjuvante e o oponente. O primeiro é aquele que tem como papel ajudar o sujeito na busca por seu objeto de valor, de modo que está disposto a facilitar os caminhos do sujeito para que o mesmo conclua o percurso conjunto com seu objeto de valor. Ao contrário, o oponente tem como função criar obstáculos para impedir que o sujeito não consiga seu objeto de valor.

A semântica narrativa corresponde ao modo através do qual o sujeito se instaura na narrativa, ou seja, se por dever, por querer, por saber etc. A modalidade semiótica ou valores modais do sujeito acontece sempre que um predicado como querer, dever, saber, poder, fazer rege outro, na ordem do ser (competência modal do sujeito) e fazer (realização do sujeito), como: dever-ser e dever-fazer; querer-ser e querer-fazer; poder-ser e poder-fazer. Batista (2009 p. 03) afirma que “há modalidade quando dois predicados se

encontram numa relação na qual um reage sobre o outro”. Essa relação do sujeito com o objeto pode ser: verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta. Para o sujeito concluir seu percurso através dos valores modais, ele precisa apresentar uma competência para agir e que culmina na ação que é a performance, a transformação por ele operada.

O nível discursivo é o mais superficial do percurso gerativo da significação e é o responsável pela colocação em discurso das estruturas narrativas, sendo assumido por um sujeito enunciador que fala e um sujeito enunciatário que escuta e interpreta. Compreende uma a sintaxe e uma semântica.

O papel da sintaxe é expor a relação do sujeito enunciador com o discurso-enunciado, representado pelas relações discursivas entre si, com a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação e do enunciado. O discurso é produzido pelo enunciador e se desenvolve, sendo definido pela relação espacial, deslocando-se pela relação temporal. No enunciado os mecanismos de instauração são: *debreagem* e *embreagem*. Na *debreagem*, o enunciador está ausente da enunciação, ou seja, nela é projetada uma negação do eu-aqui-agora. Greimas e Coutés (1979, p.95). Ao contrário, a *embreagem* produz um efeito de verdade no texto, nela o enunciador se encontra na instância de aproximação do enunciado.

O efeito de aproximação e distanciamento na enunciação projeta a posição do enunciador no discurso-enunciado. Quando dizemos que o sujeito enunciador está na instância de aproximação do discurso, significa dizer, que o discurso-enunciado por ele apresenta valores reais, produzindo um efeito de verdade; nesse caso o discurso se dá em primeira pessoa. Dizemos então, que o enunciador se encontra *embreado*. O distanciamento, produz um efeito contrário, mantendo o enunciador afastado do discurso; desta feita, o discurso-enunciado se dá na terceira pessoa e o enunciador se encontra pressuposto no texto. Desta feita, dizemos que o sujeito enunciador está *debreado* na enunciação. A *debreagem*, pode ser classificada em dois tipos: como enunciativa, quando o sujeito está implícito na enunciação, mas se instaura no enunciado, pelo (eu/tu, aqui e agora), enquanto que, na *debreagem* enunciativa, o enunciador se instaura pelo, (ele, ali, então). GREIMAS & COUTÉS (1979, p. 96).

A semântica discursiva define os procedimentos semióticos de tematização e figurativização. Na tematização, o discurso é organizado de forma abstrata determinado por traços semânticos e os atores cumprem papéis temáticos que podem ser um ou mais, como por exemplo: temas relacionados a violência, condição social, racismo, amor etc. O

procedimento figurativo é percebido pelos sentidos no texto. As figuras trazem para a superfície conteúdo da estrutura profunda, e dão concretude ao tema, como por exemplo, em um texto que fala de flores, flor é o tema e rosa, margarida, dália, tulipa, etc., são figuras que recobrem o tema flor.

1.3 Significações culturais.

“A semiótica das culturas é a ciência da interpretação”, assim afirma Pais (2009, p. 19) que enfatiza a importância desse estudo para compreender o processo e a diversidade cultural (p. 20). Para isso, é necessário ter uma definição de cultura. Para alguns, cultura é o conjunto de valores de um povo, para outros é o conjunto de informações que perduram dentro de um povo, ou ainda são as manifestações através da religião, da arte, da música.

Neste sentido, a cultura pode ser considerada como um caráter universal quando é apresentada como herança da humanidade e/ou como consciência histórica de um grupo quando se apresenta como aquela que constrói significações e valores.

A cultura tem o poder de estruturar os mecanismos das relações entre os homens. Rastier (2010, p. 10) afirma que “as ciências da cultura são as únicas a poderem dar conta do caráter semiótico do universo humano”. O universo humano é composto por uma diversidade cultural em que as relações entre si são considerados objetos culturais. Ela tem o poder de favorecer o processo de humanização através relações entre os homens, porém ela se desumaniza quando assume a função de individualização em detrimento do caráter de universalidade.

Pais (2009, p. 19), também afirma que “A riqueza do homem é a sua diversidade linguística, cultural, social e histórica”. Neste caso, entende-se que o homem é um ser cultural, uma vez que é também é um ser histórico e todo o seu processo histórico contribui para a constituição das culturas. Ao referir-se à diversidade cultural, PAIS (2009) chama atenção sobre os processos de inserção cultural do homem e, para esclarecer sobre o funcionamento desse processo, o autor destaca a importância da semiótica das culturas, uma vez que ela se encarrega da transcodificação transcultural, por isso é reconhecida como “ciência da interpretação”.

As culturas estão sempre expostas na medida em que os homens se relacionam, e nessa relação a cultura aparece tanto de forma subjetiva como de forma objetiva. Na primeira instância, as relações humanas corroboram para a constante mudança da cultura criada pelo próprio homem, enquanto que, de forma objetiva é manifestada pelas obras culturais. Por isso Pais apresenta a necessidade de uma semiótica que estude todo processo de inserção cultural do homem abrangendo toda sua diversidade.

Os contatos entre as culturas nos fazem ver que dentro da imensa diversidade, existem as especificidades e, para visualizarmos as características específicas de cada cultura, faz-se necessário compará-las entre si observando suas semelhanças e diferenças. Assim ele cria o octógono que define a tensão dialética entre as culturas como segue o exemplo abaixo exposto pelo autor:

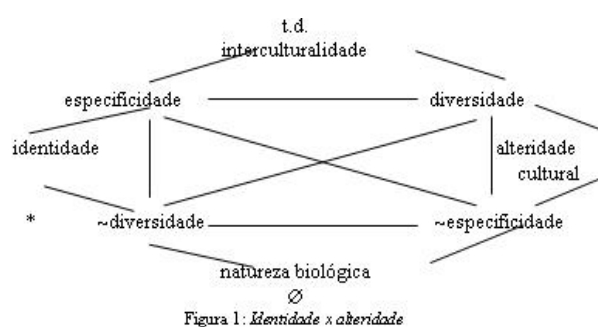


Figura extraída do site: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/13/06.htm>

Os surdos e ouvintes compartilham de uma cultura macro estabelecida por valores e padrões que regem geograficamente o espaço que compartilham constantemente; porém cada um tem suas especificidades culturais, uma vez que todo processo de inserção social é determinado por características individuais. O surdo apreende e compartilha saberes através das relações estabelecidas de forma visual, enquanto que os ouvintes compartilham esses saberes através de uma língua oral. Para a comunidade surda que se caracteriza como uma minoria cultural, baseada na teoria da semiótica das culturas, em que uma cultura só pode ser caracterizada em oposição a outra, a tensão dialética entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte pode ser estabelecida da seguinte forma:

[...] uma semiótica das culturas deve ser, por conseguinte, diferencial e comparativa. Uma cultura não pode ser compreendida apenas do ponto de vista cosmopolita e intercultural. Para cada uma, é o conjunto das outras culturas contemporâneas e passadas que desempenha o papel do *corpus*. Com efeito, uma cultura não é uma totalidade, porque se forma e desaparece nas trocas e nos conflitos com os outros. RASTIER (2010, P. 5).

Portanto uma cultura é produto das relações com outras culturas. A respeito dessa relação do homem com o ambiente social, Rastier descreve as zonas antrópicas do entorno humano, que nomeia como: Zona identitária, zona proximal e zona distal, podendo ser combinadas ou confundidas sobre a relação do homem com o enunciado.

As zonas antrópicas do entorno humano referem-se à posição homóloga em relação aos eixos da pessoa, do tempo, do lugar e do modo (p. 22), sendo a identitária a do “eu” que é a zona da consciência; a proximal é a zona da adjacência e pode se relacionar em conjunto com a identitária e formam o mundo concreto, real; a distal é a zona do distanciamento, a do mundo ausente. O autor afirma que a ciência da cultura é feita de tradições e rupturas e o cultural se identifica com o humano.

2. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.

2.1. Trajetória.

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é a língua de expressão da comunidade surda brasileira. Não é uma língua universal, cada comunidade surda fala a língua de sinais do seu País. Os surdos da China falam a língua de sinais chinesa, os surdos franceses falam a língua de sinais francesa, os surdos americanos falam a língua de sinais americana e assim por diante. É a língua materna das pessoas com surdez. Através dela, o surdo expressa sua capacidade cognitiva, seus pensamentos, sentimentos e sua relação com o mundo que o cerca. Expressa em fim, sua cultura, seus valores e sua identidade.

A Libras é uma língua visual-espacial que é processada no cérebro através das experiências visuais, diferentemente do português, cuja a experiência é auditiva. Todo e qualquer processo linguístico é constituído por um conjunto de funções complexas, assim também procede a língua de sinais que dentro das estruturas neurais recebe os estímulos visuais, os quais possibilitam a elaboração do pensamento, levando o cérebro do surdo a armazenar e combinar os símbolos para em seguida evocá-los. Possui todas as propriedades específicas das línguas nacionais conhecidas, daí seu estudo ser feito pela ciência linguística. É formada de signos que possuem significado e significante (ou, na nomenclatura de Hjelmslev (1975,p.62), conteúdo e expressão) e se relacionam sintaticamente para formar as sentenças, embora seus significantes sejam os queremas em substituição aos fonemas das línguas orais.

A língua de sinais surgiu em contato com as outras línguas. Inicialmente os surdos se utilizavam de sinais caseiros, passando por um processo de pindgin e criolização. Mais tarde os empréstimos linguísticos das letras do alfabeto de cada País passaram a fazer parte do processo de comunicação e assim foi-se dando forma aos sinais constituídos por convenção.

Stokoe foi o precursor dos estudos linguísticos da língua de sinais no ano de 1960. Na época, a língua de sinais não era considerada língua por não ser expressa através do aparelho fonador. Foi ele quem levantou os primeiros estudos, apresentando elementos linguísticos e com isso procurou provar que a língua de sinais americana era legitimamente uma língua. Em seguida, alguns surdos se uniram a ele nas pesquisas.

Muito antes desse período, os surdos foram considerados pelos ouvintes como pessoas incapazes de pensar pelo fato de não poderem comunicar-se através da língua oral, isso perdurou por séculos, levando a sociedade a tratá-los como doentes mentais e/ou deficientes intelectuais.

Os surdos são pessoas que sempre existiram em meio à sociedade, porém foram os ouvintes quem determinaram as fases que compõem a história do surdo através dos fatos narrados por eles mesmos. Períodos de exclusão social, de rejeição e de massacre. Skliar (1997), registra em suas pesquisas que na história antiga, Rômulo, fundador de Roma determinou o extermínio de todas as crianças até os três anos de idade que representassem um peso para o Estado; naturalmente muitos surdos devem ter sido sacrificados por serem considerados improdutivos.

De acordo com o processo histórico, a França é o berço da educação institucional de surdos, tendo liderado os movimentos surdos pela Europa. O abade L'Epée foi o primeiro a permitir o uso da língua de sinais ao fundar a primeira escola de surdos em Paris no ano de 1760. Daí em diante, outros educadores, tanto surdos como ouvintes demonstraram interesse pela língua de sinais que começou a ser disseminada pelo mundo todo como forma de educar os surdos.

No ano de 1857, a educação de surdos chegou ao Brasil, trazida pelo educador francês Eduard Huet, a convite do Imperador Dom Pedro e fundou o Imperial Instituto de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro, primeira escola de surdos do Brasil, hoje conhecida como INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos. Portanto, a LIBRAS é oriunda da Língua de Sinais Francesa. A partir daí os surdos brasileiros começaram a dar forma a sua língua e começaram a usá-la por todo País.

Foram vários momentos de tensão entre a comunidade surda e os ouvintes que, procuravam exterminar a língua de sinais, escravizando o surdo a uma cultura ouvintista. Em seguida, muitas discussões sobre a educação de surdos aconteceram no mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde a Língua de Sinais sofreu preconceito por parte de muitos educadores, surgindo assim vários modelos educacionais, entre eles o oralismo. Este foi considerado um período obscuro, uma vez que se baseava na ideia de que a única forma de educar o surdo era através do treinamento da fala e da leitura labial, crendo que a Língua de Sinais atrapalhava o desenvolvimento cognitivo do surdo.

Essa abordagem perdurou como modelo ideal por cem anos e neste período os surdos foram proibidos de usar a Língua de Sinais e obrigados a aprender a língua falada. Muitos deles apanhavam e tinham suas mãos amarradas para não usar a língua de sinais. No ano de 1896 Moura e Silva, professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES decidiu ir até Paris para avaliar a metodologia oralista e viu que não era eficiente para todos os surdos, daí em diante os surdos receberam autorização para se expressar através da Língua de Sinais. Logo em seguida surge a Comunicação Total, modelo educacional que permitia formas de comunicação incorporando os resíduos auditivos às habilidades da fala através de gestos, leitura labial, língua de sinais, desenhos, mímicas e português escrito. Esse modelo fracassa devido à ideia de unificar a língua de sinais ao oralismo simultaneamente. Isto trouxe prejuízo ao processo educacional do surdo, visto que as gramáticas das línguas envolvidas nesse processo apresentavam aspectos diferenciados.

Posteriormente ao fracasso dos modelos apresentados, deu-se o bilinguismo, que permite ao surdo acessar duas línguas no ambiente escolar, tendo a língua de sinais como primeira língua e o português escrito como segunda língua. Para os autores desse modelo, o surdo é visto como sujeito livre para assumir a surdez, não como uma marca patológica, mas como diferença linguística e cultural.

No Brasil, mesmo já havendo estudos sobre a surdez e a língua de sinais por pesquisadores ouvintes como: Quadros (1997, 1998, 1999), Ferreira Brito (1989, 1993, 1995), Felipe (1989, 1993), Gesueli (1988, 1998), entre outros; surge em 2005, a primeira surda por nome de Ana Regina Souza Campello que publica as primeiras pesquisas de um surdo sobre a Língua de Sinais Brasileira. Todos esses pesquisadores contribuíram para expandir a Libras por todo território brasileiro, ressaltando sua importância dessa língua na aquisição da linguagem do surdo e como o limiar de aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita.

Todos esses trabalhos serviram de contribuição para que a língua de sinais recebesse o *status* de língua aqui no Brasil por meio da Lei 10.436 em dezembro de 2005 e fosse regulamentada pelo decreto 5.626 que prevê a inserção da LIBRAS como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores do Ensino Médio e Superior e como disciplina optativa nos cursos de formação profissional. Esse reconhecimento contribuiu para o fortalecimento da comunidade surda brasileira. Os surdos agora passam a ser vistos

como sujeitos que possuem uma língua e cultura distinta dos ouvintes mesmo convivendo no mesmo espaço geográfico.

De acordo com os fatos descritos acima, por muito tempo a língua de sinais foi confundida com mímica por conter muitos sinais icônicos, e depois de vários estudos concluiu-se que a língua tem uma estrutura gramatical própria apresentando não apenas signos icônicos, mas principalmente maior quantidade de signos arbitrários, que não mantêm nenhuma relação com o seu referente. Desta forma, a formação dos sinais requer a observação a algumas regras baseadas nos cinco parâmetros, que interligados dão significados aos sinais.

2.2. Estrutura

Conforme já mencionamos, as línguas de sinais são línguas naturais do povo surdo. Cada País têm a sua língua e, portanto, com uma estrutura gramatical própria. É claro, que essa estrutura sofre influência da língua cultural do País, como também influência regional, apresentando expressões diferentes de uma região para outra. Essas variações dão mais legitimidade à língua. Em todas as línguas, entretanto, os sinais são formados com base em cinco parâmetros que, combinados entre si, dão sentido aos signos. São eles:

- **A Configuração de mão** que é a forma da mão usada na constituição do sinal, que pode partir do alfabeto manual ou outras expressões, podendo, ainda, utilizar as duas mãos ou a mão dominante. Alguns sinais podem ter a mesma configuração, mas não muda o significado a partir da ligação com os outros parâmetros. Vejamos o exemplo abaixo:



CM-13



Sinal de raiva



Figura extraída do site: <http://charles-libras.blogspot.com.br/>

- **O Ponto de articulação** é o lugar onde o sinal é feito, o qual pode ser preso ao corpo ou num espaço neutro à frente do corpo. A mão configurada em cada parte do corpo ou num espaço neutro terá significados diferentes.
- **O Movimento** ocorre com alguns sinais que exigem movimentos para completar o significado, como, por exemplo: o movimento circular, o semicircular, etc. Dependendo do movimento, o sinal pode mudar de significado.
- **A Direcionalidade** é a direção que toma alguns sinais. Ex: para cima, para baixo, para direita e para esquerda. Dependendo da direção, uma mão com a mesma configuração de mão também terá seu significado alterado.

- **A Expressão facial e corporal:** constitui um parâmetro muito importante para dar sentido ao sinal. Ela substitui a entonação da voz, a prosódia. Por isso tão exigidos pelos surdos, uma vez que a expressão define o significado de muitos sinais. Ex: sinal de “triste” – expressão de tristeza; o sinal “exemplo” – sem expressão facial.

A LIBRAS tem uma estrutura organizada como acima descrita, diferente dos gestos complementares utilizados em situações diárias. Capovilla et al (1998) afirma que os padrões gestuais (sinais) utilizados pelos surdos, são signos correspondentes a cada objeto, ação, estado psíquico e emocional num nível tão complexo, semelhante a qualquer língua oral-auditiva, contendo níveis de expressão (significante) e de conteúdo (significado). Possui um conjunto de elementos organizados que a definem como língua, a saber, as propriedades compartilhadas entre as línguas naturais como: a) flexibilidade e versalidade - que permitem à língua ter o poder de comunicar qualquer tipo de conteúdo dos mais variados; b) arbitrariedade - uma vez que a maioria dos sinais são convencionais; c) descontinuidade - visto que, se houver mudança em um dos parâmetros, o sinal sofre alteração no significado; d) criatividade e produtividade pois, a partir de uma configuração de mão, pode-se criar um número infinito de sinais por meio de combinação e recombinação dos parâmetros; e) dupla articulação porque as formas de conteúdo e expressão, representados pelas configurações de mãos são constituídas por unidades menores “distintas e combináveis” indefinidamente na formação de outras formas (GFREIMAS E COUTÈS, 1979).

Ainda explicando a dupla articulação, lembramos o ponto de vista Hjelmslev citado anteriormente (p. 62), para quem, o conteúdo e a expressão são, cada um, bipartidos em forma e substância. As substâncias são unidades menores que, reunidas sintaticamente, constituem as formas.

Outro elemento muito importante na Libras, são os classificadores, definidos como formas configurada das mãos que podem classificar o sujeito ou o objeto que está ligado ao verbo. São considerados marcadores de concordância, de gênero ou de movimentos do objeto, como mostra o exemplo abaixo:



Árvore caindo



Mulher de salto alto

As línguas de sinais são consideradas naturais para os surdos, porque surgiram, espontaneamente, da interação entre pessoas. Apresentam a possibilidade de expressão de qualquer conceito descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato; enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Labov (1972, p. 183), afirma ser a língua uma forma de comportamento social, visto que sua função é fazer o indivíduo interagir com o outro a partir da comunicação, na qual ele irá expressar suas ideias, emoções e necessidades dentro de um contexto social.

Há uma grande diferença entre a criança surda, filha de pais surdos, e a criança surda, filha de pais ouvintes. Os surdos que nasceram numa família de pais ouvintes, geralmente, têm prejuízo por retardar a comunicação com a família, visto que os pais não conhecem a língua de sinais e necessitam levá-los a uma instituição especializada para aprender a língua de sinais, o que, nem sempre, existe numa comunidade interiorana. Já a criança surda, filha de pais surdos, aprende a língua naturalmente com eles.

Rimar Segala e Sueli Ramalho Segala são dois irmãos surdos, moram em São Paulo. Ambos pertencem a uma família de três gerações de surdos. Os avós surdos tiveram um filho surdo que casou-se com uma moça surda e dessa relação nasceram os dois irmãos citados. Sueli, em entrevista ao programa do Jô Soares, afirmou que quando criança achava que todas as pessoas falavam em língua de sinais, até começar a ter os primeiros contatos com crianças ouvintes e perceber que elas se comunicavam, usando canais diferentes. Sueli e Rimar não tiveram atrasos no desenvolvimento da linguagem, uma vez que, desde o nascimento, podiam aprender sobre o mundo que os cercavam através de uma

comunicação natural. Aprenderam a ler e a escrever seguindo as etapas do desenvolvimento natural de uma criança como todas as outras.

2.3. Cultura surda.

O comportamento, as crenças e os valores são termos que podem definir “cultura”, variando de acordo com o lugar e cosmovisão de determinado grupo. Cada grupo étnico, além de seguimentos da sociedade que são ideologicamente ligados. Povos e etnias carregam traços de uma cultura herdada das gerações passadas, a exemplo dos negros, índios e europeus que formaram o povo brasileiro, assim também pode-se dizer dos surdos, cujos grupos carregam consigo traços, costumes e uma maneira peculiar de subjetivar o mundo e as coisas que os rodeiam. Então, entendemos que definir cultura é uma tarefa bastante complexa, tendo cada autor sua própria concepção baseada na sua vivência, Batista (2009 p.5) afirma que:

O termo cultura é utilizado de forma diferente pelos estudiosos, compreendendo desde o sentido genérico de toda herança social da humanidade até o específico de uma variante dentro da herança social.

Partindo do pressuposto de que cultura é uma herança social da humanidade, podemos considerar as crenças e os valores dos povos surdos como heranças que funcionam como elementos identificadores de cultura surda.

Pais (2009) propõe uma reflexão sobre as diferentes produções culturais valorizando as especificidades de cada cultura. Segundo o autor, o processo de integração de um indivíduo numa comunidade sociocultural tem a ver com sua competência cultural; ou seja, com um conjunto de saberes e valores compartilhados. São esses valores compartilhados pelos surdos que funcionam como elementos importantes na constituição de uma cultura distinta da cultura ouvinte, embora convivendo todos dentro de um mesmo espaço geográfico

Strobel (2009, p.29) postula que “cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo, ajustando-o a suas concepções visuais, as quais contribuem para definir as identidades surdas”. Desta feita, podemos dizer que cultura surda é um conjunto de significados e costumes construídos e partilhados pelo povo surdo, a partir de suas

experiências visuais, uma vez que a constituição do surdo como sujeito parte dessas experiências. Isso permite descrever o surdo não como sujeito deficiente subjugado a uma cultura dominante, mas como protagonista da sua própria história composta de artefatos culturais, capazes de definir uma identidade.

Os artefatos culturais são as produções que revelam os valores do sujeito surdo. Tais produções podem ser materiais, tradições, normas e ética do povo surdo e que os define como sujeitos diferentes do ouvinte. Os artefatos considerados pela autora são os que se seguem: a) experiência visual, quando o surdo percebe o mundo através dos olhos, provocando reflexões acerca da subjetividade; b) desenvolvimento linguístico, aprendizado da língua de sinais que leva o surdo à aquisição do conhecimento; c) família, crianças surdas filhas de pais surdos têm comportamento próprios deles; d) literatura surda, é traduzida de vários gêneros: poesias, histórias de surdos, piadas, literatura infantil, fábulas, contos, romances, lendas etc. Esse artefato traduz a memória das vivências surdas através das gerações; e) vida social e esportiva, atividades culturais, como por exemplo, casamento entre surdos, festas, competições esportivas, encontros em associações de surdos, atividades de lazer entre surdos, etc.; f) artes visuais, criações artísticas que expressam suas emoções, suas histórias e cultura. Ex: pinturas e teatro; f) política, movimentos políticos pelos direitos do povo surdo; g) materiais adaptados, livros, provas, jogos, filmes campanha luminosa, aplicativos, serviço de intérpretes etc. (STROBEL 2007, p.18)

Rastier (2015) postula que “uma cultura se define do ponto de vista sobre outras culturas e não por uma autocontemplação identitária coletiva”. Na verdade, continua o autor: “uma cultura só pode ser compreendida do ponto de vista cosmopolita ou intercultural”. Assim, podemos dizer que a cultura surda só pode ser definida quando confrontada com a cultura ouvinte e um ouvinte só poderá compreender o mundo surdo se for imerso na sua cultura, não podendo estigmatizar uma pessoa surda como aquele que pertence a um grupo culturalmente inferior apenas por não fazer parte do mundo sonoro.

A cultura não está ligada essencialmente ao mundo sonoro; ela é um termo carregado de valores, que se diferenciam entre povos e comunidades, sendo, pois as relações de poder que definem o campo cultural.

Skliar (1998b, p. 5) postula que:

Os estudos surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político.

O autor (2015, p. 51) afirma ainda que: “Os surdos são surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva.” Essa é a bandeira levantada pela comunidade surda para definir sua identidade, que não é baseada no estereótipo ouvintista. A comunidade surda segue afirmando que ser surdo é carregar valores surdos.

Baseado nesta visão, a comunidade surda tem se articulado politicamente para reivindicar uma cidadania justa que valorize sua diferença.

Para o surdo, a comunicação na língua de sinais permite-lhe a concepção de mundo a partir de uma cultura visual na qual o próprio surdo é o ator protagonista. Um exemplo disso é a diferença entre um casamento de surdos e um de ouvintes. Enquanto no casamento de um casal ouvinte a música é algo que traduz o encantamento da união, no casamento de um casal surdo, a emoção dos noivos e dos convidados surdos advém dos discursos feitos durante a cerimônia. Quanto à festa, os ouvintes se divertem com a música e a dança, enquanto que os surdos fazem rodas de conversas para contar piadas, narrar histórias e compartilhar saberes. Essa é uma das questões muito discutida dentro da área de surdez: a valorização da pessoa surda como aquela que tem uma diferença linguística, apagando a visão clínica da surdez como uma patologia e adotando uma visão antropológica.

Para Sá (2006, p. 80):

“O grupo de pessoas surdas poderia ser considerado como um grupo étnico. A etnia é definida, geralmente, através de duas dimensões: raça e língua. No caso das pessoas surdas, a língua é uma importante categoria definidora.” Esse entendimento demonstra como as questões médicas são distanciadas da complexidade da questão.

Os movimentos surdos procuram apresentar uma nova perspectiva de surdez afirmando que o problema não está no surdo, nem na surdez, mas na visão preconceituosa da sociedade ouvintista que não lhe atribui o espaço devido. Ao negar a diferença e estereotipar a surdez como a falta da habilidade de escutar sons, a sociedade ouvintista repete o amordaçamento de uma cultura minoritária, reprimida durante cem anos. Os surdos lutam por espaços em que possam disseminar sua cultura.

Essa cultura tão valorizada pelos surdos surgiu com o armazenamento de surdos em escolas especiais e em asilos. Tal iniciativa ouvintista contribuiu para fortalecer as relações entre os líderes e criação dos movimentos que defendem a valorização de uma sociedade igualitária, na qual a diferença seja vista como algo que contribua para o crescimento do sujeito surdo como cidadão.

2.4. Identidade surda.

Na pós-modernidade, o sujeito é constituído pela linguagem advinda das relações sociais. Hoje, constitui-se puramente pela linguagem, sendo um sujeito sociológico, formado por uma relação entre significados diversos dentro de uma discursão política que lhe disponibiliza uma variedade de identidades, não uma identidade fixa como se pensava anteriormente. Uma vez que esse sujeito surge dentro de uma discursão política, torna-se então um sujeito que depende da linguagem para constituição de sua subjetividade afetando assim sua identidade. Assim, hoje, o homem se constitui pela linguagem e sob seu efeito.

Desta feita, naturalmente uma identidade se constitui em um local: no seio da família, na escola, etc., Assim também as identidades surdas se constituem, a partir da interferência de outros, mediante o contato com o diferente e com seus semelhantes, porém dentro de um grupo de ouvintes; por exemplo: a família ouvinte, o surdo tem a sua identidade afetada por ideias ouvintistas de que precisa ser igual às pessoas que escutam. De forma inversa, a constituição de uma identidade dentro da comunidade surda se faz a partir do contato com seus pares, sua identidade é pautada numa perspectiva da valorização do sujeito. Portanto assim afirma Perlin (1998, p. 8):

A constituição da identidade dependerá entre outras coisas, de como o sujeito é interpelado pelo meio em que vive. Um surdo que vive junto a ouvintes que consideram a surdez uma deficiência que deve ser tratada pode constituir uma identidade referendada nesta ótica. Mas o surdo que vive dentro de sua comunidade possui outras narrativas para contar a sua diferença e constituir a sua identidade. A identidade nos meios culturais sempre foi afetada por outro poder de controle em tempos e espaços determinados.

Perlin (p. 12), postula que há um local para constituição da identidade surda, o qual chama de locais de transição. Portanto, o local em que o surdo constitui ou reconstitui sua identidade é dentro da comunidade surda. Muito deles, de famílias ouvintes, têm sua identidade moldada a partir do contato com seus pares estabelecendo assim, o lugar que o surdo deve ocupar na sociedade. Strobel afirma:

Temos variações de representações no decorrer de histórias de surdos e ao lado dessas representações, baseada nos discursos ouvintistas, encontramos os vários estereótipos negativos acerca de surdos, tais como o mudo, deficiente, anormal doente e outros. Talvez a mais sofrida de todas as representações no decorrer da história de surdos é a de “modelar” os surdos a partir das representações ouvintes. (STROBEL - 2007, p. 23)

Uma vez que dentro da comunidade surda as narrativas são voltadas na afirmação da pessoa surda como um sujeito que tem o seu valor, no caso dos surdos de famílias ouvintes, a identidade vai sendo moldada, pois surdos filhos de pais surdos já estão imersos nos discursos surdos que naturalmente vão constituindo uma identidade puramente surda. Isso ocorre porque o contato com outro surdo na língua de sinais favorece a compreensão do diálogo de forma natural, visto que, na interação, as palavras (sinais) se processam de igual forma no campo semântico e sintático. Por este motivo, alguns estudos afirmam que a identidade surda tem como base o uso da língua de sinais, pois é, no contato com a língua que o surdo interage com o outro na trocas de diálogo.

Essa afirmação consiste em dizer que a identidade à qual a teoria se refere é uma identidade social, uma vez que ela se constitui através da interação com o outro. Para a comunidade surda, a identidade e a diferença estão relacionadas à compreensão do surdo não como “um ouvinte com defeito”, mas como um “sujeito diferente” do ouvinte. A identidade surda se constrói no confronto com os novos ambientes discursivos. Dentro

dessa compreensão, o surdo começa a se desvencilhar dos modelos que a sociedade ouvintista impôs, passando a constituir uma identidade baseada nas experiências visuais.

Para entender melhor sobre a questão da identidade surda, Sá (2006, p. 118) propõe delinear a noção de sujeito, partindo da dualidade sujeito-objeto que tem como base três posicionamentos epistemológicos; a saber: o empirismo, o idealismo e o interacionismo. Para o empirismo, o reconhecimento se dá através da representação que tem o objeto. O idealismo apresenta a mente humana como responsável pelas categorias do entendimento e o interacionismo abrange as duas ações, entendendo que, tanto o sujeito como o objeto contribuem para a formação do sujeito. Portanto, entendemos que as relações sociais são responsáveis pela constituição do sujeito e sua identidade.

Silva (1998, p. 58) afirma que: “A identidade cultural ou social é o conjunto de características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são, entretanto é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos”. Neste caso, o surdo necessita de outro surdo para sentir-se “normal” e, assim, constituir sua identidade, com o outro igual. É nessa troca que se adquire a língua de sinais e se assume os valores da comunidade surda.

Ser surdo é poder constituir sua subjetividade através da relação da visão e da linguagem. O sujeito com identidade surda é aquele que tem ideal político pautado na ideia de que todos devem ter um tratamento igualitário e gozar da liberdade a qual garante a nossa constituição. O uso da língua de sinais é um dos principais pontos no processo identificatório para assumir os valores e condutas da comunidade surda.

3. LITERÁRIA POPULAR

3.1. Conceito, característica e forma de expressão.

A literatura popular é a arte verbal de um povo, feita pelo povo e para o povo. Seu aprendizado está vinculado à memória dos familiares e amigos, fora do âmbito escolarizado, tendo sido passada de geração a outra desde épocas antigas. Seu autor, com exceção da literatura de cordel, é anônimo e se define “mais em termos sociológicos que linguístico;”, Batista (2015, p.249) podendo alcançar os indivíduos de qualquer idade e/ou grupo social. A mesma autora (2015) opina que a expressão popular é enriquecida com gêneros literários diversos nas modalidades oral e escrita.

A literatura popular escrita chama-se cordel e é publicada num suporte chamado folheto. Já a literatura oral segundo Carvalho (2011, p. 109), “reúne todas as manifestações culturais de fundo literário, que são transmitidas sucessivamente de geração a geração, através da oralidade”. Todos esses gêneros de expressão popular apresentam modificações de acordo com o tempo e o espaço onde surgiram e foram absorvidos pelo povo. Daí a riqueza variacional que apresentam, como exemplo, damos a cantiga de roda *A dança das tais anquinhas* que já foi encontrada com vários títulos: *A dança carranquinha*, *A dança da carochinha*, além do anteriormente dito, *A dança das tais anquinhas*. O conteúdo persiste mesmo.

Aprendemos com nossos familiares e colegas de calçada, as cantigas de rodas, ouvimos os causos, as histórias de trancoso, os contos e as canções de ninar quando íamos dormir etc, o que contribuiu fortemente para nossa formação sociocultural.

Para Batista (2011, p. 10), a literatura popular, especialmente a expressão oral serve para formar bens relacionais. A autora faz referência às canções que ouvimos quando criança e as canções de ninar quando a mãe coloca o bebê para dormir, além das brincadeiras infantis com os colegas e o canto de trabalho como forma de constituir os bens relacionais. Essas atividades consideradas populares proporcionam a criação de vínculo, incentivam o respeito pelo outro, ativam a relação dialógica e favorecem constituição de amizades duráveis. Observamos que as crianças que vivem essas experiências, são adultos que possuem relações duradouras desde a sua infância, visto que

cativaram amizades através do contato com o outro, sendo a literatura popular veículo pelo qual essas relações surgiram.

A literatura popular mantém viva à memória as tradições das gerações passadas e nos legitima como cidadãos de uma sociedade e/ou uma nação. O elemento principal que caracteriza a literatura popular é a oralidade. Apesar da evolução do mundo moderno e dos avanços tecnológicos, ela se mantém viva nas comemorações festivas das cidades do interior, na boca dos cantadores e na memória dos homens. É uma literatura que agrega os valores tradicionais, mas interage com o mundo moderno através de artefatos tecnológicos. Foi através da modernidade que a literatura popular passou a transitar entre a tradição e a sociedade moderna fazendo surgir inúmeros estudos sobre o assunto. Neste âmbito, destacamos Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista que dedicou suas pesquisas sobre literatura popular na UFPB durante anos e fundou o PPLP (Programa de Pesquisa de Literatura Popular). A referida professora foi a grande inspiração para esta pesquisa, visto que seus discursos transbordam a literatura popular.

Batista afirma:

Os gêneros literários de expressão popular se diferenciam por uma enunciação, muitas vezes híbrida e enriquecida por outras linguagens, como o canto, o gesto, a dança, que a transformam em um espetáculo semiótico de grandes proporções. BATISTA (2013, p. 3)

A sociedade moderna mantém viva a literatura popular, nas manifestações tradicionais, como festas juninas, autos natalinos, carnavais, etc. Sua forma simples de apresentação atrai a todos e leva o povo a se identificar com suas raízes.

Conforme já foi mencionado, podemos encontrar variados gêneros literários populares, a exemplo dos contos, narrativas curtas que foram escolhidas como *corpus* dessa pesquisa de que falaremos no item seguinte.

3.2. No aprendizado do conto.

Os contos populares, focalizados nessa pesquisa, abordam vários assuntos ligados à vida cotidiana como tristeza, alegria, romance, família, religião, etc. Podem também apresentar personagens como vilões, heróis, animais e outros. Além de divertir, os contos populares servem para orientar as pessoas na resolução de alguns problemas e dar bons exemplos. Nos contos, muitas narrativas estão ligadas à tradição e às crenças de determinado grupo regional.

Pessoas diferentes contam histórias de maneiras diferentes usando as mesmas temáticas e os mesmos personagens. São contos que sofreram mudanças ao longo do tempo sem perder a essência. O importante é o efeito que esses contos exercem sobre quem lê ou quem escuta as histórias, levando-os a fazer reflexões sobre determinados conflitos.

Os contos são muito usados nas escolas para ensinar a criança a tomar determinadas decisões diante de alguns problemas, como também ensinar o respeito aos animais, respeitar os colegas, as pessoas mais velhas, entender que fazer o mal sempre traz consequências ruins, etc. Os textos nascem na imaginação do povo e são narrados numa linguagem vulgar sem se preocupar com a gramaticalidade da linguagem escrita. Os textos criados são enriquecidos pelo próprio povo e, quando vão alcançando regiões diferentes, vão tomando a forma cultural daquele grupo.

O conto é um dos gêneros mais importantes da literatura popular que se caracteriza por ser uma narrativa prosaica, não muito longa, que destaca as peripécias de um herói. Outras características são elencadas por Aragão (2004, P. 44) em:

“A antiguidade, o anonimato da autoria a capacidade de resistir ao tempo, o processo de divulgação, a convivência do homem com o mágico-maravilhoso, a ficcionalidade sem compromisso com a realidade, o reflexo de situações sociais”.

O conto está vivo na memória das pessoas, atravessando gerações. Cremos que este fato está relacionado às características de que o gênero agrega a capacidade de alcançar todas as pessoas sem distinção de classe social, etnia, raça, nível de escolaridade etc. O conto encanta e aproxima as pessoas pela forma como é exposto pelo interlocutor, sem obrigatoriedade da linguagem formal. Acompanha o homem desde a infância, até a fase adulta. É um tipo de literatura que agrada o povo e é bastante presente na escola. Muitos

profissionais da área de saúde mental reforçam a importância de trabalhar os contos desde a educação infantil. Eles afirmam que as ações praticadas pelos personagens têm o poder de influenciar na formação do indivíduo, além de estimular a criatividade e contribuir na tomada de decisões diante às adversidades da vida.

Os heróis, têm grande significado para as crianças, despertando a fantasia e criatividade, ficando armazenados no inconsciente da criança. É através das ações dos personagens que a criança aprende sobre as regras e leis de convivência. Por isso, o conto apaixona principalmente as crianças.

A diversidade cultural é sempre contemplada nos contos, uma vez que cada pessoa que narra o conto adapta a cultura do público alvo, levando em consideração o espaço geográfico, a cultura local, a linguagem do povo, etc. O contador evoca as narrativas armazenadas na memória e as adapta às convenções textuais atuais, como também a cultura e ideologia da comunidade em que se encontra inserido.

Uma vez que o conto popular se caracteriza pela oralidade, o contador geralmente se reveste de elementos que atraem a atenção do público, como por exemplo, a adequação da voz, afim de referenciar personagens e a expressão corporal para embelezar a narrativa.

Luiz Câmara Cascudo foi um dos importantes pesquisadores sobre cultura popular no Brasil. Sua contribuição serviu para fortalecer esse tipo de literatura ao imortalizar personagens da cultura popular como, por exemplo: O curupira, o saci e a mula-sem-cabeça que passaram a fazer parte do acervo cultural brasileiro e que fizeram parte da vida de muita gente. O autor ainda afirma que os contos tem grande contribuição na constituição das ciências com informações históricas e sociológicas.

3.3 Narrativas surdas.

A arte de contar histórias sempre fez parte da cultura surda que usa sua língua de sinais para transferi-las de uma geração para outra. Carregam traços da trajetória do povo surdo e, geralmente, procuram mostrar a importância de sua língua como instrumento de empoderamento da comunidade surda, após terem vividos cem anos subjugados a uma cultura majoritária que a reprimia.

As narrativas surdas são expressas através das mãos e visualizadas pelos surdos que entendem e sentem emoção ao apreendê-las e assim surge a literatura surda que se utiliza de determinados espaços para poder afirmar suas tradições e tornar conhecidas suas histórias outrora reprimidas, como: associações, escolas e pontos de encontros.

É através dessa literatura que os surdos abordam a surdez como algo natural apoiando-se no aspecto da diferença linguística e cultural com foco na experiência visual para criar conceitos subjetivos, tentando fazer com que a sociedade ouvinte apague a ideia da surdez como patologia. A literatura objetiva resgatar o valor do surdo como ser produtivo e criativo. São muitas as produções surdas, a exemplo das adaptações dos clássicos infantis como: Cinderela surda, Rapunzel surda, o Patinho surdo, Pinóquio e outros. Todas essas narrativas retratam a identidade e cultura surda.

Karnopp (2006, p. 5) afirma:

Cabe considerar que inúmeras histórias são contadas em língua de sinais pelos surdos, mas que não são registrados em livros para a divulgação e leitura das mesmas em escolas de surdos e na comunidade em geral. Neste sentido, utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo linguístico e cultural diferente.

Muitas histórias da literatura popular são narradas nas comunidades surdas, porém algumas não têm registro escrito. Com o avanço da tecnologia, as narrativas em língua de sinais passaram a ser registradas em vídeos, o que tem permitido ao surdo o acesso a essa literatura dentro das associações, escolas e até em casa. Os registros virtuais são de grande importância para viabilizar as interações entre seus pares, possibilitando a criação de bibliotecas virtuais.

Devido a habilidade em reproduzir movimentos de expressão corporal, eles contam piadas, contos, romances e outros, muitas vezes fazendo adaptações, substituindo personagens ouvintes da história original por um personagem surdo, a fim de valorizar a diferença entre o mundo surdo e o mundo ouvinte.

A literatura surda são produções feitas pelos surdos que traduz a vivência dos povos surdos de geração a geração. Nas produções incluem-se romances, piadas, contos, fábulas, literatura infantil e lendas. A literatura é de extrema importância para difusão da cultura

surda, visto que as produções traduzem os valores culturais do povo surdo e são contadas em língua de sinais.

Karnopp (2010, p. 9) cita várias obras em Libras que são traduções e adaptações de clássicos universais feitas por surdos e uma equipe de intérpretes. Para a autora (p. 5) o contato do surdo com a comunidade ouvinte favorece as produções culturais surdas, uma vez que a relação intercultural proporciona o bilinguismo. Essas obras são disponibilizadas pela editora Arara Azul e produzidas em DC-R em Libras e Português, a exemplo de: Pinóquio, Alice no País das Maravilhas, Aladim e a lâmpada maravilhosa, etc. Existem ainda adaptações de obras clássicas como: Iracema, O velho da horta e alguns contos de Machado de Assis.

As adaptações feitas surgem da necessidade que tem os contadores de adequar as histórias ao contexto social em que determinado grupo está submerso, na intencionalidade de incentivar a prática de leitura e recontagem de histórias, promover uma relação entre contador da história e aquele que assiste, e por fim valorizar a questão da identidade daquele que conta a história. Neste caso, segundo a Strobel (2009, p.42) a literatura se divide em três tipos de produções:

- Adaptações de clássicos que trazem representações culturais e identitárias da comunidade surda. O objetivo dessas produções é trazer para literatura o discurso de representação do povo surdo.
- Criações são produções a partir de ideias que circulam na comunidade surda, como: piadas e narrativas que geralmente envolvem as questões de conflitos entre o surdo e o ouvinte. Essas histórias surgem através dos encontros em escolas, associações e pontos de encontros.
- Tradução de histórias para língua de sinais sem interferência dos valores culturais da comunidade ouvinte. O objetivo dessa produção é levar o surdo ao conhecimento do acervo dos clássicos da literatura.

4. O CORPUS: DESCRIÇÃO E METODOLOGIA DE ABORDAGEM.

4.1. Descrição da amostragem

A amostragem efetivamente analisada nesta pesquisa constou quatro contos populares extraído do livro “Estórias de Luzia Tereza”, organizado por Alencar Pimentel, durante pesquisa que realizou no NUPO. O autor levantou 242 histórias contadas por Luzia Tereza dos Santos, uma mulher simples do interior da Paraíba, considerada um fenômeno da literatura popular por ter armazenado em sua mente um número considerável de contos. Os quatro contos escolhidos foram: “*José Adivinhador; A onça e a vaca; São; O homem que morava numa casa de palha; São Pedro mais Nosso Senhor no mundo*”

No primeiro conto, José era um homem pobre que sonhava ter uma vida melhor, resolve então sair em busca do seu objetivo que era ganhar dinheiro para viver bem com a família. Chega num reino e se hospeda na casa de um homem, ao se apresentar e dizer seu nome, “José Adivinhador” o homem suspeita que ele consegue adivinhar e sai correndo contar para o rei.

O rei ao saber do novo morador que adivinha tudo, manda chamá-lo para saber se ele realmente pode adivinhar. Ao chegar à presença do rei, José confirma que adivinha de verdade, porém sendo muito esperto, aproveitou-se para enganar ao rei. José logo pega objetos do palácio sem que ninguém veja, como, o relógio, o anel da princesa e colar, e os esconde. A cada vez que um objeto desaparece, o rei desesperado manda chamar José para encontrá-los. O adivinhador nunca erra, sempre sabe onde estão os objetos, uma vez que é ele mesmo, quem esconde. A cada serviço de adivinhação prestado pelo adivinhador, o rei lhe recompensa com um saco de dinheiro, todavia o rei não se conforma em ter que perder tanto dinheiro para um homem forasteiro. Então trama matá-lo para recuperar seu dinheiro.

O rei pede a seu empregado para comprar um pote, encher cocô e enterrar nas quintas, pensando que José não conseguiria adivinhar. Por sua vez, esperto como era, José sempre ia ao palácio na calada da noite e viu dois empregados enterrando o pote de cocô no jardim do palácio. Ao amanhecer, o rei manda chamá-lo para dizer o que estava enterrado em seu jardim, na esperança de que ele não conseguisse fazê-lo, a fim de matá-lo e recuperar todo dinheiro, mas José afirma que havia enterrado ali um pote de cocô. Mais uma vez o rei teve que recompensá-lo pelo feito e, com muita raiva, faz o pagamento e o

expulsa do reino. José satisfeito com o dinheiro que ganhou vai embora para casa viver feliz com a família e o dinheiro que ganhou.

O conto *A onça e a vaca* narra a história de uma onça que estava grávida e precisava alimentar-se. Sem ter o que comer na floresta, encontra uma vaca que também estava grávida e finge ser sua amiga. Sua intenção, na verdade, era esperar que o filhote da vaca nascesse para poder comê-lo. A onça, muito esperta, consegue ganhar a amizade da vaca. As duas passam a viver todo tempo juntas. A onça faz um pacto com a vaca, dizendo que ambas seriam madrinhas, uma do filho da outra quando nascessem. A vaca então, muito comovida pela gentileza da onça, aceita. Os filhotes nascem e se tornam companheiros. Um dia a onça tem a ideia de levar a vaca para um lugar distante, mas faz a proposta de deixar os filhos. A sua intenção era afastar a vaca do seu filhote para poder atacá-lo e comê-lo, porém o filho fica sabendo da trama da mãe e resolve fugir com a vaquinha. Os dois filhotes fogem para bem longe. Ao chegar à caverna, a onça não encontra os filhotes e logo trata de dizer a vaca que pensa que sua filha foi devorada por outro animal. Então a vaca desconfiada da onça resolve romper a amizade. Um homem que passava pela floresta resgata a vaquinha para sua fazenda e o filhote da onça foge para viver na floresta. A vaquinha cresce e dá muito leite e vive feliz.

O homem que morava numa casa de palha descreve a história de uma família pobre que morava numa casinha de palha ao lado do palácio do rei. Um dia, o rei se interessou em saber quem morava naquela casinha e resolveu fazer uma visita. O rei, ao ver a pobreza em que vivia o homem e sua filha, faz um convite para que a mesma fosse trabalhar no palácio. A jovem aceita o convite e, no palácio, encontra um príncipe por quem se apaixona e é correspondida por ele. A moça usa a inteligência para conseguir casar-se com o príncipe. Ao completar três anos de trabalho, a rainha disse que poderia pedir o presente que quisesse e seria concedido. A moça, resolve levar para casa o príncipe, que era o presente que ela queria. O príncipe convence os pais que autorizem o casamento e assim é feito e ambos foram viver felizes no palácio.

São Pedro mais nosso Senhor no mundo narra a história de um homem que era criminoso que foi encontrado por São Pedro e Nosso Senhor durante uma caminhada pelo mundo. Os dois pedem ajuda para pernoitarem na casa do homem. Este permite, porém determina que eles só podem ficar até determinada a hora. A determinação foi motivada pelo fato de que o homem iria sair para roubar as pessoas. Como castigo, Jesus transforma

o homem em um cavalo que, alugado por um desconhecido, vai trabalhar em um engenho. Lá ele sofre muito, até que Jesus retorna à terra para resgatá-lo e levá-lo para casa. Com o castigo, o homem se arrepende, pede perdão e promete nunca mais fazer o mal. O perdão é concedido e ele vai viver melhor.

4.2. Procedimento de transcodificação e transmodalização.

. Transcodificamos os contos do português para Libras em duas modalidades: libras escrita e Libras sinalizada, em cuja tarefa, contamos com a contribuição de dois surdos, I. B. e J. V. Na primeira modalidade, o texto foi transcodificado, ajustando-se à estrutura sintática da Libras, aproveitando alguns empréstimos da língua portuguesa, a exemplo de lexemas², como verbos e substantivos. Porém, por sofrer influência da língua sinalizada, traz aspectos distinto da escrita portuguesa. Portanto estão apresentados em caixa alta, separando as sentenças por uma barra. Na modalidade sinalizada, o texto respeita, fielmente, a estrutura da língua de sinais, fundamentando-se nos cinco parâmetros, apontados no item (2.2).

O texto transcodificado para modalidade sinalizada foi apresentado ao grupo de dez surdos da comunidade surda de João Pessoa reunidos na ASJP. Depois, fizemos uma entrevista informal, de forma coletiva, na qual foi observada a visão surda sobre as obras traduzidas. O resultado dessas entrevistas gerou a necessidade de fazermos um glossário para facilitar a compreensão por parte dos leitores surdos ou ouvintes e evitar estranhamento de termos desconhecidos. Sua constituição se deu a partir da leitura do texto original com foco na língua de chegada, porém levando em consideração a originalidade do texto de partida. Neste caso, tanto os verbetes, quanto os conceitos designados tiveram a orientação dos surdos colaboradores apontados acima. Contemplando às comunidades culturais em questão, os termos usados pela narradora nos contos estão apresentados em negrito e além de serem apresentados visualmente em língua de sinais. Veja-se o glossário completo no item 4.3.

Analizamos os contos na perspectiva da teoria semiótica desenvolvida por A. J. Greimas, ou seja, considerando o percurso gerativo e, portanto, do ponto de vista das

² Lexemas são signos que apresentam um conteúdo do universo biossocial como substantivo, adjetivos, verbos e advérbios nominais.

estruturas narrativas, discursivas e fundamentais. Complementamos esta análise com o estudo das zonas antrópicas de Rastier e as análises da semântica fundamental de Pais de que extraímos as observações sobre os conflitos presentes nos textos. Em cada análise foram apresentados exemplos das três modalidades: libras sinalizada, libras escrita, e por último língua portuguesa.

Por fim, apresentamos o resultado das análises, destacando pontos relevantes levantados pelos surdos na constituição da intertextualidade, seguido de quadro com os equivalentes linguísticos, a fim de evitar equívocos entre os leitores.

Na transcodificação do conto para Língua Brasileira de Sinais, procurou-se levar em consideração alguns aspectos importantes da cultura surda. Para a produção dos textos foram necessários à utilização de alguns recursos importantes que serão descritos a seguir:

O Cenário fixo apresentou um único plano de fundo, cor da roupa em contraste com a pele para uma melhor visualização. Utilizamos uma máquina fotográfica profissional. Nesta ocasião, contamos com a contribuição da professora intérprete de Libras Kátia Conserva, que fotografou todos os textos.

Durante a transcodificação para a Língua Brasileira de Sinais, os aspectos da visualidade foram incorporados às ações dos personagens. Foram utilizados recursos miméticos e o roly-play, costumeiramente usados na tradução de narrativas, na qual o intérprete movimenta o corpo para os lados, assumindo a posição de cada personagem durante o diálogo. O objetivo desse recurso é transformar a narrativa num cenário visual acessível aos olhares surdos. Neste caso, o narrador incorpora todos os personagens marcando cada um em um ponto fixo e fazendo o movimento de rotação do corpo na representação do diálogo de forma simultânea.

. Os sinais utilizados na transcodificação são aqueles convencionalmente, utilizados pela comunidade surda de João Pessoa; portanto, possuem especificidade semântica, o que se aplica exclusivamente, a uma visão particular em que os surdos de João Pessoa constroem, semioticamente, sua relação com o mundo. Estes são apresentados no glossário a seguir. Observa-se que a roupa da intérprete na cor vermelha mostra termos da língua fonte desconhecidos pela comunidade surda e, na cor preta, as palavras da língua fonte já conhecidas por eles.

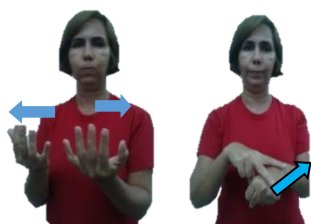
4.3. Glossário:



Arranjar/ ganhar



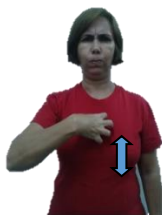
Apelido /sinal – forma utilizada na comunidade em substituição do nome próprio para identificar as pessoas. O sinal tem a mesma função do pseudônimo ou apelido usado pelo ouvinte.



Capim – Sinal composto (grama + verde), usado pela comunidade surda para identificar a grama.



Roseira/ planta-flor – sinal usado pela comunidade surda.



Zangou-se/ raiva – sinal usado pela comunidade surda para expressar momentos de raiva e ira.



Bocado/ quantidade – Sinal sugerido pelos surdos colaboradores através do uso de classificador que tem a função de tomar a forma de objeto, volumes etc.



Anelão/anel grande – sinal usado pela comunidade surda, o qual a expressão facial expressa a forma do objeto com relação ao tamanho.



Caçou/procurou – Sinal utilizado pela comunidade surda com o significado de procurar.



Quintal/atrás da casa – Sinal utilizado pela comunidade surda para referir-se ao espaço atrás da casa.



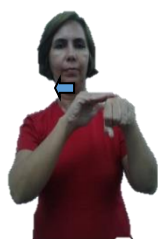
Engalhado/pendurado - Uso de classificador para referir-se a sentença do texto em que o colar fica pendurado na roseira.



Inventar/criar – Sinal utilizado pela comunidade surda com significador de “criar”.



Potinho de barro – Em sugestão pelos colaboradores foi-se utilizado um sinal composto (barro + classificador do objeto) para identifica a forma e o tamanho do objeto.



Fulano/ pessoa sem sinal (nome) – Termo desconhecido pela comunidade surda e sem função na linguagem. Sugerido pelos surdos colaboradores, utilizou-se o sinal de “chamar” para identificar o personagem sem nome, pois os surdos, ao falar com alguém sem utilizar seu nome de batismo (sinal instituído pela comunidade surda), usa o sinal abaixo apresentado.



Fedendo/ cheiro ruim – Sinal usa pela comunidade surda para referir-se ao “mal cheiro”.



Futurar/vida aliviada, tranquila - Sugerido pelos surdos colaboradores, utilizou-se uma sinal composto (alivio + tranquilo). O sinal feito com uso do neologismo tem a função de esclarecer o significador do termo utilizado pelo narrador.



Canto/lugar - Sinal utilizado pela comunidade surda com significado de “lugar”



Derradeira/última – Sinal utilizado pela comunidade que significa “último”.



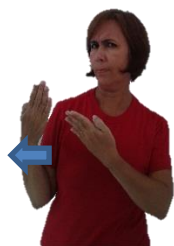
Buchuda/grávida – sinal utilizado pela comunidade surda que significa “grávida”.



Acamaradar/ companheirismo – sinal sugerido pelos colaboradores surdos, que significa ganhar um amigo.



Furna, Loca/ caverna, gruta – sinal utilizado pela comunidade surda para referir-se a uma cavidade na rocha e que pode significar os dois vocábulos indicados.



Cismar/desconfiar – sinal utilizado pela comunidade surda que significa “desconfiado”.



Vassalo/Súdito – Uma vez que o termo é desconhecido pela comunidade surda, os colaboradores sugeriram o sinal que significa empregado ou homem que presta serviços.



Detiorado/que está em decadência – Uma vez que o termo é desconhecido pela comunidade surda, os colaboradores sugeriram o sinal que tem o significado de algo danificado, acabado.



Alva/branca - Sinal utilizado pela comunidade surda para dizer que a pessoa tem a pele branca.



Caprichosa/ zeloso – Sinal utilizado pela comunidade surda para indicar que algo é correto, perfeito. Neste caso foi usado para dizer que a menina trabalha com perfeição.



Boquinha da noite/anoitecendo – sinal utilizado pela comunidade surda, com significado de “anoitecer”.



Pedir arrancho/pedir hospedagem – sinal sugerido pelos colaboradores surdos que significa “pedir para dormir”



Ficar lorde/ficar nobre – Sinal utilizado pela comunidade surda para indicar que alguém é chique ou bem apresentável.

.



Homem



referenciar o personagem principal.

José Esperto, sinal escolhido para



Ter



Ele



Casado



Sinal



Dia



Falar



Eu



Fugir



Dinheiro



Casa



Voltar



Então



Embora



Andando



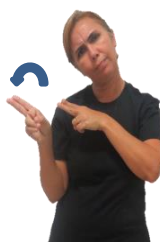
Chegou



Pediu



Ficar



Dormir



Descobrir



Coisas



Saber



Futuro



Mas



Não-ter



Verdade



Dono



Perguntar



Seu nome?



Meu



Admirado



Foi



Rei



Explicar



Aqui



Tudo



Pode



Dele



Chamar



Aqui



Você



Verdade



Aproveitar



Distraído



Pegar



Esconder



Rei



Procurar



Relógio



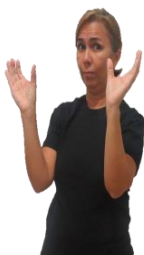
Não encontrar



Noite



Jardim



Palácio



Colocar



Mandar



Empregado



Chamar



Encontrar



Raiva



Culpa



Menina



Perder



Dinheiro



Saco cheio de dinheiro



Pensar



Depois



Matar



Bobo



Já



Anel



Princesa



Cavar buraco



O tempo passou



Quem



Você



Onde?



Ganhar



Outra vez



Amanhã



Aproveitar



Ouro



Colar



Pé de flor



Não-ter



Outra vez



Sim



Três



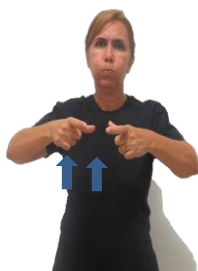
Agora



Ideia



Comprar



Pote



Barro



Cocô



Cavalo



Curiosidade



Ver



Dois



Fedendo



Preso



Morrer



Vai embora



Vai



Pobre



Feliz



Abraçar



Esposa



Ficar



Onça



Fome



Árvore



Onça andando/ andar de animal



Nada



Comer



Vaca



Amiga



Nascer



Madrinha



Sempre



Junto



Mau



Fingir



Também



Caverna



Grama



Crescer



Sonhar



Vamos



Longe



Fugir



Porque



Mãe



Quer



Atacar



Enganar



Vou



Voltar



Matar



Levar



Correr



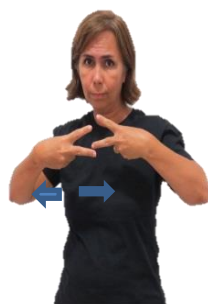
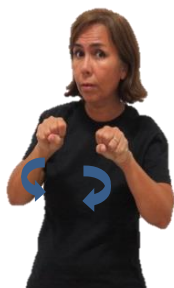
Vazio



Achar



Nós-dois



Animal



Desconfiada



Melhor



Melhor



Falso



Longe



Chefe



Cuidado



Carinho



Crescer



Especial



Leite



Floresta



Viver



mundo



Deus



Com/junto



São Pedro



Andando juntos



Começar



Pedir



Aceitar



Projeto



manhã



Cedo



Certo



Madrugada



Hora



O que?



Ladrão



combinar/marcar



Caminho



Adimiração



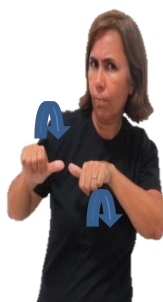
Escondi atrás do pau



Onder?



Cavalo



Transformar



Ui!



corda



Amarrar



Puxar



Engenho



Vender



Alugar



Então



Ok!



Trabalhar



Pessoa



Mal



Bater com xicote



Doente



Ferida



Magro



Horível



Ano



Pater na porta



Melhrer



Roupa



Preto



Caçar



Parece



Conhecer



Sim



Jesus



Calma



Chorar



Abençoar



Ajoelhar



Perdão



Agora



Cuidado



Se arrumar



Bonito



Ajudar



rico



Sempre



Grande



Como?



Emprestar dinheiro



História



Idade



Depois



Tempos passar



Lembrar



Família



Pouco



milho



Feijão



Moedas



Rosto



Passar roupa



Varrer



Coisa



Rede grande



Muito bonita



Acordar



Escolher



Problema

5. ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO POPULAR JOSÉ ADIVINHADOR/ESPERTO

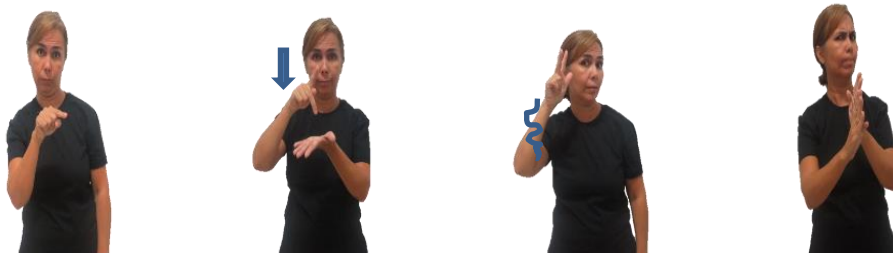
5.1. Estruturas narrativas.

Dois sujeitos semióticos compõem a narrativa do texto em análise: o S1 e o S2.

O sujeito semiótico 1–S1, figurativizado por José Esperto, tem por objeto de valor a riqueza (OV1) para viver feliz com a família, que é pobre, instaurando-se, na narrativa, pela modalidade do querer-ser (rico, feliz) e do querer-fazer (lutar para obter a riqueza). Para tanto, resolve viajar pelo mundo a fim de obter o dinheiro. Sua insatisfação em ser pobre funciona como destinador que o impulsiona na busca do objeto de valor. Trata-se de uma autodestinhação, porque está dentro dele próprio. Durante a viagem, hospeda-se na casa de um homem desconhecido que se torna, depois, seu adjuvante no acesso ao palácio do rei onde é apresentado como adivinhador. Com esperteza, ele consegue esconder objetos do rei (o relógio, o anel e o colar) - (OV3) e, depois, fazer com que fosse descoberto (OV4). Pensando que os havia perdido, o rei dá como tarefa ao adivinhador encontrá-los (OV5) momento em que ele se instaura na narrativa por um dever-fazer (obedecer ao rei). A ação de José suscita a inveja do rei que se torna seu antessujeito, sendo os súditos seus oponentes. O S1 conclui a narrativa conjunto com seu objeto de valor. Vejamos o exemplo, codificado nas três modalidades: Libras sinalizada, Libras escrita e língua portuguesa:

Libras na modalidade sinalizada







Libras na modalidade escrita

“ - EU VIAJAR MUITO – GANHAR DINHEIRO CASA VOLTAR.”

“ - VOCÊ ESPERTO VERDADE – DESCOBRE TUDO? SIM”

“- O REI MANDAR EMPREGADO CHAMAR JOSÉ ESPERTO / ELE
CHEGAR / JOSÉ FALOU: RELOGIO TEM AQUI NO JARDIM PODE PROCURAR /
PROCURAM – PROCURARAM – PROCURARAM / ENCONTRAR RELÓGIO!”

Língua portuguesa:

“... Vou sair, só volto quando ganhar dinheiro”,

“... - Você diz que é adivinhão? - sou, rei meu senhor”.

“ Vá chamar José adivinhador para ele fazer onde está meu relógio. José adivinhador disse
que adivinhava...

“Foram chamar.”

“– É, rei meu senhor, pode procurar que o relógio está aqui no seu jardim.

“Procuraram, procuram, encontraram o relógio”.

O sujeito semiótico² - S2, que vem discursivizado pelo rei, tem como objeto de valor (OV1), manter a sua fortuna e conta com adjuvância dos seus súditos. Na verdade, José é o antessujeito do rei que se reveste de adjuvante, para usufruir do seu dinheiro e atingir o seu valor, a riqueza. O S2, quando viu que todo seu dinheiro estava sendo transferido para José, decidiu mudar o percurso: matá-lo para reaver seu dinheiro (OV2). A autodestinação é o que o impele a querer enganá-lo (OV2) e matá-lo (OV3) para recuperar seu dinheiro, instaurando-se, pois, como um sujeito de um querer-fazer. Manda esconder um pote cheio de cocô (OV4), e dá ordem a José para encontrá-lo (OV5) e adivinhar o que tem dentro (OV6). Este atende ao pedido do rei rápido porque viu quando os súditos do rei escondiam o pote. O rei que já havia dado a palavra, foi obrigado a entregar o dinheiro (OV7), quando se instaura por um dever-fazer, ou seja, manter a palavra dada, uma vez que era o rei e assim conclui a narrativa disjunto com seu objeto de valor.

Libras na modalidade sinalizada:



Libras na modalidade escrita:

“DINHEIRO DEU PERDEU, MAS DEPOIS EU MATAR JOSÉ E PEGAR DINHEIRO MEU”.

Língua portuguesa:

“Ele ganhou meu dinheiro e depois eu mato ele e fico com o dinheiro” .

5.2 Estruturas discursivas:

A discursivização mostra um enunciador pressuposto no enunciado, e, portanto, distante dos fatos narrados. O enunciador traz informações sobre a experiência de vida de um personagem que, impulsionado pelo desejo de uma vida melhor, usa a esperteza para atingir seu objetivo. Neste caso, o sujeito da enunciação desempenha o papel de narrador dos acontecimentos a respeito dos atores enunciados. Pode-se classificar a debragem como enunciva na proposta greimaseana.

Na estrutura atorial, apenas um ator é apontado pelo nome próprio – José – também referenciado por adivinhador/esperto e homem pobre. Os demais participantes são chamados pelos papéis temáticos ou funções sociais que exercem: o rei, a mulher de José,

a princesa, as meninas que são apontadas pelo rei como responsáveis por perderem seus objetos e o da sua filha. Na libras sinalizada, os papéis temático são os mesmos, porém os atores são caracterizados de forma diferentes, subtraindo o artigo, visto que no sinal ele já está intrínseco; por exemplo: REI, MULHER-ESPOSA-REI-MULHER, FILHA-REI.

José, embora usando a esperteza para enganar e obter lucro, passa a ser visto como duplamente vencedor: rico e sábio. Na verdade, no texto em português, José é apelidado adivinhador, enquanto que, na língua de sinais, ele é esperto, agiu com sabedoria para obter o valor (não houve adivinhação porque ele sabia onde estavam os objetos), mas, somente ele, sabia a verdade, por isso sua atitude se configurou diante do rei e dos vassalos como sabedoria, vontade de ajudar etc, e, portanto, um herói. Ao passo que o rei, ao agir com autoritarismo e programar a morte de José, passa a ser figurativizado como vilão. Além disso, e o que ele fez foi do conhecimento de todos. Observa-se aqui, uma diferenciação entre o texto surdo e o texto ouvinte, a respeito do nome da personagem. Para o surdo, a habilidade de adivinhar está relacionada a um número de mágica, portanto equivocando o sentido do signo. José não era mágico, apenas se valia do nome para se dar bem. A troca do nome do personagem foi pensada a partir do nome próprio e por isso o “J”, adicionado ao sinal de “esperto”, ficou sendo característica relevante da personagem identificada pelos surdo, como a seguir:



Vejam-se os exemplos do texto completo nas modalidades sinalizada, libras escrita e na modalidade escrita da língua portuguesa.

Libras na modalidade sinalizada:



Libras na modalidade escrita:

“JOSÉ JÁ PEGOU ANEL DA PRINCESA...”

“MENINAS PERDER ANEL”

“CHEGOU CASA FELIZ ABRAÇAR MULHER...”

Língua portuguesa:

“Ele roubou o anelão da princesa...”

“As meninas perderam o anel da princesa.”

“Chegou em casa: - está, mulher! eu não disse a você que só vinha aqui quando arranjasse uma grande felicidade, uma grande fortuna! arranjei, vim-me embora...”

Na narrativa, a intensificação do espaço e do tempo é feita através de expressões repetidas como: *andou, andou, andou* e *procurou, procurou, procurou* que significam, teoricamente, a distância considerável percorrida por José até o palácio do rei (na primeira expressão) e o longo tempo gasto pelos súditos para encontrarem os objetos (na segunda expressão). As expressões deixam claro o esforço despendido: no primeiro caso, por José na obtenção do seu objeto de valor e no segundo caso, pelos súditos que, ao contrário de José mostraram incapacidade para obtê-lo. Essa diferença no tempo e no espaço ressaltam o esforço de José que caminhou bastante (enquanto o rei não deu nenhuma passada) e a rapidez de raciocínio que ajudaram na construção de sua imagem como herói.

Neste caso, em Libras, foram usados os ³“intensificadores” que tem a mesma função da repetição em português, sendo apresentados através do sinal, ligados a expressões não-manuais a um verbos ou adjetivos, como: olhos arregalados ou bochechas infladas e movimentos da cabeça que completam o significado.

Vale ressaltar que, a libras escrita resulta de um aprendizado escolarizado, portanto, é difícil para o surdo compreender os termos populares, razão pela qual, elaboramos os quadros de equivalência que vamos apresentando a partir de agora.

Os ⁴classificadores também foram utilizados como forma de representar objetos concretos; por exemplo: o pote de barro, anelão, pendurado, a fim de estabelecer uma relação de concordância e evitar os equívocos. Lexemas: *enterrar*, foi substituído por termos regido de uma explicação, *cavar buraco e esconder*. Sobre a expressão “*chegou numa casa e arranchou-se*”, utilizamos, como estratégia, a explicação “PEDIR FICAR CASA”, com a ajuda dos colaboradores surdos. O acréscimo do pedido de José acrescenta a José mais dois sememas, ético e o respeitoso no contato com pessoas desconhecidas.

Outra questão importante no texto, trata-se da expressão *um bocado*. Todo conceito constituído na mente do surdo se dá através da experiência visual. A expressão *um bocado* não dá ideia de quantidade, pois é um termo desconhecido pela maioria da comunidade surda. Assim, objetivando evocar na mente do surdo a ideia de quantidade, foi substituído pelo equivalente “CHEIO DE DINHEIRO” na libras escrita e o uso do classificador na libras sinalizada. A expressão *ouviu!* tem a função de chamar atenção, de dar ênfase ao que foi dito pelo narrador, porém não tem função nenhuma para o surdo, tornando a mensagem incompreendida, sem sentido. Para o surdo, esta é uma expressão puramente ouvintista, visto que ouvir apresenta um sentido que eles desconhecem, por isso foi substituída pelo termo “CERTO”

Outros equivalentes foram encontrados, razão pela qual, elaboramos o quadro a seguir:

³ Intensificadores: É a repetição exagerada do sinal utilizando a expressão facial e corporal ou a modificação no movimento do sinal, a fim de intensificar o significado do sinal. Ex: comer, comer – comer sem parar.

⁴ Classificadores: São formas representadas por configuração de mão, que substituindo o nome que as precedem, podem vir juntos de verbos de movimento e de localização para classificar o sujeito ou objeto que está ligado a ação do verbo. São marcadores de concordância de gênero para pessoas, animais ou coisas. Pesquisa: Aspecto linguístico da Libras, 1998. Curitiba – SEED/SUED/DEE

EQUIVALENTES LINGUÍSTICOS	
PORTUGUÊS	LIBRAS
José Adivinhador	José Esperto
Vou sair	Vou embora
Arranjar dinheiro	Ganhar dinheiro
Arranchou-se na casa	Pediu para ficar na casa
Apois	Então
Botou	Escondeu
Zangou-se	Ficou com raiva
Bocado de dinheiro	Cheio de dinheiro
Anelão	Anel grande
Enterrar	Escondeu no buraco
Amostrar	Mostrar
Caçou	Procurou
Engalhado	Pendurado
Deste tamanho	Pequeno
Ouviu!	Certo!
Fulano!	Ei!
Disse	Falou

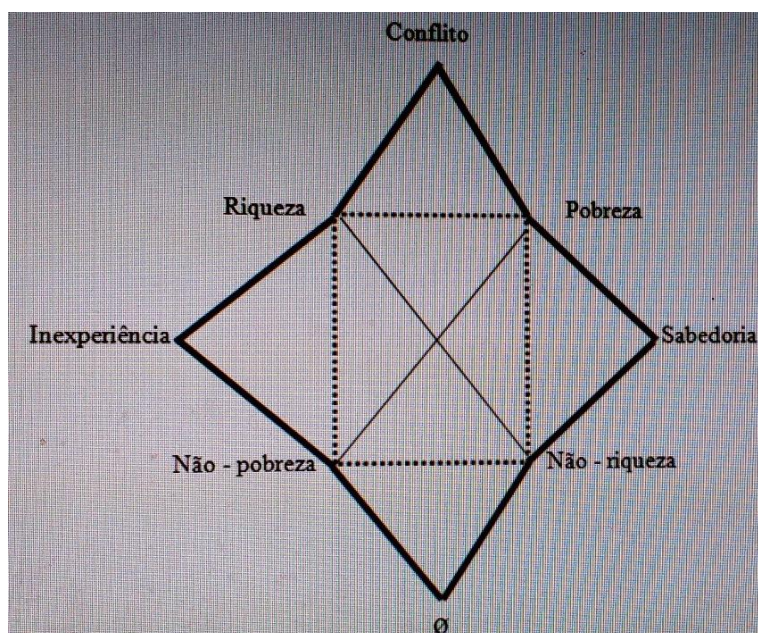
Canto nenhum	Lugar nenhum
Futurar	Aproveitar a vida

. A semântica discursiva deixa clara a presença de vários temas, alguns em oposição que estão sendo explicado a seguir:

- Pobreza X riqueza que se observa na relação estabelecida entre pobre que não possui salário, mora no campo, em lugar distante e ermo, e o rei com seus súditos que vivem na corte. O conflito estabelece a desigualdade social.
- Sabedoria X inexperiência, destacada no fato do rei mostrar inaptidão para resolver os próprios problemas, atribuindo sua solução ao vassalos, enquanto que o sujeito pobre possui a sabedoria para resolver o seu problema financeiro e o dos outros.
- Desonestidade, vista quando o pobre, impulsionado pela necessidade, resolve mentir e enganar o rei para poder sobreviver. No texto surdo, ele praticou apenas uma esperteza para obter sua sobrevivência e da família. Ele agiu em sua legítima defesa, sua e da família.
- Injustiça observada quando o rei resolve pegar o dinheiro de volta e assume a posição injusta de tramar a morte de José.

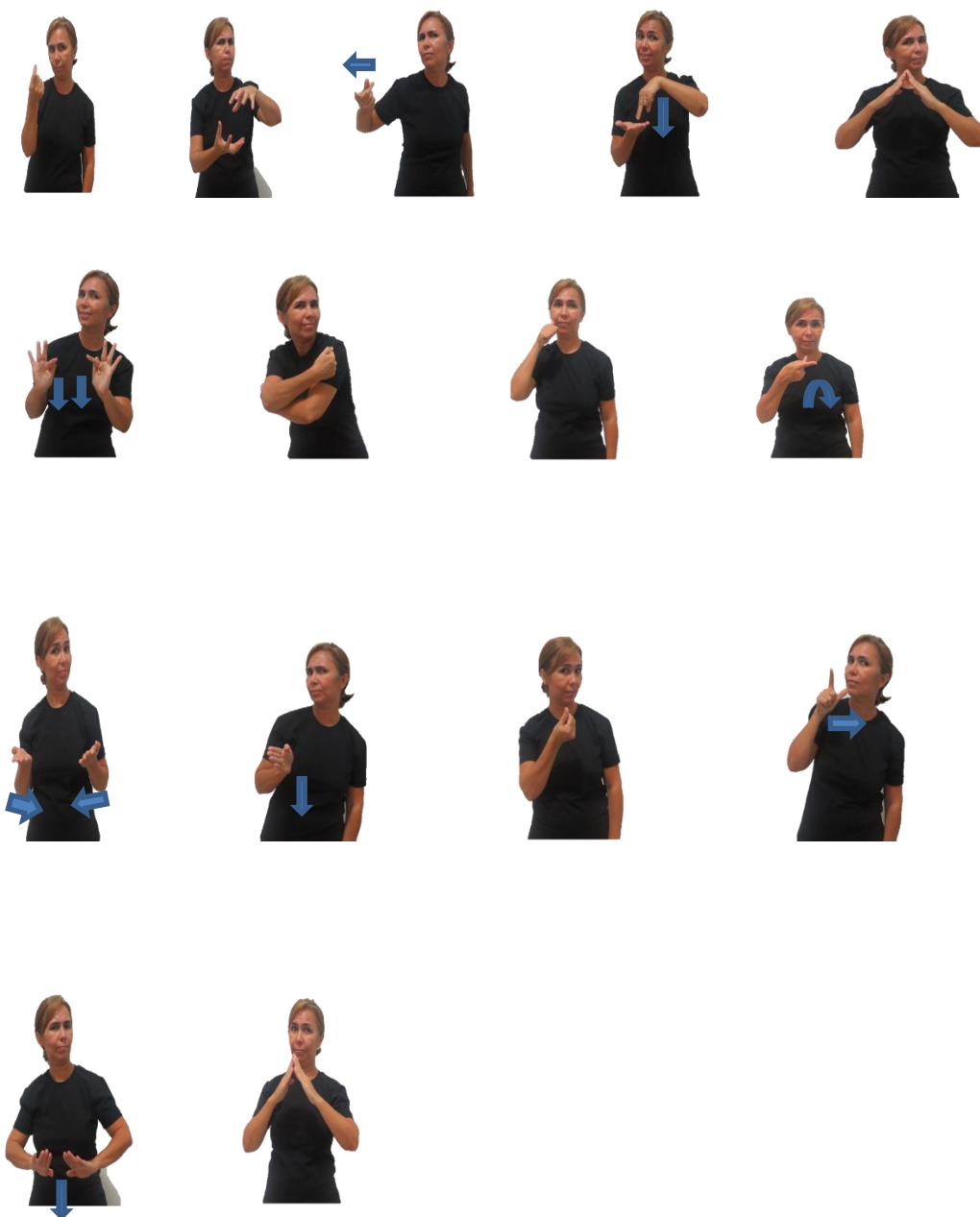
5.3 Estruturas fundamentais.

No nível das estruturas fundamentais, o texto é construído a partir da oposição semântica entre pobreza X riqueza. A pobreza gera sabedoria. José sai de casa movido pela necessidade de melhorar sua condição financeira e, sabiamente, consegue enganar o rei para atingir seu objetivo que era conseguir dinheiro para sustentar a mulher. A riqueza gera inexperiência. O rei mora no palácio e possui muitos súditos e muito dinheiro e precisa da ajuda de José para resolver seus problemas. Para melhor entendermos, usaremos o octógono semiótico.



A semântica fundamental é determinada pelas categorias tímicas de euforia e disforia. Tanto a falta de dinheiro quanto a inexperiência, são categorias disfóricas, enquanto que ter dinheiro e sabedoria são objetos eufóricos. Neste caso, o movimento de José se dá na direção de uma disforia (pobreza) para uma euforia (riqueza). Comparando com o ditado popular, “a alma do negócio é o segredo”, José consegue manter em segredo sua desonestidade e, portanto, configura-se como herói perante o povo, enquanto que o rei caminha de uma situação eufórica (rico) para uma situação disfórica: perdeu dinheiro e mostrou-se inexperiente e mau, ao querer matar José.

Libras na modalidade sinalizada:



Libras na modalidade escrita:

JOSÉ PEGOU DINHEIRO E FOI EMBORA / CHEGOU CASA FELIZ ABRAÇAR
MULHER FALAR: AGORA JÁ DINHEIRO GANHAR FICAR EM CASA.

Língua portuguesa:

José pegou aquele dinheiro, juntou aquele dinheirão todinho, foi-se embora para casa.
Foi-se embora ele. Muito contente, muito satisfeito.

Chegou em casa:

- está, mulher! eu não disse a você que só vinha aqui quando arranjasse uma grande felicidade, uma grande fortuna! arranjei, vim-me embora. Agora não vou andar para canto nenhum. Agora nós vamos futurar a vida!

Libras na modalidade sinalizada.



Libras a modalidade escrita:

REI ADMIRADO FALAR / PEGA DINHEIRO VAI EMBORA EU PERDER MUITO
VAI POBRE.

Língua portuguesa:

Aí, ganhou! Pronto.

- Pegue seu dinheiro, se suma da minha vista, senão você acaba com meu tesouro!
Quatro, quatro volumes de dinheiro! Quatro!

6. ANÁLISE DO CONTO POPULAR A ONÇA E A VACA.

6.1. Estruturas narrativas.

Quatro sujeitos semióticos compõem a narrativa desse conto: S1, S2, S3, S4. O sujeito semiótico 1-S1, figurativizado pela onça, tem como objeto de valor saciar a fome comendo o bezerro (OV1). Para isso, torna-se amiga da vaca (OV2), oferecendo-se para ser madrinha do filhote, a fim de sensibilizar a vaca e ganhar sua confiança (OV3). O antessujeito é a vaca (S2) que apresenta o mesmo objeto de valor, o bezerro, embora com finalidades diferentes. A fome caracteriza o destinador e a oncinha é o oponente ao descobrir a intenção da mãe. O S1 (a onça) pressionado pela falta de comida vê na vaca a solução para resolver seu problema. Desta feita, a narrativa se instaura pela modalidade do dever-fazer e querer-fazer: a onça deve se alimentar para se manter viva e, por isso, intenta comer o filhote. Vejamos o exemplo nas três modalidades linguísticas: Libras – modalidade sinalizada, Libras - modalidade escrita, e Língua portuguesa.

Libras na modalidade sinalizada:





Libras na modalidade escrita:

“MAS ONÇA MAL / FINGIR AMIGA DA VACA / VACA FILHO NASCER ONÇA
COMER”

Língua portuguesa:

“Agora, a onça – ouviu? – tomou aquela amizade à vaca que era para quando o bezerrinho nascesse, ela comer. Comer o bezerrinho, ouviu?”

O sujeito semiótico 2-S2 é figurativizado pela vaca, que tem como objeto de valor criar/proteger a filhinha (a bezerra) e por isso acredita que a onça pode ajudá-la (OV2) e se torna sua companheira (OV3). Ao descobrir a infidelidade da onça, a narrativa sofre um desdobramento, porque o S2 torna-se inimigo do S1 e dele se afasta para proteger o bezerro (OV6). S1 e S2 são sujeitos oponentes e funcionam cada um como antessujeito no programa do outro. O S2 tem como adjuvante a oncinha que salva a filha. O S2 conclui a narrativa conjunta com seu objeto de valor, que foi proteger a filha, embora não a tenha criado. Vejamos os exemplos:

Libras na modalidade sinalizada:







Libras na modalidade escrita:

“MELHOR SEPARAR ONÇA/ ACHO ELA PODE FALSA”

” VAMOS FUGIR PORQUE MAMÃE VAI ATACAR COMER VOCÊ”

Língua portuguesa:

“... Vou me separar dessa onça, qu’essa onça ia me fazer uma traição. Vou me separar dela.”

[...] “Vamos fugir daqui par um canto bem longe, que minha mãe vai te matar para te comer.”

O S3 é figurativizado na narrativa pelo filhote da onça que tem como objeto de valor salvar a vaquinha (OV1). Ele age, revelando a intensão da mãe à vaquinha (OV2) e foge com ela para a mata (OV3). O oponente é a onça e adjuvante é a vaca. Existe, ainda, um sujeito semiótico 4-S4 figurativizado pelo vaqueiro que resgata (OV1) e cuida da vaquinha (OV2) com adjuvância do patrão que autoriza o vaqueiro a criar a vaquinha. Vejamos os exemplos a seguir nas três modalidades.

Libras na modalidade sinalizada:

Libras na modalidade escrita:

“HOMEM CUIDAR VAQUINHA CARINHO/ ELA CRESCER ESPECIAL JÁ LEITE/
ONCINHA TAMBÉM JÁ CRESCER FLORESTA VIVER.”

Língua portuguesa:

“Aquele vaqueiro criou essa bezerrinha com muito cuidado. Deu uma vaca especial – produziu muito, muito gado, muita coisa. E aquela oncinha foi viver livre na mata.

6.2 Estruturas discursivas:

Na discursivização, encontramos uma enunciação híbrida: ora o enunciador encontra-se pressuposto no enunciado, ora ele instala no discurso um eu e um tu que são simulacros do enunciador e do enunciatário na proposta greimasiana (1979, p.96). Na verdade são voz e audição atribuídas pelo enunciador discursivo aos atores. No primeiro caso, ele é um enunciador narrador e no segundo caso ele é um enunciador ator. Sendo assim, configura-se uma debreagem enunciativa para o primeiro caso e enunciativa para o segundo.

Os atores são mencionados no texto pelos papéis temáticos: a onça, a vaca a oncinha, a vaquinha e o vaqueiro. Em libras sinalizada, o gênero do substantivo é marcado diferentemente do português, uma vez que é feito pelo sinal de “**homem e mulher**”, adicionado ao sinal, do animal. Ex: homem-onça, mulher-vaca:

Libras – modalidade sinalizada:





Libras na modalidade escrita:

“AS DUAS JÁ GANHOU AMIGAS”

“MAS ONÇA MAL / FINGIR AMIGA DA VACA / VACA FILHO NASCER ONÇA
COMER”

Língua portuguesa:

“ ... A vaca tomou amizade com aquela onça.”

“Agora, a onça viu? – tomou aquela amizade à vaca que era para quando o bezerrinho
nascesse, ela comer. Comer o bezerrinho, viu?”

A situação temporal não é marcada por flexão dentro da palavra como se faz em português em libras escrita (ama + s = amas), mas apresenta um sinal indicador do tempo, é um lexema separado do substantivo fonte. Ex: sinal.



A espacialização do texto em análise apresenta uma oposição espacial: floresta (os matos), onde estão os animais e fazenda, onde mora o vaqueiro. Este segundo espaço só aparece no final da narrativa.

Termos desconhecidos por eles foram expostos no quadro abaixo com os equivalentes linguísticos, adaptados à cultura surda:

EQUIVALENTES LINGUÍSTICOS	
PORTUGUÊS	LIBRAS
Buchuda	Grávida
Acamaradar	Ganhar amiga
Enxertadas	Grávidas
Loca	Caverna
Descansar	Nascer filho

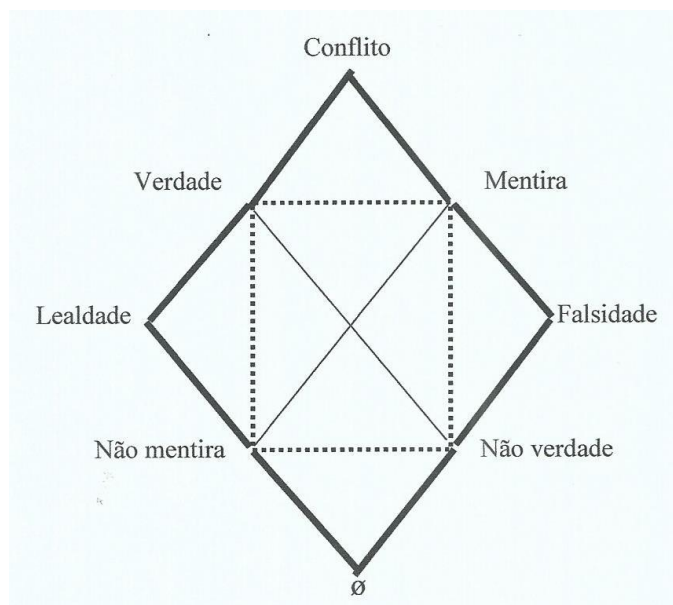
Furna	Caverna
Bicho	Animal
Cismar	Desconfiar
Embreou-se	Fugiu
Aumentando	Crescendo
Caçou	Procurou

Baseado na semântica discursiva, os temas presentes são:

- Lealdade e falsidade – A vaca era leal a onça e confiava na sua amizade. A onça por sua vez era falsa, fingia ser amiga, mas a intenção era a de comer seu filhote.
- Verdade X mentira vista no pacto de amizade selado pela onça e a vaca, no qual a vaca representa a verdade e a onça a mentira.
- Bem X mal, oposição representada pelos sujeitos: vaca, o bem, que é verdadeiramente amiga da onça, e a onça, o mal, que mente.

6.3. Estruturas fundamentais.

No nível das estruturas fundamentais a narrativa é constituída a partir da oposição semântica entre mentira X verdade. A onça planeja fingir ser amiga da vaca para quando sua bezerrinha nascer atacar e comer, mostrando a atitude falsa. A vaca aceita a amizade, e confia na sua amizade, agindo com lealdade ao seguir sempre seus conselhos. Assim se estabelece o conflito apresentado pelo octógono a seguir:



Considerando a categorização tímica, a situação criada pela onça é extremamente disfórica, porque baseada na falsidade e na mentira, considerando os aspectos ideológicos da comunidades surda e ouvinte, enquanto que as atitudes dos demais atores são eufóricas para a sociedade, uma vez que destacam virtudes como: verdade e lealdade.

Libras na modalidade sinalizada:





Libras na modalidade escrita:

“ELA FAZENDA CRESCER ESPECIAL JÁ LEITE”

“ONCINHA TAMBÉM JÁ CRESCER FLORESTA VIVER”.

Língua português:

“E a bezerrinha ficou se criando lá mais o gado.”

“E aquela oncinha foi viver livre na floresta.”

7. ANÁLISE DO CONTO POPULAR *O HOMEM QUE MORAVA NUMA CASA DE PALHA*.

7.1. Estruturas narrativas.

A narrativização é constituída pelos seguintes sujeitos semióticos: S1, S2, S3, S4.

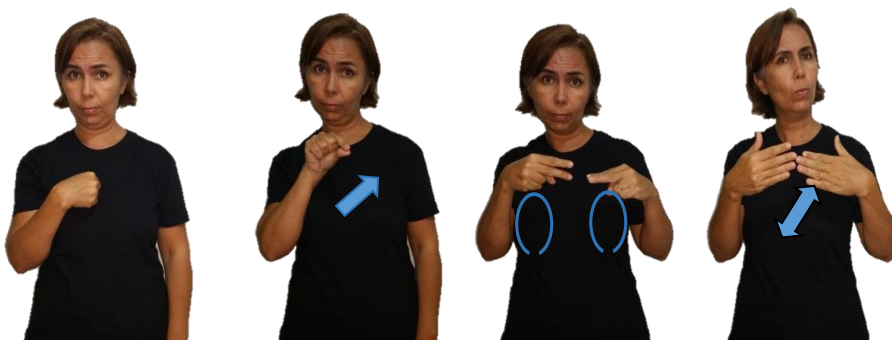
O sujeito semiótico 1-S1, figurativizado pelo rei e pela rainha que tem como objeto de valor ajudar a família pobre. (OV1) e, para tanto, entrega ao homem uma quantia em dinheiro (OV2) e leva a filha para trabalhar no palácio. Trata-se de uma auto destinação: ele é impulsionado por um desejo interior de ajudar. Conta com a adjuvância do vassalo que entrega o dinheiro e da dama de companhia da rainha que ensina a moça todos os afazeres domésticos, preparando-a para vida. Instaure-se, pois, por um querer-ser-bom e um quer-fazer- ajudar ao próximo, concluindo a narrativa conjunto com seu objeto de valor.

O S2, figurativizado pelo homem pobre, que tinha como objeto de valor o trabalho (OV1), a fim de sustentar a família (OV2). Conta com a adjuvância da filha no serviço de plantação e do rei/rainha que lhe fornecem dinheiro e emprego para a filha. Ele se instaura por um querer-fazer (trabalhar e ganhar o sustento da família) e ainda por um dever-ser, obediente ao rei/rainha que levam a filha para o palácio. Conclui a narrativa conjunto com seu objeto de valor.

Sujeito semiótico 3-S3 figurativizado por Conceição apresenta como objeto de valor ser feliz (OV1). Para ser feliz precisa trabalhar no campo e no palácio (OV2). Como resultado do trabalho, encontra o príncipe (OV3) com quem se casa (OV4). Ela se instaura pelas modalidades do querer-ser (feliz) e o querer-fazer (trabalhar, casar com o príncipe). Como oponente, tem-se o fato de ser pobre e não ter o sangue real. Como adjuvante, ela tem a rainha (que a convida para o palácio e o pai que permite sua ida para o palácio).

O sujeito semiótico 4-S4, figurativizado pelo príncipe, tem como objeto de valor, casar-se com Conceição (OV1). Para tanto, pede permissão aos pais para recebê-la como esposa (OV2) e casa-se com ela (OV3). Instaure-se pelo querer-fazer (casar-se) e o dever-fazer (obedecer ao pai). Apresenta como adjuvante a beleza e as prendas da moça e como oponente sua condição social. Vejamos o exemplo:

Libras na modalidade sinalizada:



Libras na modalidade escrita:

“...MANDOU ENPREGADO DAR MOEDA A HOMEM”

“EU CUIDAR FAMILIA EMPRESTAR DINHEIRO JUROS”

“SUA MÃE FALOU EU ESCOLHER PRESENTE QUALQUER COISA – ENTÃO EU
ESCOLHER VOCÊ PRA MIM”

“OS DOIS CASAR E VIVER FELIZ”.

Língua portuguesa:

“...Mandou um vassalo com cem moedas com a cara do rei entregar ao homem da casa de palha.

“Eu sustento minha família e empresto dinheiro a juros”

“...A sua mãe disse que o que eu quisesse de lá podia pedir, podia trazer. O que eu achei de pedir foi você. Eu trouxe você pra mim.

“Conceição casou-se com o príncipe. Foram viver até hoje!”

7.2. Estruturas discursivas.

A discursivização apresenta um enunciador pressuposto no texto e distante dos fatos narrados, porém no enunciado que constrói, atribui voz e a audição aos atores que são enunciadore/enunciatários-atores, responsáveis pelo ponto de vista expreso no texto enunciado.

Na estrutura atorial, apenas um ator é mencionado pelo nome: Conceição. Os demais são mencionados pelos papeis temáticos: o príncipe, os pais, a rainha e o rei; a dama, que ensina os afazeres domésticos a nova empregada (Conceição); o pai da moça, trabalhador e pobre, que sonhava com a melhora da família. Em libras sinalizada, atores foram identificados por sinais compostos. Ex: rei, filho-rei, esposa-rei, mulher-empregada, pai-menina. Apenas Conceição recebeu um sinal de batismo pelos surdos, composto pelo sinal de “bonita” + adição da letra “C”.



O sinal foi pensado a partir da descrição do texto sobre a moça (alva e bonita), trabalhadeira, ajudava o pai plantando milho e feijão, prendada, aprendeu a fazer todas as tarefas ensinadas pela dama e muito inteligente, interpretou a proposta da rainha em lhe dar um presente e logo pegou o príncipe para si.

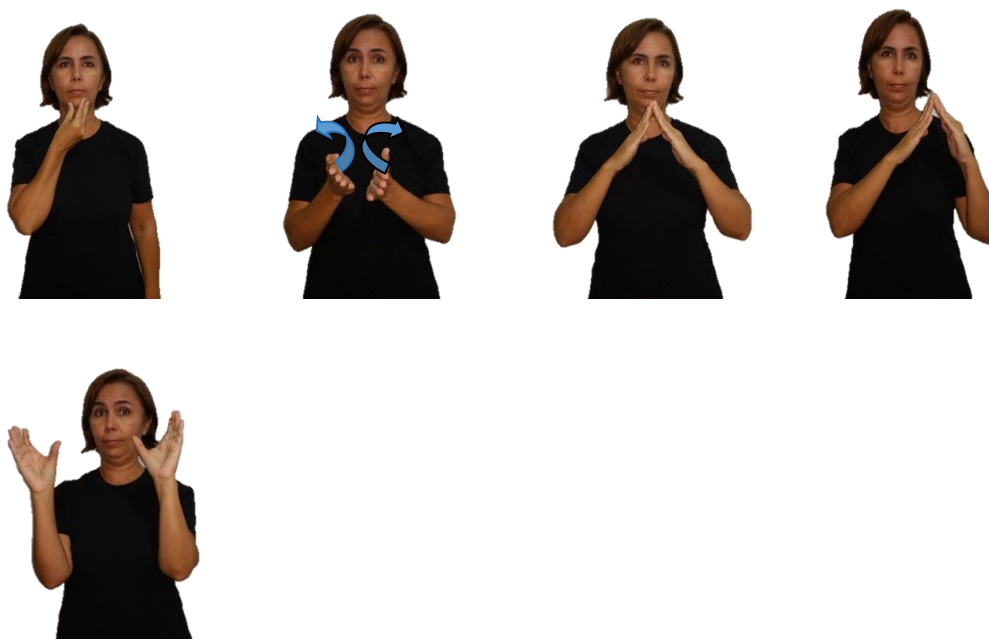
A moeda usada (uma pataca) é desconhecida pela comunidade surda. Em libras, substituímos a moeda (uma pataca) por (um salário). Conceição passou três anos trabalhando no palácio, neste caso o texto apresenta uma evolução cronológica e que, em libras sinalizada, é apresentado por um sinal específico, encontrado no exemplo abaixo.



TRÊS ANOS PASSARAM

O espaço é delimitado pela localização geográfica entre a casa do homem pobre e o palácio do rei (ao lado), mostra que a distância entre o palácio e a casa do homem pobre era curta, facilitando a ação da moça em levar o príncipe dormindo numa rede para sua casa, e que foi possível por causa da pouca distância. Segue os exemplos abaixo:

Libras na modalidade sinalizada:



Libras na modalidade escrita:

“HOMEM POBRE CASA VISINHO PALÁCIO “

Língua portuguesa:

“Um homem que morava numa casinha de palha, do lado do palácio do rei”

Neste texto, como em outros já analisados, traços da linguagem popular não foram apreendido pelo leitor surdo. O estranhamento foi mais comum naqueles termos oriundos da oralidade. Assim, adaptações foram necessárias para favorecer a compreensão textual, como as seguintes:

Não achava o que pedir, o verbo “achar”, para o surdo, tem apenas o significado de encontrar algo e não de descobrir o que fazer, portanto, foi substituído pelo termo, *não sabia o que pedir* evita conceituação equivocada.

Redona, palavra desconhecida pela comunidade, foi substituído por *rede grande*. O grau de aumentativo na língua sinalizada é feito através da expressão facial, adicionada ao sinal. Portanto, em libras escrita, usamos *rede grande* para evitar equívoco.

Fui ver você pra mim, para o surdo o termo “ver” tem relação com o sentido da visão, é o que está ao alcance dos olhos, por isso o termo foi substituído por *peguei você para mim*.

Fulana, termo desconhecido pela comunidade surda. Em vista disso, optou-se por fazer a descrição à pessoa referida, como por exemplo: *mulher chefe*.

Não tem sangue real, conceito desconhecido pelos surdos, portanto optou-se pela substituição do termo, *não tem família rei*, a fim de garantir o entendimento.

Trajar, O termo foi substituído por, *vestir*, visto que, o vocábulo não é conhecido pelos surdos, evitando assim, distanciamento do conceito trazido pelo autor.

Parelha, termo, não conhecido pela comunidade surda, foi substituído por *igual*.

O quadro abaixo apresenta a distinção cultural através dos equivalentes entre a Libras e o português.

EQUIVALENTES LINGÜÍSTICOS	
PORTUGUÊS	LIBRAS
Vassalo	Empregado
Destiorada	Velha
Minhas posses	Eu sou pobre
Uma pataca	Um real
Alva	Loira
Empregar	Trabalhar
Pra que me que?	Porque me chamou?
Engomar	Passar roupa
Caprichosa	Cuidadosa
Muito direita	Muito certa

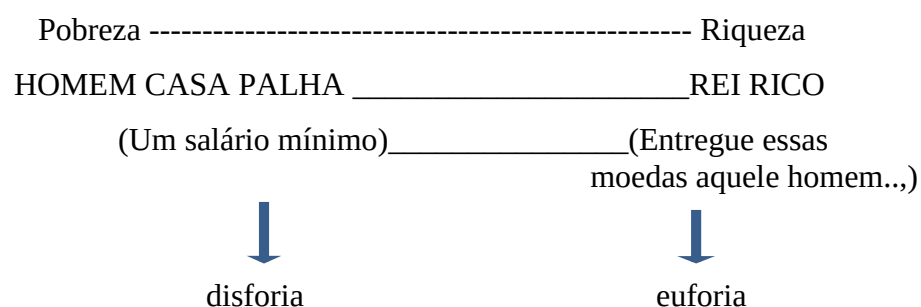
Tenho amor por você	Eu te amo
---------------------	-----------

Considerando a semântica discursiva, conseguimos detectar os seguintes temas:

- Pobreza detectada na família de Conceição em oposição a Riqueza do príncipe e de sua família.
- Trabalho/ desocupação, o homem rico não trabalhava, era sustentado pelos pais e vivia no palácio e o pobre sustentava a família com uma pataca, trabalhava arduamente na lavoura, sedo ajudado pela a filha. Ambos foram dignificados pelo trabalho.
- Casamento do príncipe de sangue real com uma moça pobre e sem nobreza que foi recompensada pelo trabalho que desenvolvia.
- Responsabilidade, assumida por Conceição tanto ao ajudar ao pai, como na casa do rei, onde serviu por três anos.
- União da família. Os pais abrem mão de uma união real para satisfazer a felicidade do filho.
- Religiosidade. Os filhos conseguiram a felicidade porque eram obedientes aos pais. A moça obedece à mãe quando a mesma diz que não durma no palácio e o príncipe obedece aos pais quando só casa com a moça no momento em que eles autorizam.

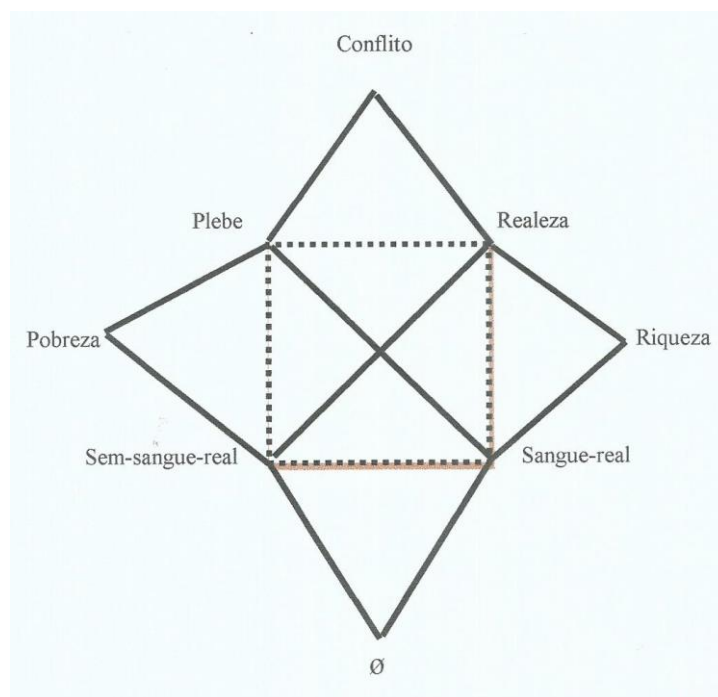
7.3.Estruturas Fundamentais.

A estrutura fundamental se caracteriza pelo conflito entre: pobreza (o homem morava numa casa de palha com a filha) versus riqueza (o rei que morava num palácio com a família).



Pobreza é o contrario de riqueza. Pobreza implica ausência de riqueza e caracteriza Conceição e sua família, desde o fato de morar numa casa simples, ao trabalho realizado, primeiramente para ajudar o pai no campo e depois no palácio quando realizou humildes tarefas: lavar, passar roupas e outras prendas domesticas. A riqueza implica ausência de pobreza e caracteriza os moradores do palácio que, além disso, vive sem trabalhar. O trabalho é feito por servos. A pobreza é disfórica e a riqueza atinge a todos porque é uma categoria tímica profundamente eufórica.

Ainda na estrutura fundamental um conflito se estabelece na narrativa. O rei e sua família pertencia a uma linhagem de sangue real, e o homem da casinha de palha e sua filha eram plebeus; neste caso os termos estão em oposição estabelecendo assim, um conflito apresentado no octógono abaixo.



8. ANÁLISE DO CONTO *SÃO PEDRO MAIS NOSSO SENHOR NO MUNDO*.

8.1. Estruturas narrativas.

A narrativa é composta por três sujeitos semióticos em análise: O S1, S2, e S3.

O sujeito semiótico 1-S1 é figurativizado por Nosso Senhor, que tem como objeto de valor a redenção do homem (OV1). Instaure-se por um querer-fazer (melhorar o mundo) e, em vista disso, desce ao mundo (OV2) para visitar os homens (OV3). O adjuvante é São Pedro que o acompanha na vinda ao mundo.

O S2, figurativizado pelo homem criminoso, tem como objeto de valor matar e roubar afim de adquirir o sustento da família (OV1) nele se instaura a modalidade do não-dever-fazer, e querer-fazer o mal. Por isso, trama matar São Pedro e Nosso Senhor, porém a narrativa sofre um desdobramento: ele é transformado em um cavalo, sofre trabalhando, se arrepende dos seus erros e volta a ser homem. Recebe ajuda do Nosso Senhor e passa a ser homem de bem, concluindo o percurso em conjunção com seu objeto de valor.

O S3 figurativizado pela mulher do criminoso tem como objeto de valor viver feliz com o marido (OV1). Com o marido transformado e trabalhando, conclui o percurso em conjunção com seu objeto de valor. A narrativa não apresenta oponente, visto que não existem obstáculos entre os actantes. Vejamos o exemplo nas três modalidades:

Libras na modalidade sinalizada:





Libras na modalidade escrita:

“DEUS JÁ MUDAR HOMEM VIROU CAVALO”

“DINHEIRO COMPRAR ROUPA SE ARRUMAR BONITO / DEUS AJUDAR
HOMEM”

Língua portuguesa:

“Jesus transformou o homem num cavalo”

“...Com aquele conto de réis ficou bem lorde, bem satisfeito com nosso senhor que tinha
dado novo caminho a ele.

Libras na modalidade sinalizada:**Libras na modalidade escrita:**

“AGORA MUDAR JÁ TRABALHAR”

Língua portuguesa:

“Ele não roubou mais, não matou, não fez mais perversidade. Foi trabalhar”

8.2. Estruturas discursivas.

A discursivização apresenta um enunciador pressuposto no texto, portanto, distante dos fatos narrados no tempo e no espaço que estamos chamando de enunciador narrador que, por sua vez, dá voz a um ator (enunciador – ator), configurando-se uma debreagem, enunciva (no primeiro caso) e enunciativa (no segundo caso).

Dois atores são mencionados pelos nomes próprios: Jesus (Nosso Senhor) e São Pedro. Compreendendo a trindade, Pai, Filho e Espírito Santo como um só Deus. Nosso Senhor foi representado pelo sinal de Deus na tradução em libras. No final, usamos o sinal de “Jesus”, citado no texto fonte, quando a narrativa mudou o nome de Nosso Senhor para Jesus. São Pedro também possui sinal específico em libras. Os demais atores são mencionados pelos papéis temáticos: homem e mulher, roubador, criminoso. A comunidade surda desconhece o termo “criminoso”. Assim, para os papéis temáticos homem, atribuiu-se uma adjetivação específica com a palavra ladrão (homem ladrão) e, conseqüentemente, para a mulher, o termo esposa (do ladrão).

Libras na modalidade sinalizada:





Libras na modalidade escrita:

“MUNDO DEUS COM SÃO PEDRO ANDANDO”
HOMEM O QUE? É LADRÃO

Língua portuguesa:

“Nosso senhor anda com São Pedro pelo mundo”
“Que faz o homem? Ele era criminoso, *roubador*, o dono da casa.”

A narrativa não especifica o tempo, mas deixa antever uma oposição temporal, indicativa de presente, referente à enunciação e uma época distante do enunciador do texto que parece remeter ao tempo que Jesus vivia na terra.

São mencionados dois espaços no texto: o céu, de onde vêm os bons: Jesus e São Pedro, e o mundo onde se encontram o homem ladrão e sua mulher e onde ele pratica a ação criminosa de roubar e matar.

O título sofreu alteração, sendo no original, “*São Pedro mais Nosso Senhor no mundo*”, desta feita como sugestão dos surdos para o texto alvo intitulamos “São Pedro com Deus”, a fim de facilitar a leitura. Segue o exemplo:



Retiramos os determinantes usados para quantificar o dinheiro, como:” *uma pataca, meia pataca, um conto de réis*”, deixando, apenas, o substantivo determinado.

O quadro a seguir apresenta novos equivalentes linguísticos usados na transcodificação.

EQUVALENTES LINGUÍSTICOS	
Boquinha da noite	Começar noite
Pedir arrancho	Pedir dormir
Cadê?	Onde?
Arranjar	Procurar
Luto	Vestido preto
Se console	Calma
Tostões e pataca	Dinheiro
Ficou lorde	Se arrumou bonito

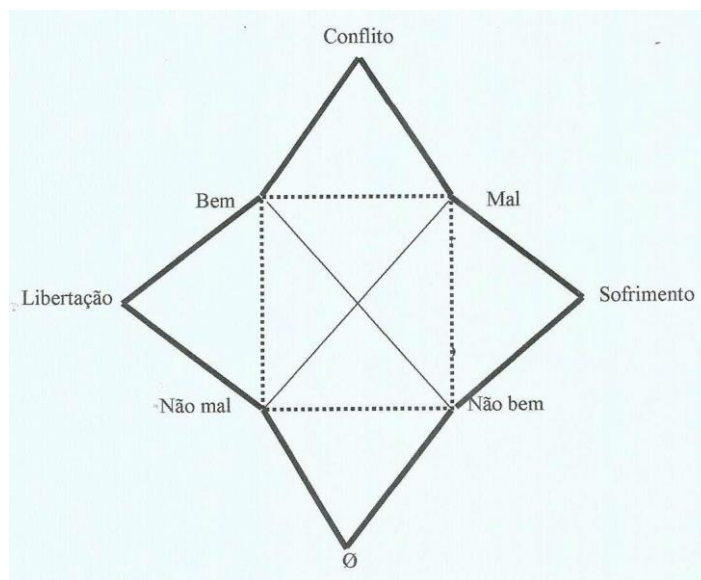
Os temas destacados foram:

- Religiosidade, mostrada na ação divina que veio à terra transformar o homem.
- Maldade, representada pela vida errônea do homem que saia à noite para roubar e matar.
- Hipocrisia do homem, quando se mostra bom e generoso ao dar abrigo a Jesus e São Pedro sendo, na verdade, um criminoso e um ladrão.
- Injustiça social, sofrida pelo homem que, sem emprego, vai roubar para sustentar a família, razão pela qual, Jesus apieda-se dele e vem salvá-lo.
- Redenção, observado pela transformação operada na vida do homem com a ajuda de Deus.

- Recompensa, oferecida por Jesus, em dinheiro (conto de reis) ao homem que se transformou de mal em bom e, por isso, ficou “bem” lorde e “bem” satisfeito.
- Humildade, apresentado pela ação do Jesus que se torna homem para ajudar outro homem.

8.3. Estruturas fundamentais:

O conflito da narrativa se estabelece entre bem versus mal. O bem é representado por Jesus e São Pedro que vieram à terra salvar o homem, livrá-lo do pecado, do roubo e do crime. O mal é representado pelo homem que rouba e mata, embora levado por sua condição de pobreza extrema. A narrativa caminha da destruição do mal (perdição) para a libertação do homem. Remete, portanto, a passagem bíblica da redenção humana por Jesus, que deu a vida para libertar o homem do pecado.



No texto, a disforia é representada pela dificuldade do homem que, sem dinheiro para sobreviver, submete-se a uma vida criminosa para sustentar a mulher. A euforia aparece na salvação do homem que se liberta dos e é recompensado por Deus.

CONCLUSÃO

Traduzir não significa apenas passar um texto de uma língua para outra, mas é inserir-se nesse processo, descobrindo valores e saberes das línguas envolvidas e dos grupos culturais a que pertencem, a fim de garantir, tanto a integridade do texto de partida quanto a do texto de chegada, mantendo o sentido do elemento traduzido. Para que isso pudesse acontecer, tomamos algumas iniciativas fundamentais.

Nos quatro contos, todas as alterações foram discutidas e analisadas com o interlocutor surdo, dando-lhe oportunidade de adentrar na intimidade do texto, de fazer observações, a fim de alcançar o público alvo e levá-los a conhecer um pouco mais da cultura ouvinte. Os textos foram apreciados pelos surdos colaboradores e sugeridos como obras que podem contribuir para o crescimento e valorização cultural do surdo, enriquecendo, sobretudo, sua literatura.

As variações regionais e sociais presentes na literatura popular, por distanciarem o leitor surdo, uma vez que o nível de bilinguismo não lhe dava essa competência, foram substituídas por termos conhecidos por eles. O mesmo aconteceu com recursos expressivos — sintáticos, lexicais e retóricos — que trazem uma identidade ouvinte e, portanto, distante do universo do discurso surdo foram adaptados à cultura surda.

Entre as versões, foram elencados os pontos relevantes, detectando a presença de elementos simbólicos numa versão e ausentes na outra. Também houve alterações na estrutura sintática da versão em libras, ora adicionando informações, ora omitindo uma vez que as línguas em questão são diferentes e apresentam duas modalidades: oral e escrita (para o português) e sinalizada e escrita para libras. Isso não significa dizer que o texto em libras tenha menos *status* do que o texto em português. São duas línguas com estruturas diferentes, pertinentes a comunidades culturais diferentes, que também possuem valores e saberes diferenciados em cada grupo ideológico. Pode-se confirmar a ideia de que a Língua Brasileira de Sinais constitui um estudo que se encaixa dentro da semiologia, mais especificamente, da semiótica linguística, uma vez que é constituída de signos convencionais, resultado de um acordo entre os membros de uma comunidade. No entanto, diferentemente do português que é oral-auditivo, tendo como órgãos produtor e receptor a boca e o ouvido, a Libras é gesto-visual porque se utiliza de gestos e da visão para

comunicar/apreender o pensamento. Ressalte-se, entretanto, que o órgão produtor dos gestos é, primariamente, as mãos, embora outros órgãos possam auxiliá-las nesse processo, como a face e os movimentos corporais, transformando o texto em libras em um espetáculo semiótico com cor, luz, movimento e gestos.

A tematização do texto está relacionada com valores éticos morais, dignificando o trabalho, o amor e o respeito pelo próximo. Foram destacados temas como: esperteza, riqueza, pobreza, honestidade, amizade. A sabedoria é apresentada como uma realidade eufórica. Com ela, o homem pôde transpor o limiar da pobreza, (como em José Esperto e em Conceição, filha do homem que morava na casa de palha), manter as relações de amizade (como em a onça e a vaca) e transformar o homem em direção ao bem. A sabedoria é, portanto, a chave para a solução dos problemas e a ausência dela prejudicou de várias formas aqueles que não a possuíam (exemplo do prejuízo financeiro do rei).

Pode-se dizer que a transcodificação da narrativa tornou mais próximas as duas culturas, a surda e a ouvinte, repensando-as de forma mais descontraída através dos contos que são em linguagem simples, mas apresentam valores que dignificam o homem. Além disso, permitiram adaptações e correções, o que deu ao surdo a oportunidade de batizar os atores pelos nomes mais próximo da sua cultura. Portanto, atores presentes no texto como “José Adivinhador” e “Conceição” receberam sinal de batismo pela comunidade surda. Exemplo: J + o sinal de esperto, e C + o sinal de bonita; os outros atores continuaram a ser citados, como no texto original, por seus papéis temáticos. Exemplo: REI, MULHER-REI.

Esse trabalho favoreceu uma aproximação maior do surdo com a literatura popular, tornando conhecido ao surdo outros contos que carregam traços da sua região e que ainda eram pouco explorados por eles, além dos clássicos conhecidos. Essa aproximação foi despertada na comunidade, através da narração das histórias pela intérprete e autora desse trabalho que é tradutora de língua de sinais e profissional envolvida com educação de surdos. Encantamento, admiração e muitas risadas puderam descrever esses momentos tão ricos de interculturalidade. Não apenas os surdos, mas também a comunidade ouvinte foi favorecida, uma vez que pode conhecer melhor sobre os surdos que vivem num mesmo espaço geográfico, porém, separados por uma cultura criada a partir de canais sensoriais diferentes.

Com isso, concluímos que, quando transcodificamos ou traduzimos, também interpretamos à luz do nosso entendimento, ou seja, de acordo com o conhecimento que adquirimos sobre nossa língua, mas, ao mesmo tempo, adquirimos os saberes da língua-meta, o que motiva um processo de interculturalidade na constituição da cidadania. Esse

trabalho desafiou-nos a contribuir com produções de textos em libras, priorizando as necessidades visuais da comunidade surda. A realização dessa pesquisa se apresenta, pois, como um limiar de novas estratégias que poderão ser de grande contribuição na educação das crianças surdas pessoenses, para quem se pode investir em tradução de muitos outros textos de literatura popular com foco na semiótica imagética. Podemos perceber como a literatura popular pode ajudar a ampliar a criatividade do surdo e levá-lo em busca de novos horizontes na criação de textos, como: contos e cordéis.

Nesta direção, pode ser compreendida a afirmação seguinte de um dos surdos colaboradores I.B para quem:



Libras escrita:

LITERATURA/ POPULAR/ IMPORTANTE/ DENTRO /ESTUDO /LIBRAS
ENRIQUECER /CULTURA/ SURDA

Língua portuguesa:

A literatura popular é importante dentro do estudo da Libras para o enriquecimento da cultura surda.

. REFERÊNCIA.

ALMEIRDA, Angelita Silva de. **Variações linguísticas nos contos populares paraibanos**. Trabalho de dissertação, 2009 – UFPB.

ARRAIS, Maria Nazareth de Lima. O fazer semiótico do conto popular nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo. Tese de doutorado em letras. UFPB, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. Editora Parma LTDA, 4ª edição - São Paulo 2005.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. Estudos em literatura popular [et al.]. João Pessoa. Editora Universitária/UFPB, 2004

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC** - Manaus, AM - Julho/2009.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **Estudos em literatura popular II** (organizadora) et al. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.

_____. **Os discursos etnoliterários: o fazer intersubjetivo e a produção do saber**. Acta Semiótica. Programa de Pós-Graduação – PPGL. Universidade Federal da Paraíba. V. 18, n. 2. (2013)

_____. **O gênero literário de expressão popular** (p.245) – Valores literários de ontem e de hoje. Maria do Socorro Silva de Aragão, Neide Medeiros Santos, Ana Isabel de Souza Leão Andrade (Orgs). João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora 2015.

_____. **A semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais**. Rv. De Letras nº25, vl ½ jan/dez. 2003.

_____. **Modelos Pancrônicos de descrição linguística: Percorso de sentido**. – UFPB 2013.

CAPOVILLA, F. C. et al. **Competência de leitura: modelos teóricos e sistemas computadorizados para a avaliação de leitura silenciosa e em voz alta**. *Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação*, v. 2, n. 4, p. 597-676, 1998.

CAMPELO, Ana Regina e Souza. **Pedagogia Visual/sinal na educação de surdos**. Cap. 4 - Estudos Surdos II, 2007. Ronice Muller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras). Ed. Arara Azul. Petrópolis RJ.

Curso de linguista geral – editora Cultrix Ltda – tradução de António Chelini, José Paulo Paes e Ixidoró blikstein.

DINIZ, Thais Flores Nogueira 2011. *A tradução intersemiótica e o conceito de equivalência*. Disponível em: <[http://www.thaisflorespro.br/artigos/PDF/A%20Traducao%20Inter semiotica%20e%20o%20Conceito.pdf](http://www.thaisflorespro.br/artigos/PDF/A%20Traducao%20Inter%20semiotica%20e%20o%20Conceito.pdf)>. Acesso em: 27/05/2016.

GREIMAS, Algirdas Julien; COUTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica. Editor Cultrix. São Paulo, 1979.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução J. Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, (Coleção Estudos) 1975.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2000, recuperando em 24 de junho de 2010, de www.ibge.gov.br

KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo**. Fórum Letramento e Minorias. Apresentação Oral. Piracicaba, Março, 2002. (no prelo)

_____ Artigo: **Literatura Surda**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

_____ **Literatura Surda**. Material do curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2010.

KIRCHOF, Edgar Roberto, Teoria dos Signos na idade média: a semiótica de santo agostinho. Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. VOL. 16 - ANO 35 - Nº 2 - 2011

LOCKE, Jonh (1632-1704). A divisão das ciências. In. __ **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução: Anoar Aiex. Coleção: Os pensadores. Nova cultural, São Paulo. 1999 – cap. XXI.

NÖTH, Winfried. Panorama da semiótica: de Platão a Pierce. São Paulo. Annablume, 1995.

PAIS, Cidmar Teodoro. Acta Semiótica et Linguística / Sociedade Brasileira de Professores Linguística – Vo. 14, nº 2, (2009, ano 33), Revista Internacional – João Pessoa. Editora Universitária.

_____ Condsitions semântico syntahique et semiotiques de la prodectevitè systemique lexicale e disconeses. 1993

PERLIN, Gladis. **História de vida surda: Identidade em questão** (dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre. 1999

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin Lílian. Fundamentos da educação de surdos. Florianópolis, 2006.

PIMENTEL, Altimar. Estórias de Luzia Tereza. Brasília: Thesaurus, 2001.

QUADROS, Ronice Muller de; SOUZA, Saulo Xavier de. **Estudos Surdos III: Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um Ambiente Virtual de Ensino: Práticas tradutórias do curso de Letras Libras**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, Ronice Müller; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis 2009.

SÁ, Nidia Regina Limeira. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. São Paulo – Paulinas, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo. Pioneira Thomson Learning. 2004 c, p. 8.

SEGALLA, Rimar Ramalho. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual – Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação de mestrado. UFSC – Trindade Florianópolis. 2010.

SILVA, T.T. *Contrabando, incidentes de fronteira: ensaios de estudos culturais em educação*. Porto Alegre, 1998.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças**.

In: _____. *A surdez; Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, Mediação, 1998b. pp 7-32.

_____. *A surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, editora Mediação, 2015.

SNELL-HORNBY, Mary. **Transcodificação linguística ou transferência cultural? Uma crítica da teoria da tradução na Alemanha**. *Trab.Ling.Apl.*, Campinas, (30):83-91, Jul/Dez. 1997

SOUZA, Rosemeri Bernieri; SEGALA, Rimar Ramalho. **Estudos surdos IV**/ Ronice Muleer de Quadros e Marianne Rossi Stumpf (organizadoras). – Petrópolis, RJ. Editora: Arara Azul, 2008.

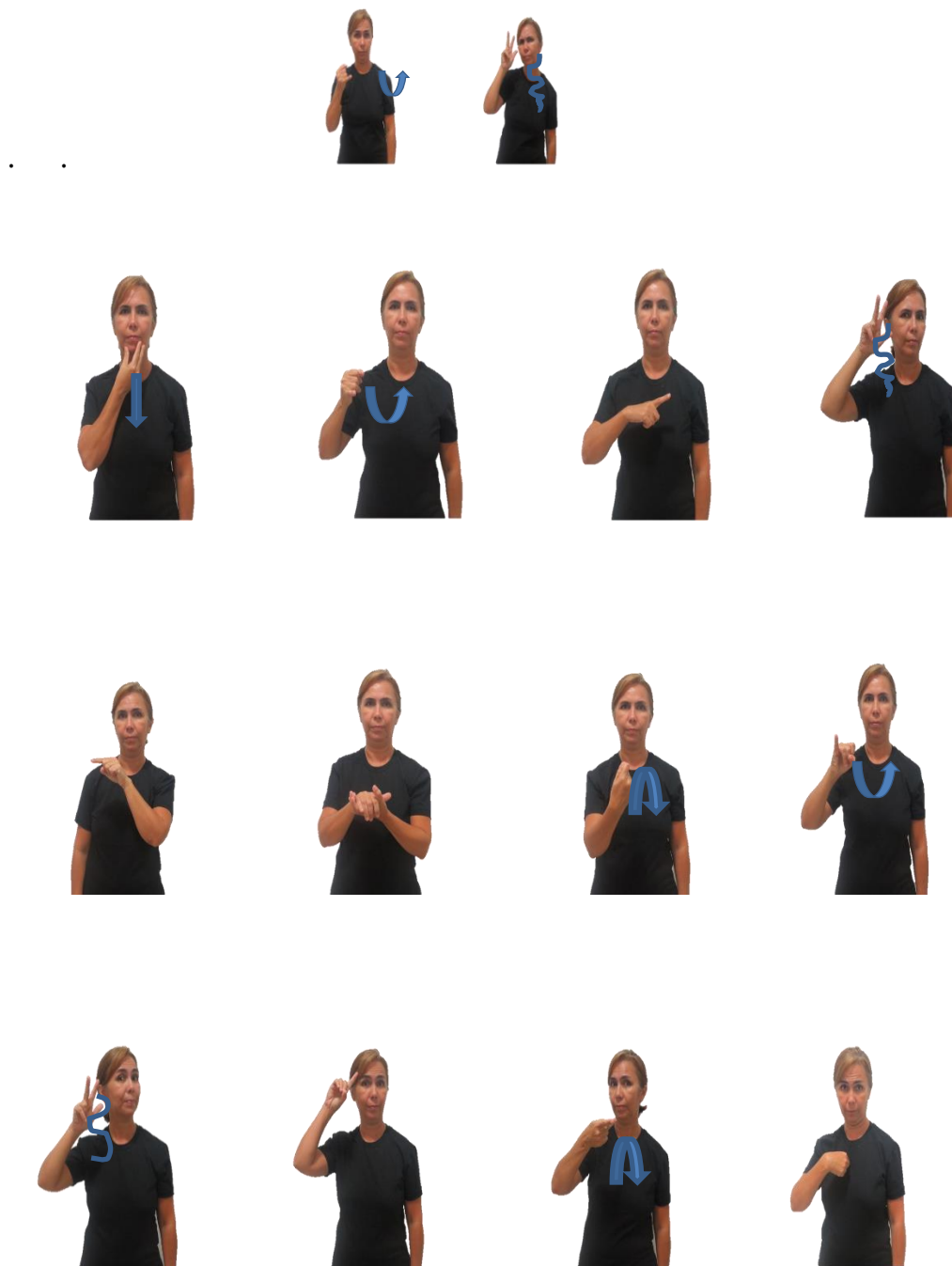
SOUZA, S. X. **Sentidos do Outro Lado**: percepção da mensagem de notícias do telejornal local de TV aberta “Jornal do 10” por sujeitos surdos. Monografia. Curso de Jornalismo. Universidade de Fortaleza - Unifor. Fortaleza. 2005b, p.29.

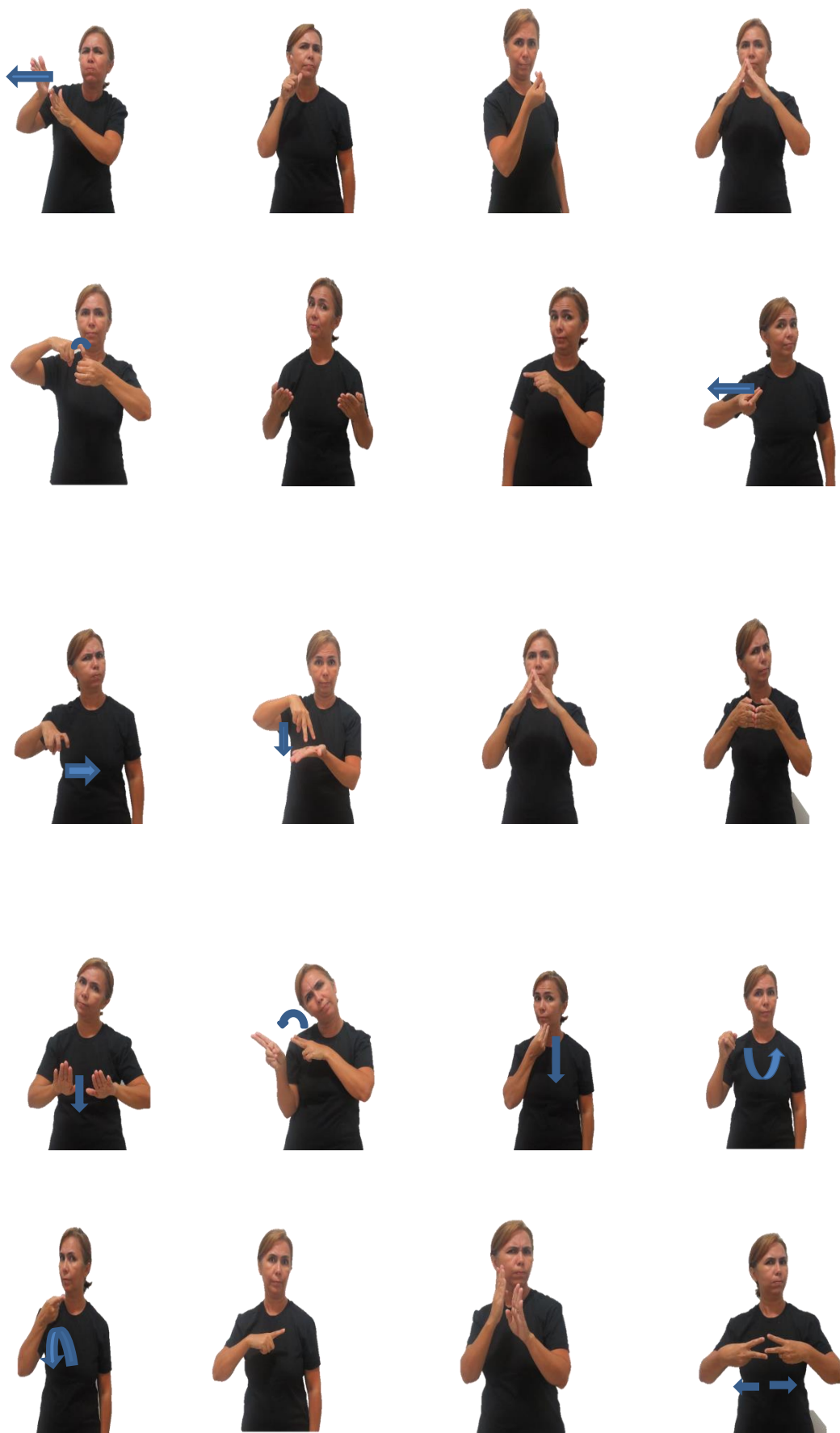
STRÖBEL, Karin Lilian. Cap. I. **História dos surdos: Representações “mascaradas” das identidades surdas**. *Estudos Surdos II* / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras). – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007. (cap. I. pag. 18 a 37)

ADENDO.

Inserimos aqui a transcodificação que fizemos dos contos populares (José Adivinhador; A onça e a vaca; São Pedro mais Nosso Senhor e O homem que morava numa casa de palha) para Libras nas modalidades sinalizada e escrita.

Adendo 1: Modalidade sinalizada



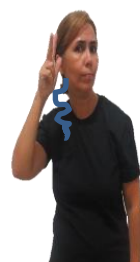
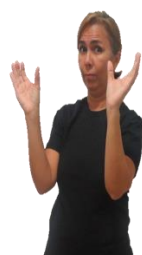




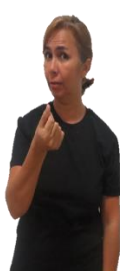




















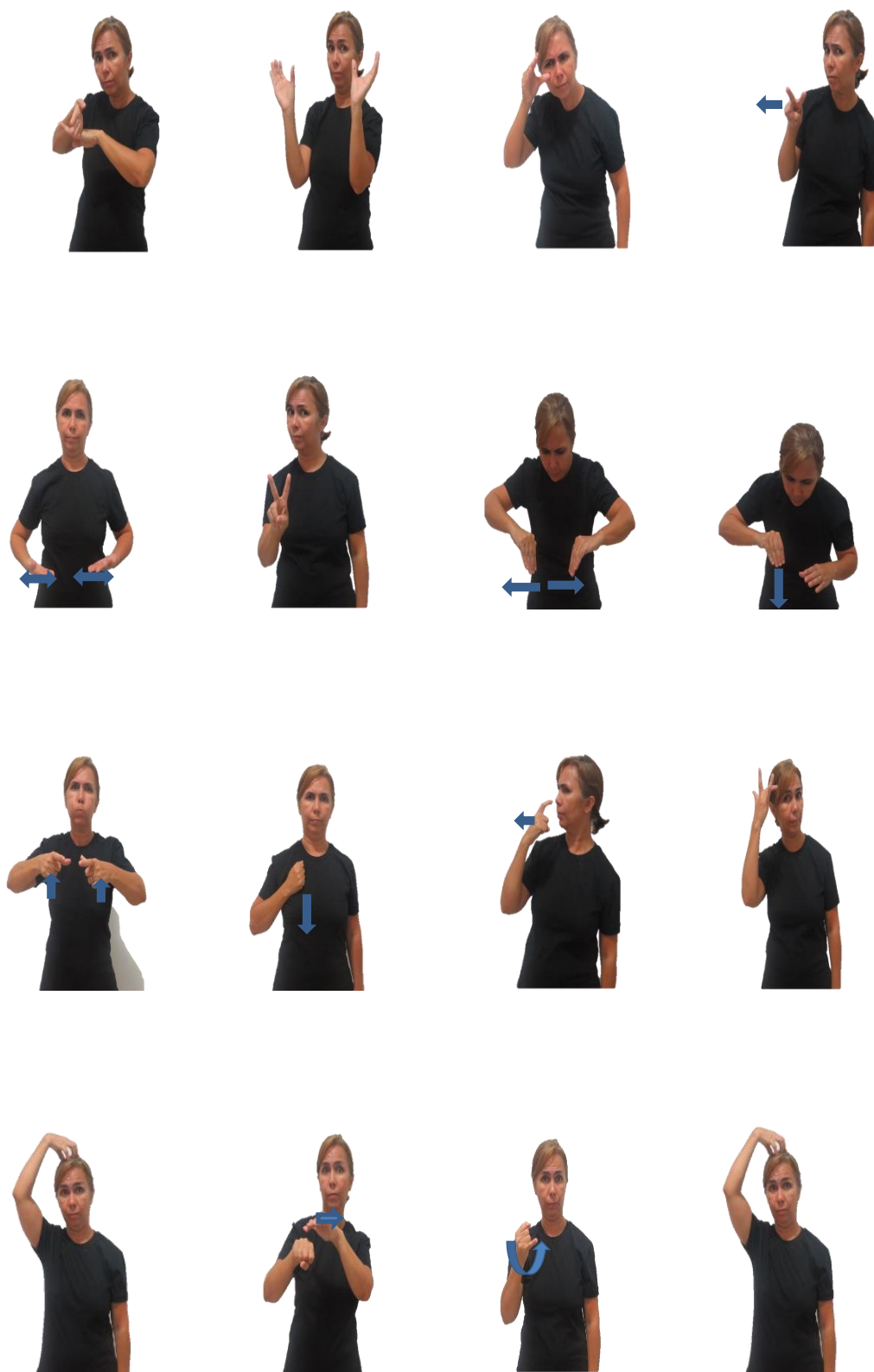






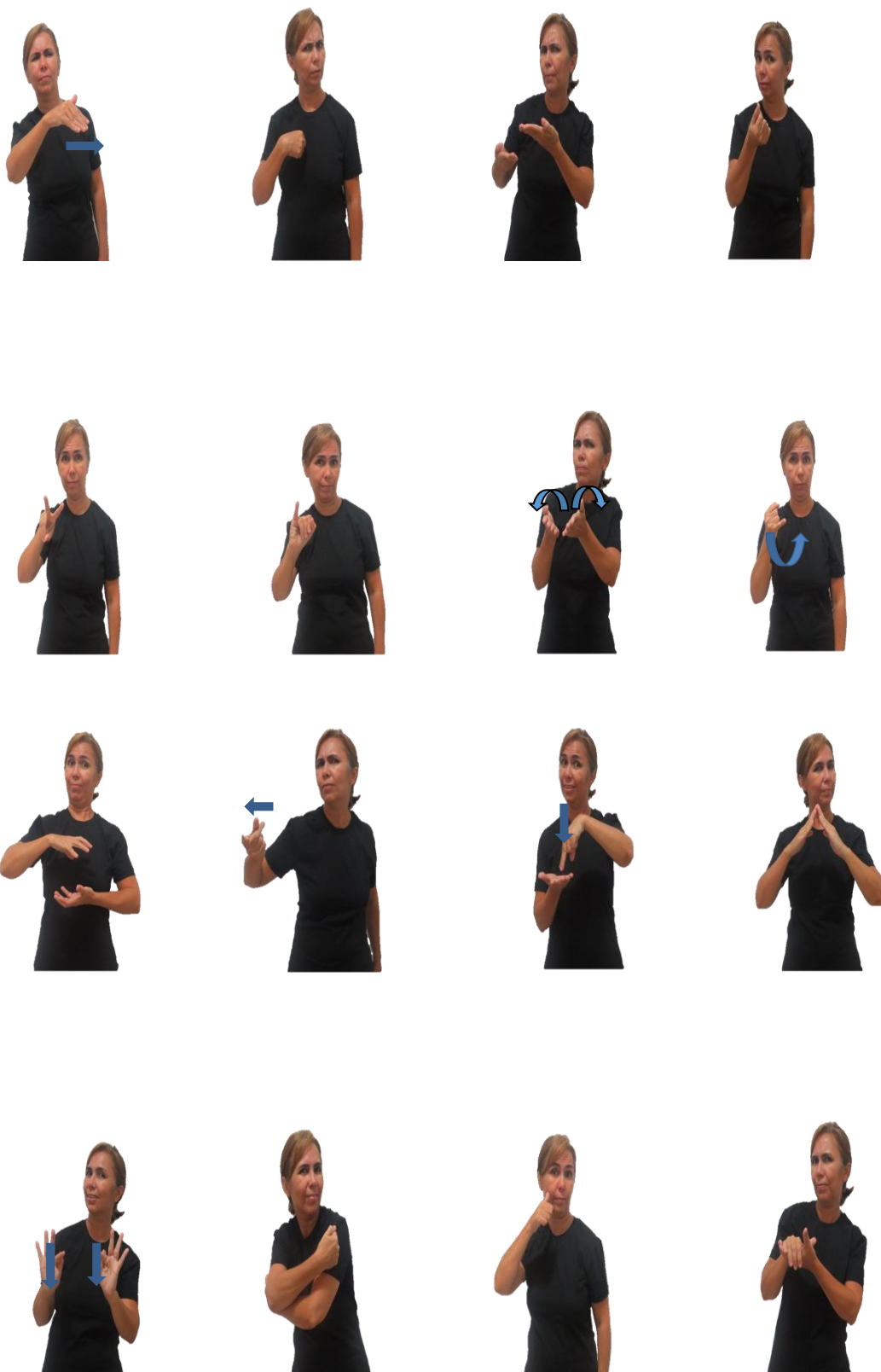










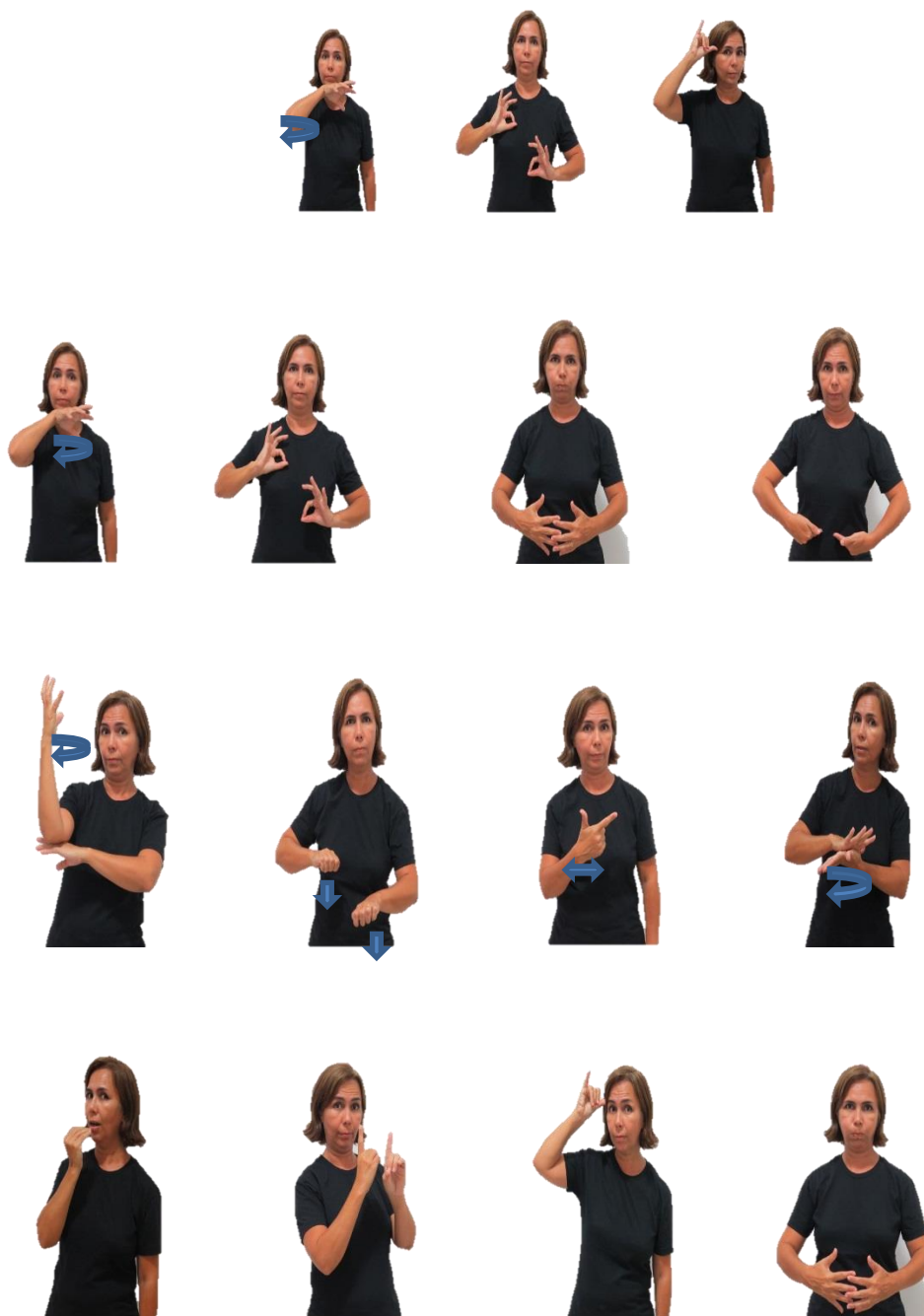


**F****I****M**

Adendo 1: modalidade escrita**JOSÉ ESPERTO**

HOMEM JOSÉ TEM ESPERTO / ELE CASADO /SINAL (J ESPERTO) / UM DIA ELE FALOU: EU VIAJAR MUITO – GANHAR DINHEIRO CASA VOLTAR /ENTÃO ELE EMBORA /ANDOU, ANDOU - CHEGOU CASA PEDIU FICAR DORMIR /HOMEM JOSÉ FALOU/ TEM DESCOBRIR COISAS SABER TUDO / MAS NÃO TEM VERDADE / ELE JOSÉ MUITO ESPERTO / O DONO CASA PERGUNTOU: SEU NOME?/ MEU NOME JOSÉ SINAL (J ESPERTO) / DONO CASA ADIMIRADO FOI REI CONTAR / CHEGOU NO REI FALOU: HOMEM AQUI CHEGAR – ELE FALOU SABE TUDO – PODER DESCOBRIR COISA TUDO / NOME DELE JOSÉ / REI FALOU: CHAMA HOMEM AQUI / J ESPERTO VEIO / REI PERGUNTAR: VOCÊ ESPERTO VERDADE – DESCOBRE TUDO? / J ESPERTO RESPONDER: SIM / J ESPERTO APROVEITOU REI DISTRAÍDO E PEGAR RELOGIO COLOCAR BOLSO E FOI EMBORA / O REI PROCURAR RELOGIO E NÃO ACHAR / NOITE J ESPERTO ESCONDIDO COLOCAR RELOGIO NO JARDIM DO PALACIO / O REI MANDAR EMPREGADO CHAMAR JOSÉ ESPERTO / ELE CHEGAR / JOSÉ FALOU: RELOGIO TEM AQUI NO JARDIM PODE PROCURAR / PROCURAM – PROCURARAM – PROCURARAM / ENCONTRAR RELÓGIO! / O REI RAIVA FALOU: CULPA FOI MENINAS PERDEU RELÓGIO / DINHEIRO SACO CHEIO DEU A JOSÉ / REI PENSOU: DINHEIRO DEU PERDEU, MAS DEPOIS, ELE EU MATAR E PEGAR DINHEIRO MEU / MAS REI BOBO / JOSÉ JÁ PEGOU ANEL DA PRINCESA ESCONDER BOLSO / NOITE ELE FOI ESCONDIDO CAVOU BURACO E ESCONDER ANEL/ TEMPO PASSAR PRINCESA PROCURAR ANEL NÃO ACHAR / PRINCESA FALAR: QUEM PEGAR MEU ANEL? / CHAMA J ESPERTO ELE SABE ENCONTRAR ANEL / J ESPERTO CHEGAR / REI FALOU: VOCÊ SABER ONDE TEM ANEL MINHA FILHA? / ANEL TEM AQUI – MENINAS PERDER ANEL PODE PROCURAR / PROCUROU, PROCUROU, PROCUROU / ANEL ENCONTROU GANHOU / OUTRA VEZ REI DINHEIRO SACO CHEIO DEU A JOSÉ / REI RAIVA PENSOU: EU DAR DINHEIRO AMANHÃ MATAR ELE E PEGAR DINHEIRO / MAS JOSÉ MUITO ESPERTO / REI NÃO VER DISTRAIDO/ JOSÉ APROVEITAR PEGAR COLAR DE OURO / NOITE ELE ESCONDIDO FOI

PALACIO NO JARDIN PLANTA FLOR ELE PENCURAR COLAR / AMANHÃ PRINCESA PROCURAR COLAR NÃO TER / REI OUTRA VEZ CHAMAR J ESPERTO / JOSÉ CHEGAR / REI FALAR: VOCÊ PODE DESCOBRIR ONDE TEM COLAR FILHA? / SIM – COLAR TEM AQUI JARDIM FLOR / PROCURAR, PROCURAR, PROCURAR / COLAR ENCONTRAR JÁ GANHOU / OUTRO DINHEIOR REI DEU A JOSÉ / REI RAIVA FALOU: EU JÁ DINHEIRO SACO TRÊS DEU / AGORA EU PRECISA MATAR ELE PEGAR DINHEIRO / O REI IDEIA! CHAMAR EMPREGADO MANCOU COMPRAR POTE DE BARRO / MANDOU COCÔ DE CAVALO COLOCAR DENTRO DO POTE E COLOCAR JARDIM BURACO / JOSÉ ESCONDIDO VAI PALACIO CURIOSO / VIU EMPREGADO DOIS CAVAR BURACO E COLOCAR POTE COCÔ FEDOR / AMANHÃ REI CHAMAR JOSÉ / REI PENSAR QUE JOSÉ NÃO GANHAR DESCOBRI – AÍ PODE MANDAR PRESO MORRER E PAGAR DINHEIRO /ELE CHAGAR / REI FALAR: VOCÊ SABE COSIA TEM AQUI JÁRDIM? / JOSÉ FALAR: SIM SABE – TEM COCÔ DE CAVALO BURACO ALÍ / REI ADMIRADO FALAR / PEGA DINHEIRO VAI EMBORA EU PERDER MUITO VAI POBRE / JOSÉ PEGOU DINHEIRO E FOI EMBORA / CHEGOU CASA FELIZ ABRAÇAR MULHER FALAR: AGORA JÁ DINHEIRO GANHAR FICAR EM CASA.

Texto 2: modalidade sinalizada



















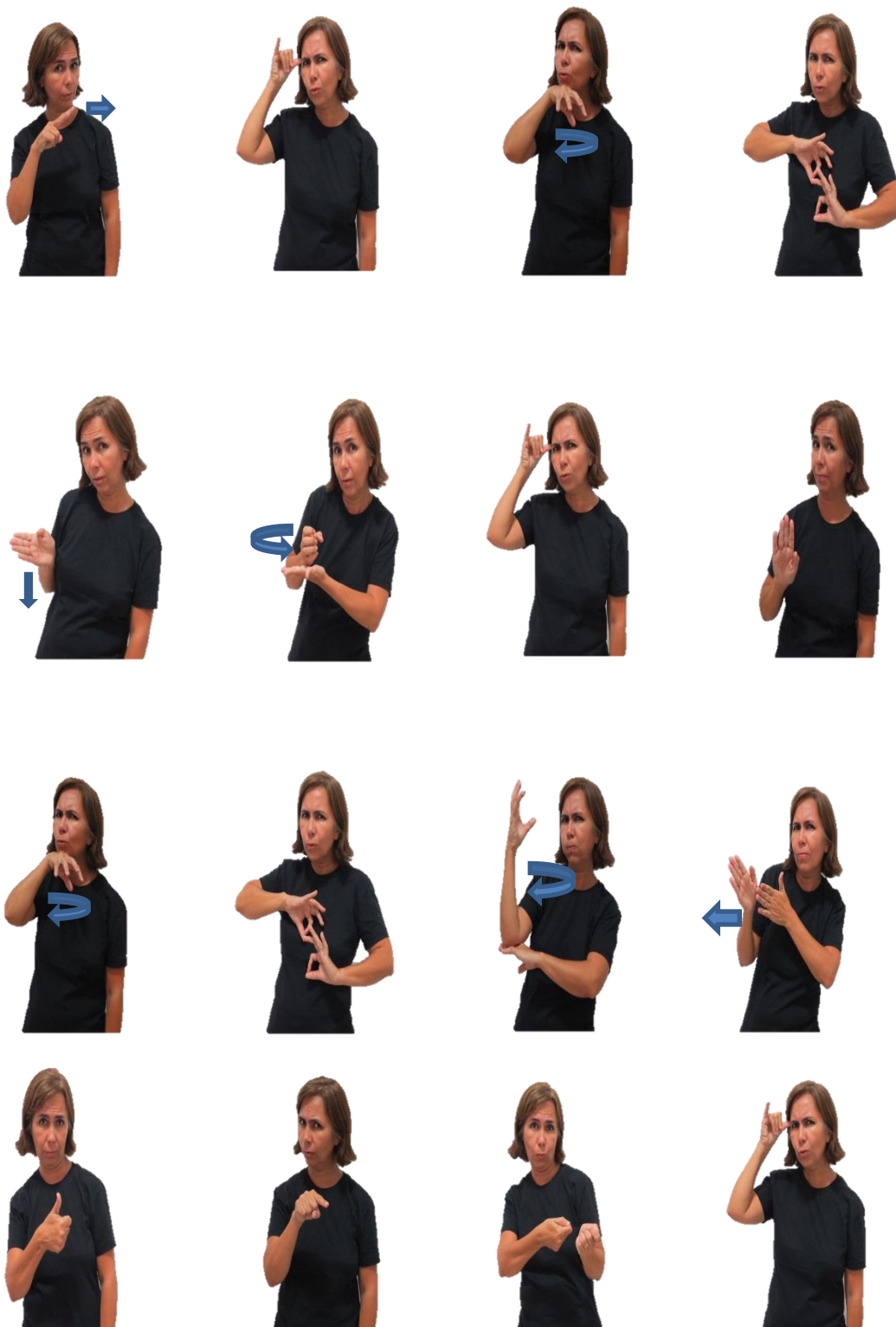












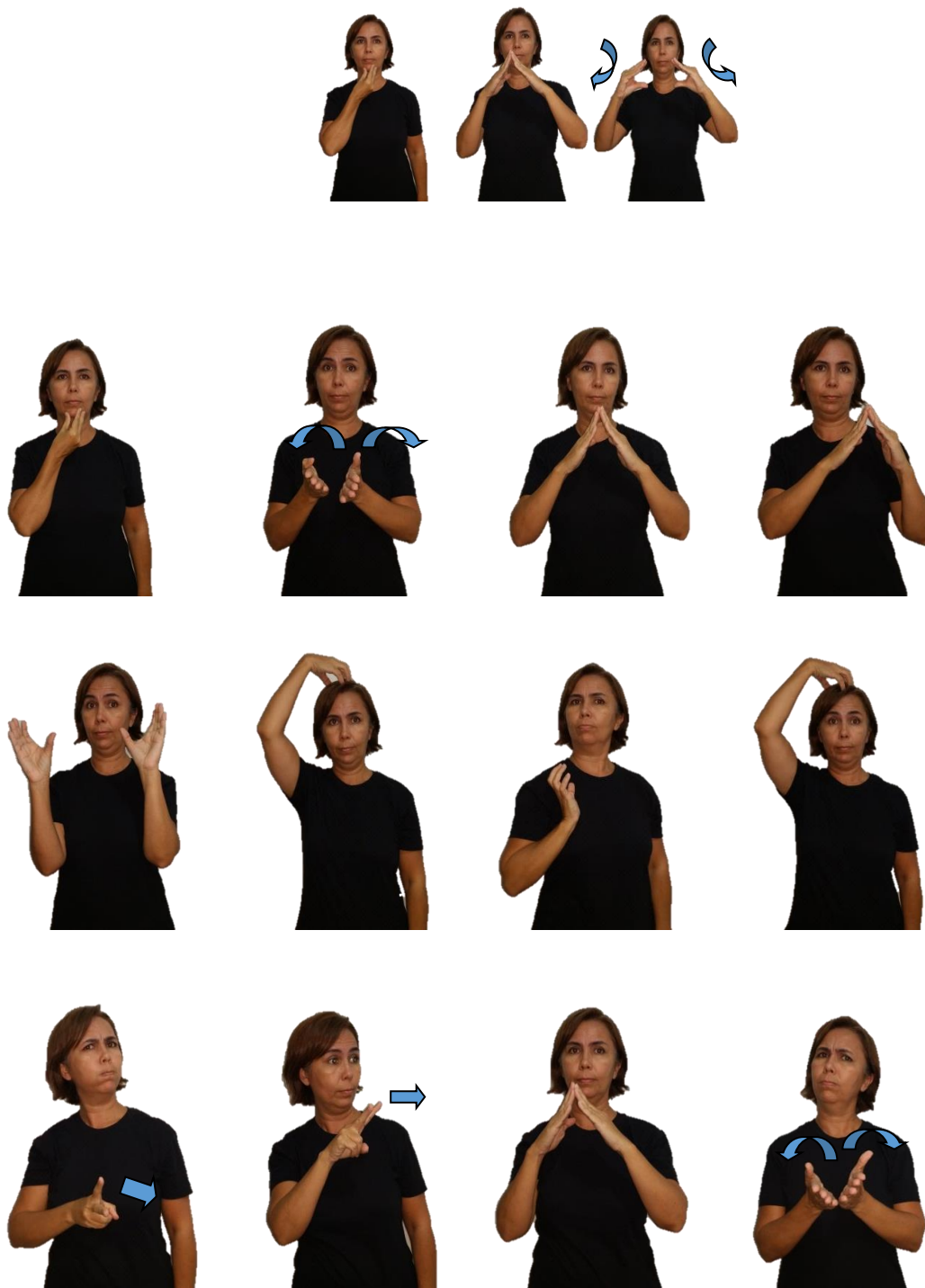


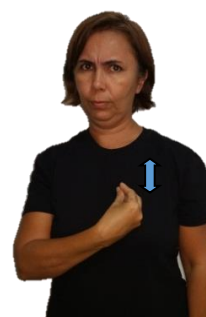


FIM

Adendo 2: modalidade escrita.**A ONÇA E A VACA – 144**

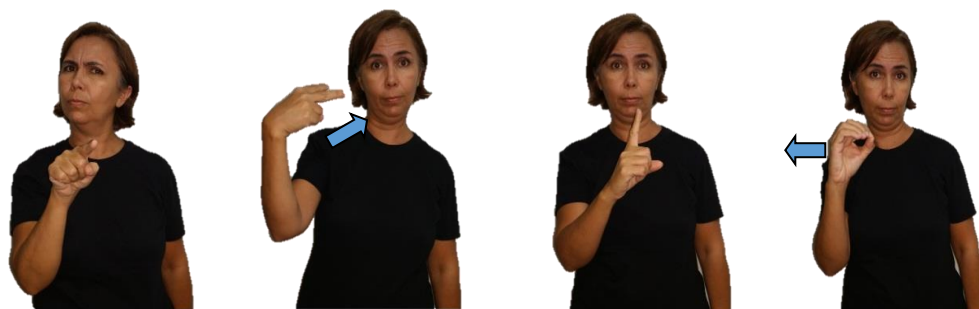
ONÇA GRÁVIDA / FOME / FLORESTA ANDAR / NÃO TEM NADA COMIDA
 / ENCONTRAR VACA GRÁVIDA/ ELA DISSE / VOU GANHAR AMIGA VACA /
 FILHO MEU NASCER ELA MADRINHA/ AS DUAS JÁ GANHOU AMIGAS / AS
 DUAS SEMPRE JUNTAS / AS DUAS GRAVIDAS / MAS ONÇA MAL / FINGIR
 AMIGADA DA VACA / VACA FILHO NASCER ONÇA COMER / ONÇA FALAR /
 MEU FILHO VOCÊ MADRINHA / TAMBÉM FILHO SEU EU MADRINHA / PODE
 HOMEM OU MULHER / ONÇA DORMIR CAVERNA E VACA DORMIR FORA
 GRAMA/ TEMPO PASSAR/ VACA FILHO MULHER NASCEU E ONÇA FILHO
 HOMEM NASCER / OS DOIS FILHOS CRESCER / NOITE ONÇA E FILHO DORMIR
 CAVERNA E VACA FILHA DORMIR GRAMA/ FILHOS DOIS FOI CRESCENDO /
 ONÇA SONHAR COMER FILHO VACA/ DIA ONÇA FALOU/ VAMOS LUGAR
 LONGE / LÁ TEM COMIDA VÁRIAS / MAS SÓ NÓS DUAS / FILHOS FICA/
 CERTOS VAMOS / FOI EMBORA/ ONÇA FILHO FALOU/ VAMOS FUGIR PORQUE
 MAMÃE VAI ATACAR COMER VOCÊ/ OS DOIS FUGIRAM LONGE/ ONÇA
 ENGANAR VACA FALAR/ VOCÊ FICAR AQUI COMER / EU VOU DEPOIS
 VOLTAR/ PODE FICAR COMER GRAMA/ EU JÁ MATAR VACA OUTRA / VAI
 LEVAR FILHO COMER / DEPOIS EU VOLTA / VACA FICAR E ONÇA CORRER
 QUER COMER VAQUINHA /CHEGOU ONÇA E VACA VAZIA / ELA PENSAR /
 ACHO VAQUINHA TEM COMENDO GRMA / PROCURAR NÃO ACHAR / ONÇA
 VOLTAR ENCONTRA VACA DIZER/ FILHOS NÓS DUAS VAZIO/ VACA FALOU/
 ACHO FILHA ANIMAL OUTRO COMEU/ VACA FOI PROCUROU NÃO
 ENCONTRAR FILHO/ VACA DESCONFIR ONÇA PENÇOU/ MELHOR SEPARAR
 ONÇA/ ACHO ELA PODE FALSA/ AS DUAS SEPARAR/ ONÇA CAVERNA E VACA
 LONGE GRAMA/ ONCINHA E VAQUINHA ANDANDO/ HOMEM VIU PENSOU/
 VOU PEGAR VACA MEU E ONÇA CHEJE DAR/ HOMEM CHEGOU CHEFE
 FALOU/ EU VER ONCINHA E VAQUINHA/ JÁ PEGAR VAQUINHA/ MAS
 ONCINHA FLORESTA CORRER/ OK VOCÊ COLOCAR VAQUINHA JUNTO
 VACAS OUTRAS / HOMEM CUIDAR VAQUINHA CARINHO/ ELA CRESCER
 ESPECIAL JÁ LEITE/ ONCINHA TAMBÉM JÁ CRESCER FLORESTA VIVER.

Adendo 3: modalidade sinalizada:

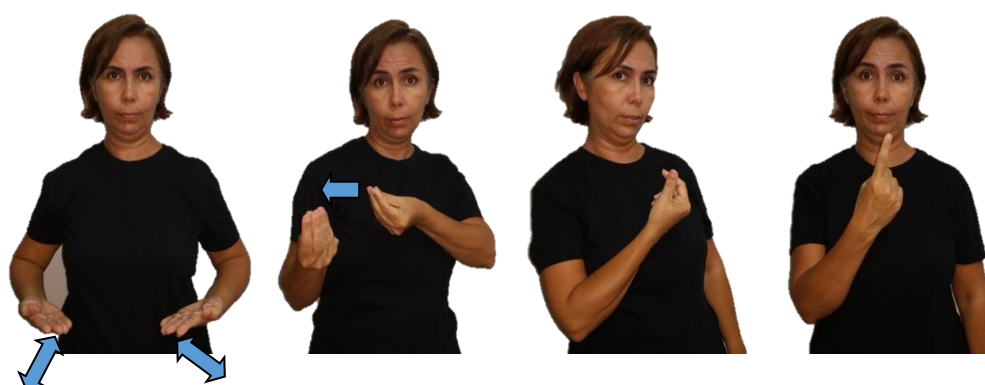
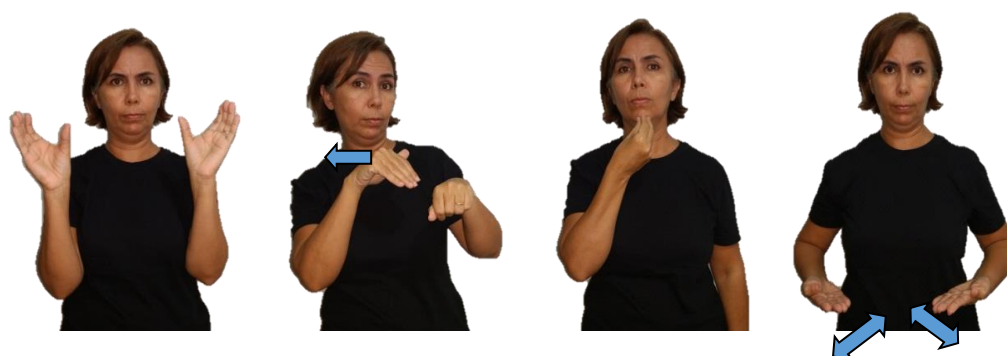


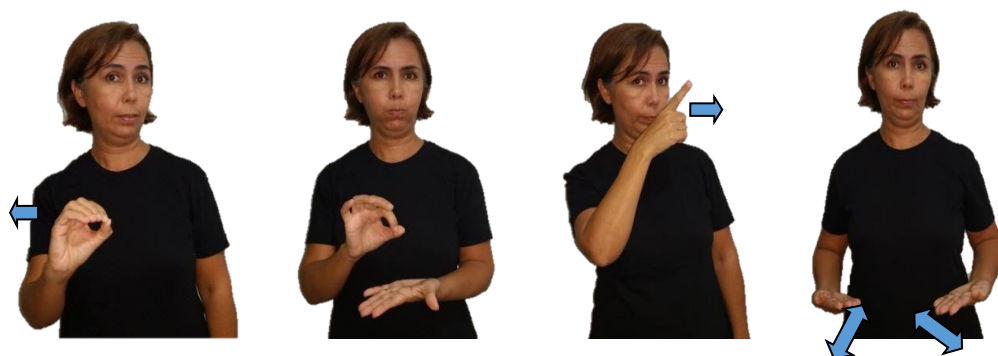






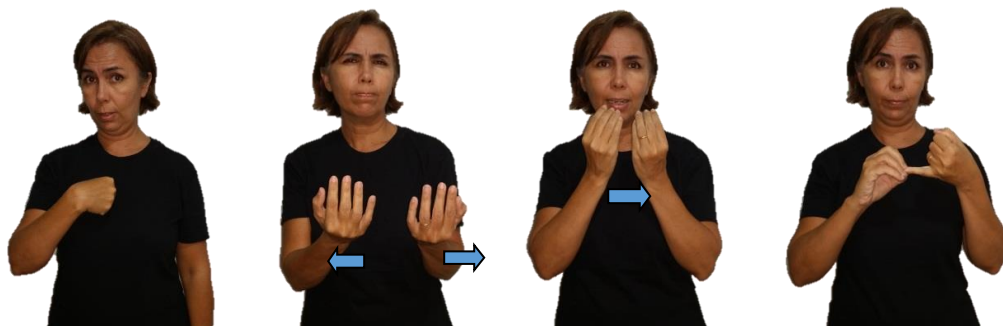








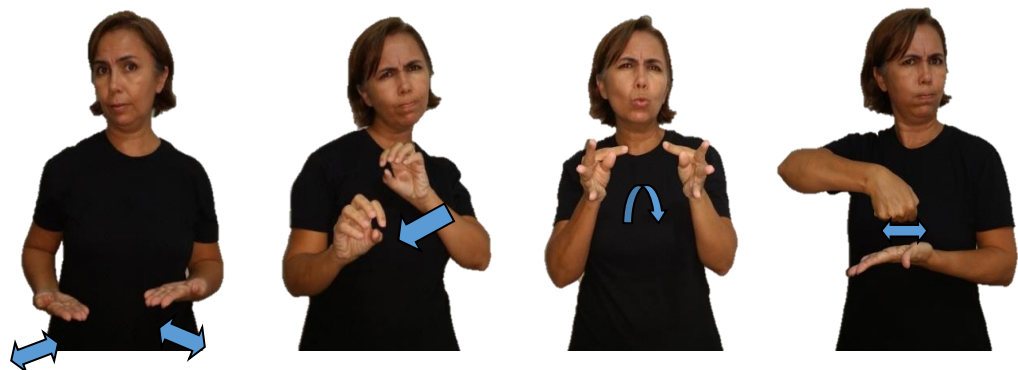


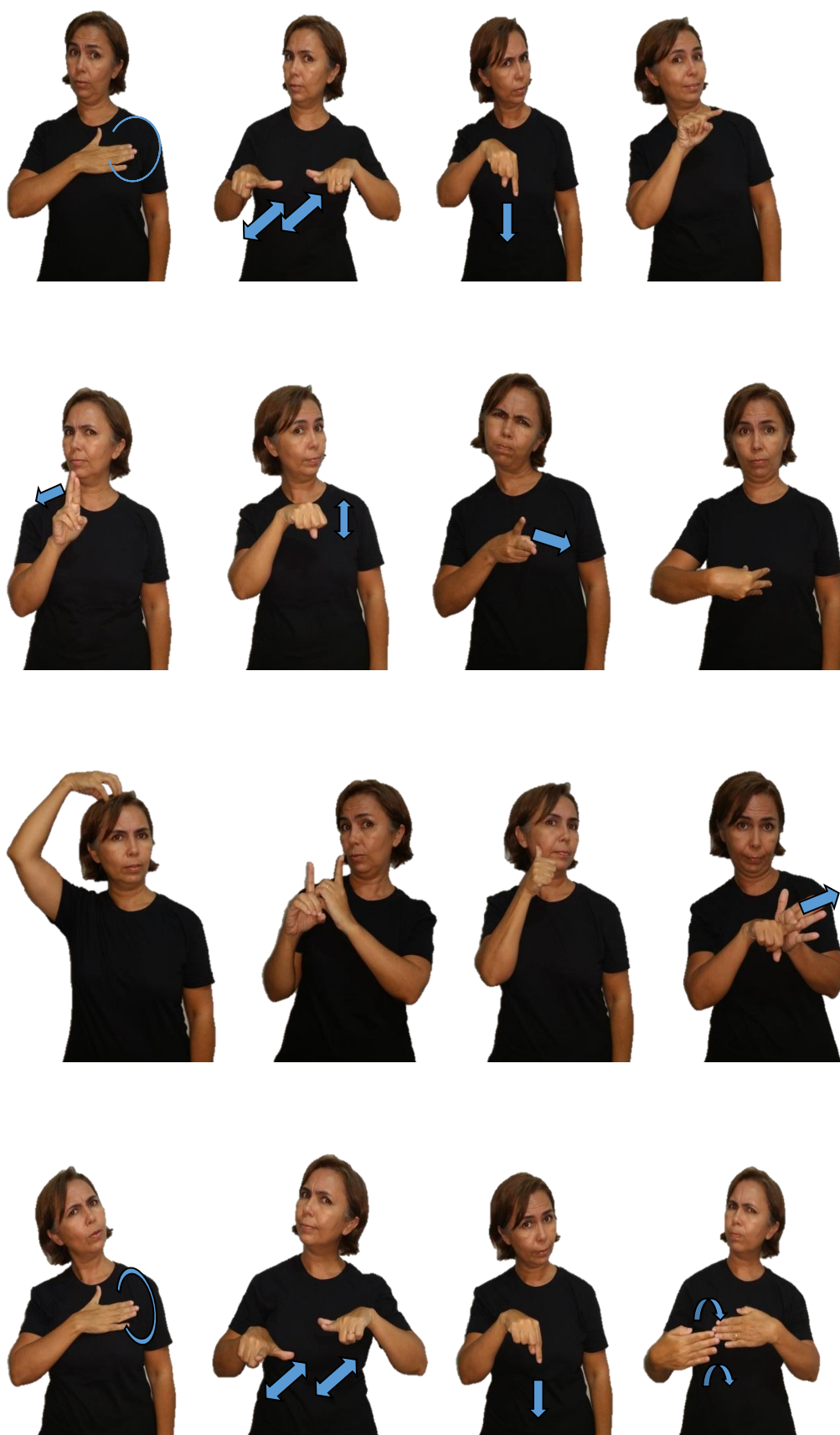


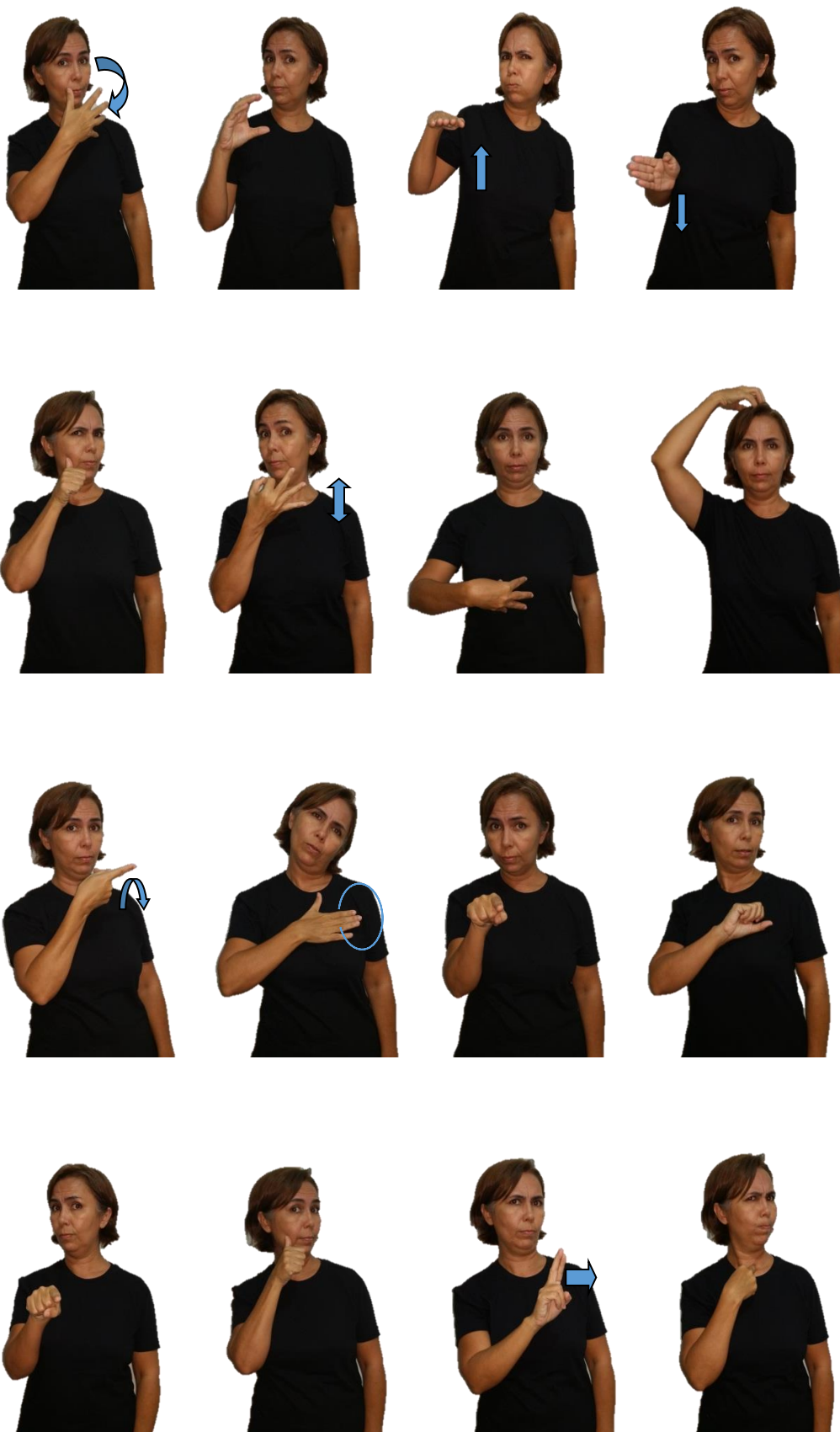




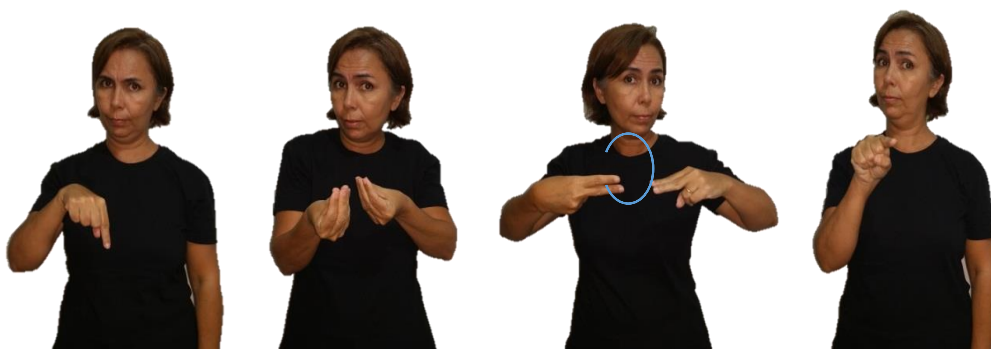




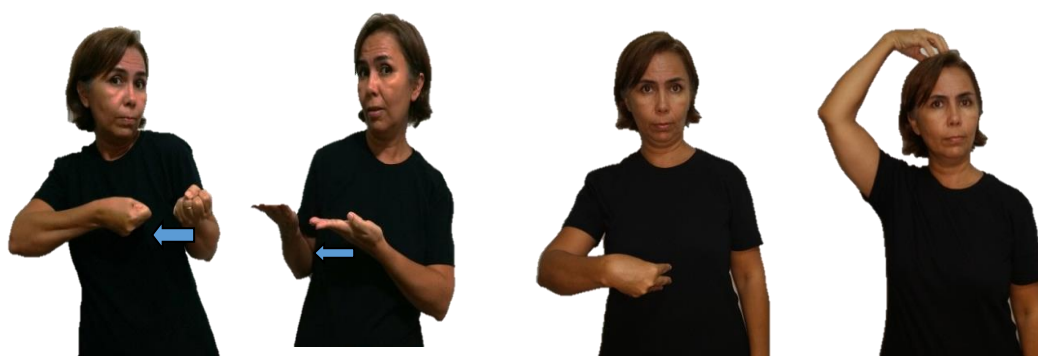
























F



I



M

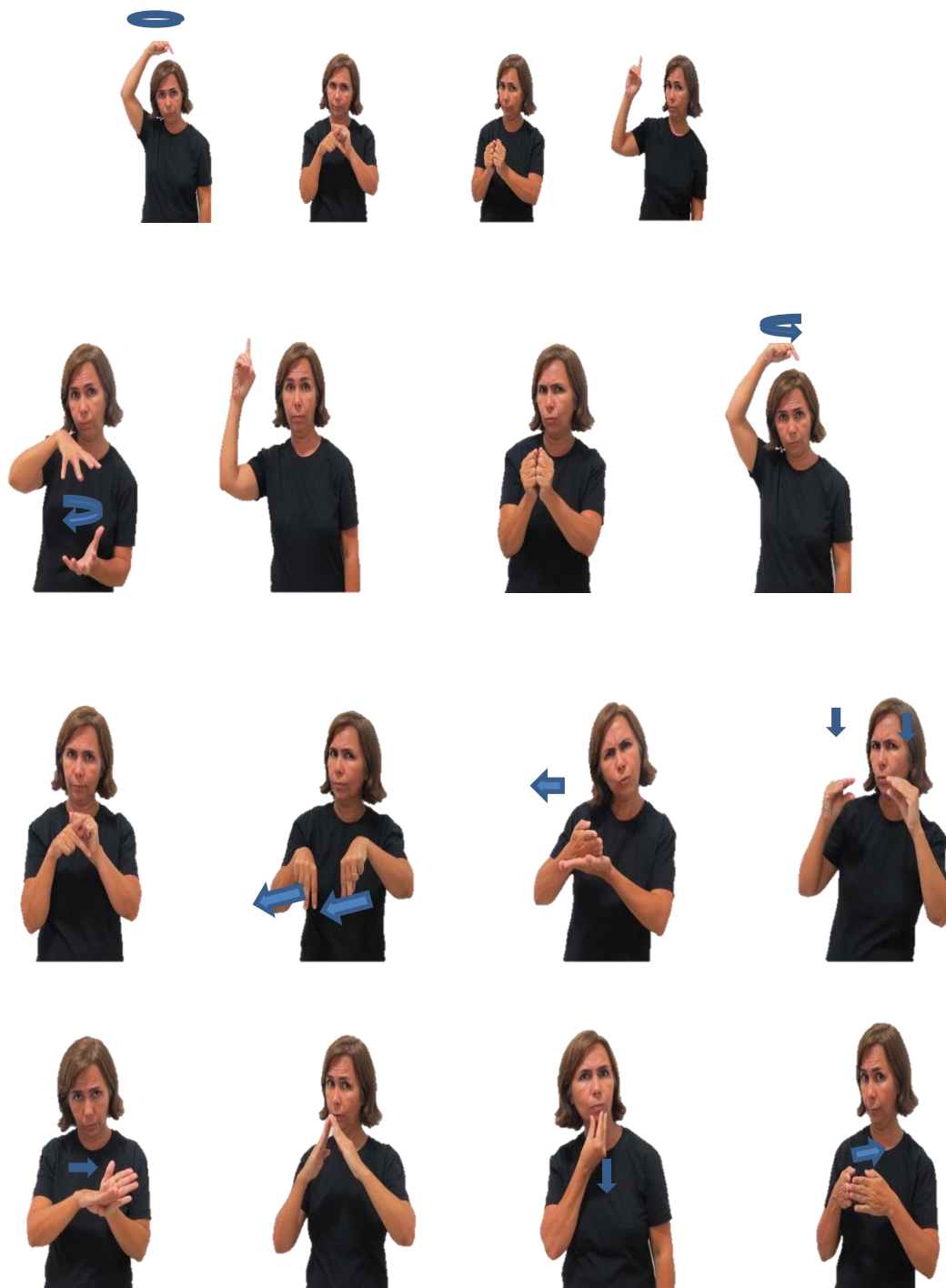
Adendo 3: modalidade escrita:

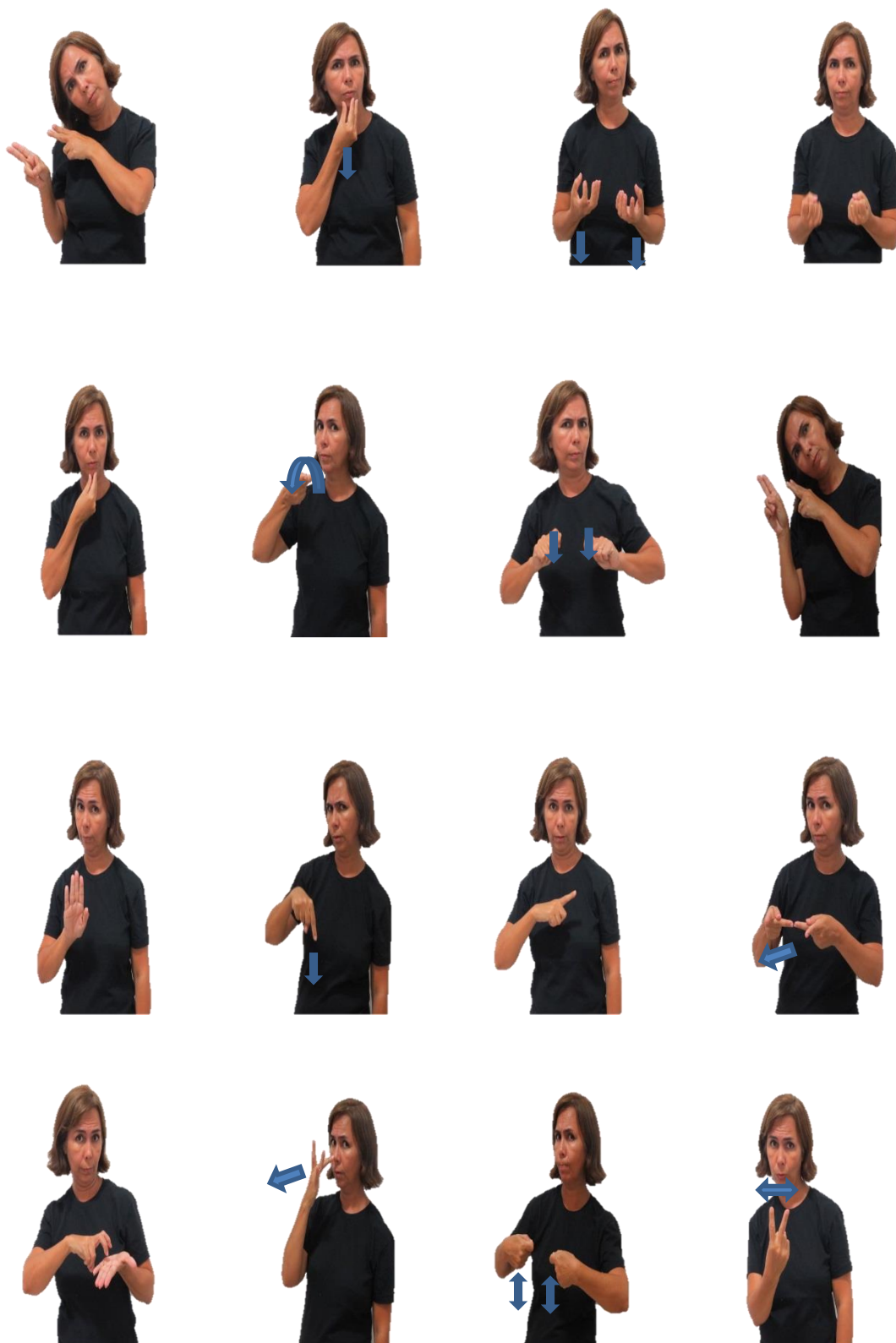
HOMEM CASA DE PALHA

HOMEM POBRE / CASA VIZINHO PALACIO REI RICO / REI SEMPRE VIU CASINHA POBRE MAS NÃO CONHECE HOMEM / DIA MANHÃ REI JUNTO EMPREGADO FOI NA CASINHA POBRE / CHEGOU LÁ BATEU /FALOU / VOCÊ VIDA AQUI CASINHA POBRE? / HOMEM RESPONDER: SIM – EU POBRE NÃO TEM DINHEIRO COMPRAR CASA GRANDE / REI PERGUNTOU: VOCÊ TEM TRABALHO? / HOMEM RESPONDER: SIM TRABALHO – GANHO NO DIA UM REAL / REI PERGUNTAR: COMO VOCÊ CUIDAR FAMÍLIA? / TRABALHANDO – TAMBÉM DINHEIRO EMPRESTAR GANHA JUROS / REI FALOU: VOCÊ VÊ-ME CEM VEZES – PODE HISTÓRIA CONTAR COMO GANHAR DINHEIRO CERTO? / O HOMEM POBRE TINHA FILHA BONITA IDADE TREZE / DEPOIS RAINHA VEM AQUI LEVAR ESSA MENINA TRABALHAR NO PALÁCIO / REI FOI EMBORA / CHEGOU NO PALACIO CHAMOU EMPREGADO DEU DINHEIRO MOEDAS CEM – MANDOU ENTREGAR AO HOMEM POBRE / EMPREGADO CHEGOU CASA BATEU E ENTREGOU DINHERIO / HOMEM RESPONDER: NÃO QUER DINHEIRO CEM – SÓ NOVENTA E NOVE BOM / PASSOU O TEMPO / O REI CHAMOU HOMEM POBRE / HOMEM CHEGOU / CHAMOU-ME PORQUÊ? / LEMBRA HISTORIA AGORA VOCÊ CONTAR COMO AJUDAR FAMILIA DINHERIO POUCO / OK – EU PLANTAR MILHO – FEIJÃO – E DINHEIRO EMPRESTAR / REI PERGUNTOU: MAS VOCÊ CONTAR HISTÓRIA VIU MINHA CASA CEM VEZES? / JÁ SIM – EU TER AQUI NOVENTA E NOVE MOEDAS TEM SUA CARA E AGORA PRESENÇA SUA TEM CEM – PRONTO! / REI ADMIRADO FALOU OK – PARABÉNS! AGORA MODEDA DEVOLVE-ME E EU DINHEIRO DAR-LHE / O HOMEM FOI EMBOR FELIZ / TEMPO PASSAR / A RAINHA MANDOU EMPREGADA PERGUNTAR SE MENINA QUER TRABALHAR NO PALACIO / MENINA RESPONDE: QUERO SIM – EU GANHAR DINHEIRO AJUDAR FAMÍLIA / NOME DA MENINA – CONCEIÇÃO / ELA CHEGOU PALACIO MAS NÃO SABE NADA TRABALHAR / EMPREGADAS ENSINAR TUDO: LAVAR – PASSAR ROUPA – VARRER ETC. / FILHO DO REI VIU CONCEIÇÃO BONITA FICOU

ADMIRADO E PERGUNTOU: VOCÊ GOSTA TRABALHAR AQUI? / ELA RESPONDER: SIM / SEMPRE O PRINCIPE ENCONTRAVA MENINA PERGUNTAVA: VOCÊ GOSTA TRABALHAR AQUI? ELA RESPONDIA: SIM / TEMPO PASSOU/ CONCEIÇÃO CRESCER JÁ MOÇA BONITA / PRINCEPE FALOU: EU GOSTO DE VOCÊ – AMOR VOCÊ / ELA RESPONDER: MAS NÃO PODE – VOCÊ RICO EU POBRE / UM DIA A RAINHA CHAMOU CONCEIÇÃO FALOU: VOCÊ JÁ 3 ANOS TRABALHAR AQUI EU DAR PRESENTE – VOCÊ ESCOLHER PODE LIVRE QUALQUER COISA / CONCEIÇÃO FALOU OK / CONCEIÇÃO FOI LÁ EMPREGADA E FALOU: A RAINHA FALOU DAR-ME PRESENTE EU ESCOLHER QUALQUER COISA – ENTÃO O PRINCIPE TEM DORMINDO NA REDE E EU QUERO LEVAR MINHA CASA / ENTÃO MULHER EMPREGADA PEGOU NA PONTA DA REDE E CONCEIÇÃO OUTRA PONTA LEVOU / PRINCIPE ACORDOU FALOU: PORQUE EU AQUI SUA CASA / CONCEIÇÃO EXPLICOU: SUA MÃE FALOU EU ESCOLHER PRESENTE QUALQUER COISA – ENTÃO EU ESCOLHER VOCÊ PRA MIM / PRINCIPE FOI PALACIO CONTOU A MÃE / VOCÊ FALOU PARA ELA ESCOLHER QUALQUER COISA PRESENTE – ENTÃO EU DORMINDO ELA LEVOU-ME / A RAINHA FALOU: VERDADE – AGOR VOCÊ OBRIGADO CASAR COM ELA / MAS EU PENSANDO COMO VOCÊ RICO ELA POBRE / MAS O PRINCIPE FALOU: NÃO TEM PROBLEMA ELA É MUITO BONITA E EU A AMO / ENTÃO A RAINHA CHAMOU CONCEIÇÃO DEU A ELA VESTIDO BONITO / DEU CASA BONITA E OS DOIS SE CASARAM E VIVERAM FELIZES.

FIM!

Adendo 4: modalidade sinalizada.











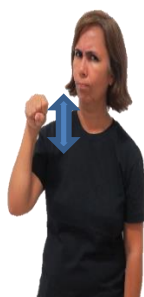






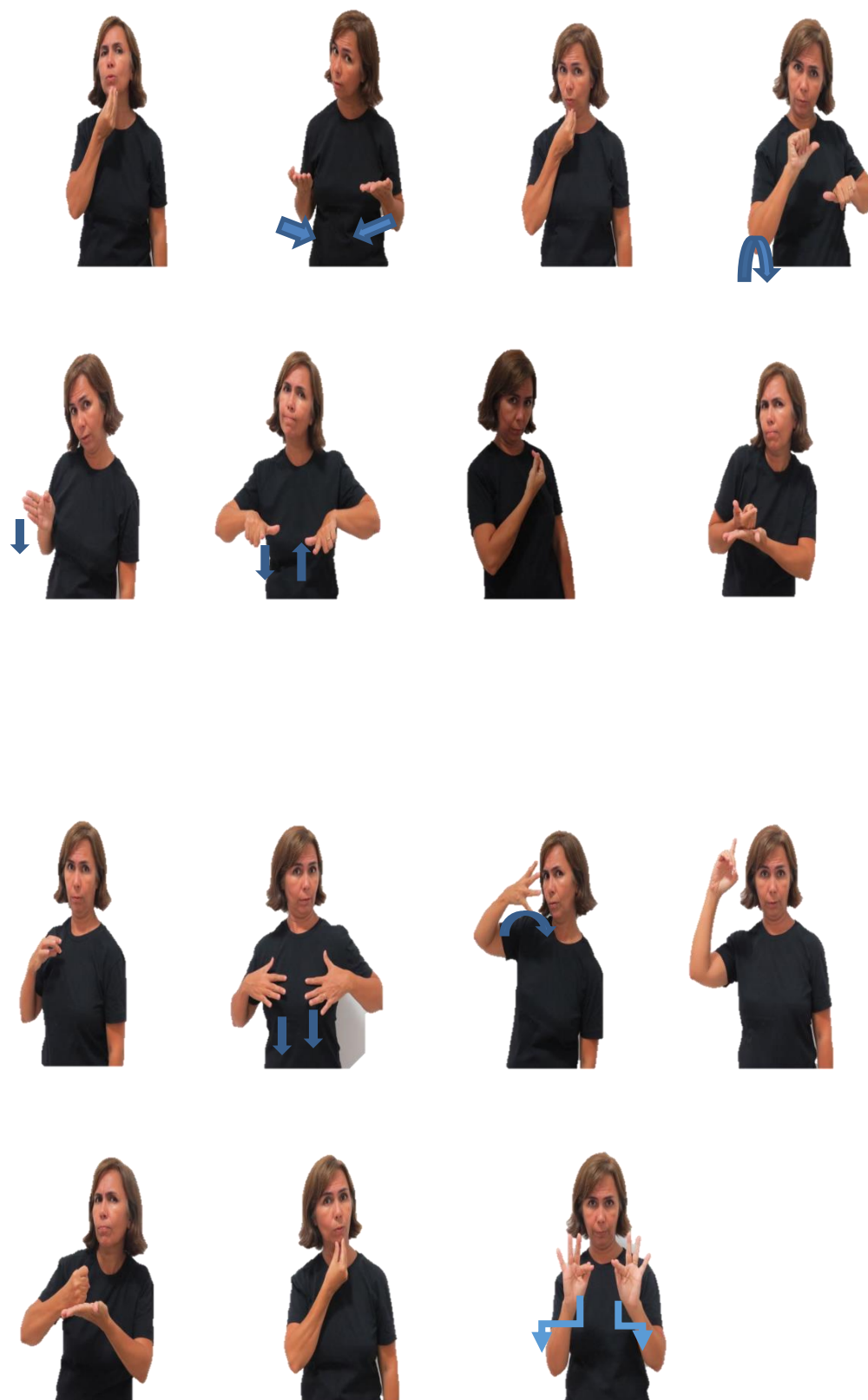














F



I



M

Adendo 4: modalidade escrita:

SÃO PEDRO COM DEUS – PG 104

MUNDO DEUS JUNTO SÃO PEDRO ANDAR-ANDAR / ANDAR....COMEÇAR NOITE/ CHEGAR CASA HOMEM/ PEDIR DORMIR/ O HOMEM ACEITAR / HOMEM FALAR: - PODER DORMIR, MAS AQUI TEM PROJETO – MANHÃ CEDO PRECISA OS DOIS IR EMBORA / OS DOIS RESPONDER: CERTO / OS DOIS DORMIR/ MADRUGADA QUATRO HORAS/ SÃO PEDRO COM DEUS FOI EMBORA/ HOMEM O QUE? É LADRÃO. ELE MARCAR JÁ ROUBAR E MATAR SÃO PEDRO E DEUS/ SÃO PEDRO CAMINHO VIU PAU/ FALOU: - HÓ DEUS TEM HOMEM ESCONDIDO PAU / ONDE? / HOMEM TEM ESCONDIDO PAU / ONDE? / ALÍ HOMEM NÃO / ALÍ TEM CAVALO ATRAS PAU / PORQUE DEUS JÁ MUDAR HOMEM VIROU CAVALO / UÍ / DEUS FALAR: VOCÊ PEGAR CORDA AMARRAR CAVALO PUXAR / PEDRO PAGAR CORDA E AMARRAR CAVALO / FOI ANDANDO PUXAR CAVALO / CHEGOU ENGENHO PESSOAS PERGUNTAR? / QUER VENDER CAVALO? / VENDER NÃO / SÓ ALUGAR / ENTÃO OK / ACEITO ALUGAR / CAVALO TRABALHAR AQUI / CAVALO FICAR TRABALHAR / PESSOAS MAL BATER MUITO CAVALO / CAVALO JÁ DOENTE FERIDA MAGRO – HORRÍVEL / UM ANO / DEUS VOLTAR LÁ ENGENHO / FALOU: EU LEVAR CAVALO / LEVOU CAVALO CASA DELE / CHEGOU / BATEU PORTA / MULHER VEIO ROUPA PRETA / DEUS FALOU: PORQUE A SENHORA ESTÁ LUTO? / MEU MARIDO FOI CAÇAR ANIMAL ATACOU COMEU ELE / ELE NUNCA VOLTA CASA / O SENHOR PARECE HOMEM PASSADO DORMIR AQUI ANO PASSADO / SE A SENHORA VER MARIDO TEM CONHECER? / CONHECE SIM / OLHA ESSE CAVALO É MARIDO SEU / HÓ! MEU MARIDO VIRAR CAVALO!! / É SIM, MARIDO SEU / A MULHER CHORAR, CHORAR / JESUS APARECER E FALAR: CALMA NÃO CHORE / ABENÇOOU O CAVALO / CAVALO VOTAR VIRAR HOMEM / HOMEM JOELHO PEDIR PERDÃO / DEUS JÁ PERDÃO A ELE / VOCÊ JÁ PASSADO ROUBAR E MATAR / AGORA CUIDADE ROUBAR, MATAR ACABAR / DEUS DINHEIRO DEU AO HOMEM / HOMEM AGORA

MUDAR JÁ TRABALHAR / DINHEIRO COMPRAR ROUPA SE ARRUMAR BONITO
/ DEUS AJUDAR HOMEM. FIM

ANEXOS:

Anexo 1: Textos originais: Pimentel, Altimar. Estórias de Luzia Tereza. Brasília: Thesaurus, 2001.

1.1 *José Adivinhador*” (p,190-192)

Esse José Adivinhador era casado. Um dia, ele disse à mulher:

- Eu vou sair pelo mundo. Só venho em casa quando arranjar um dinheiro.

Saiu ele. Andou, andou, andou. Chegou assim numa casa, arranchou-se. Numa casa. Agora ele dizia eu era adivinhador, mas não adivinhava não. Era o apelido dele. O apelido dele.

Onde ele se aranco, o dono da casa perguntou:

- Meu senhor, como é o seu nome?

- Eu me chamo José Adivinhador.

- E, é! É?

O dono da casa foi contar ao rei:

- Rei meu senhor, aqui na nossa cidade chegou um homem de fora. Diz que é adivinhão. Adivinhador.

O rei disse:

- É?

- É.

- Apois bem. Eu vou mandar chamar ele aqui.

- Mandou chamar ele. O rei mandou chamar José Adivinhador.

- José Adivinhador, você diz que é adivinhão?

- Sou, rei meu senhor.

Ele chegou, estava assim o relógio do rei. Ele chegou, roubou. Roubou o relógio e o rei não viu. E foi-se embora para onde estava arranchado.

O rei haja procurar o relógio, procurar. Quando foi de noite, José Adivinhador botou o relógio no capim, debaixo de uma roseira do jardim do palácio do rei. Ele botou o relógio e cobriu.

Aí o rei disse assim:

- Vá me chamar José Adivinhador para ele adivinhar onde está meu relógio. José Adivinhador disse que adivinhava...

Foram chamar.

- É, rei meu senhor, pode procurar que o relógio está aqui no seu jardim.

Procuraram, procuraram, encontraram o relógio.

O rei zangou-se.

- Foram essas meninas que perderam meu relógio!...

Deu um bocado de dinheiro a José – um saco de dinheiro desde tamanho!

Disse: “ Ele ganhou meu dinheiro e adepois eu mato ele e fico com o dinheiro.”

Sim. Quando José estava na casa do rei para adivinhar onde estava o relógio, ele roubou o anelão da princesa, escondeu e foi-se embora para casa.

Quando a princesa caçou o anel que não achou, disse:

- Roubaram o meu anel!

Quem foi? Quem não foi? E bate aqui, bate acolá, nada de encontrar aquele anel!

- Vamos chamar José Adivinhador para ele adivinhar onde está o anel da princesa.

Ele adivinhava porque ele vinha de noite enterrar, sabia onde estava, ia bater na certa.

Ele chegou:

- José Adivinhador, quero que você me amostre onde é que está o anel da princesa que roubaram.

Ele disse:

- Rei meu senhor, pode caçar no quintal aqui do seu palácio que está por aqui mesmo, que as meninas perderam. As meninas perderam o anel da princesa.

Caçaram, caçaram, caçaram, acharam o anel. Acharam o anel!

O rei disse:

- É.

Pegou outro saco de dinheiro deste tamanho deu a José Adivinhador. “É. Eu dou este dinheiro, mas eu mato ele, fico com o dinheiro.”

Foi. Dessa vez, José Adivinhador roubou um colar de ouro.

No outro dia, o rei mandou chamar ele.

- José, eu mandei lhe chamar para a você adivinhar onde está o colar de ouro da princesa.

José tinha engalhado o colar assim num pé de rosa.

- Rei meu senhor, cace no seu palácio que ele está engalhado numa roseira.

Acharam aquele colar dependurado.

- Está muito bem!

Pronto! Três: o relógio, o anel e o colar.

O rei deu outro tanto de dinheiro assim a José Adivinhador.

Fizeram três sacos de dinheiro. Três! Disse: “Eu vou dar fim à José Adivinhador! Agora eu vou inventar uma adivinhação que essa ele não adivinha! Eu mato ele e fico com o dinheiro.”

Três volumes de dinheiro!

O rei mandou comprar um potinho de barro deste tamanhinho, encheu de cocô e enterrou lá no quintal do palácio. Nas quintas do rei, que era para José adivinhar. Era a derradeira adivinhação, ouviu?

Aí, José andava de noite pela rua, viu duas pessoas enterrando aquele volume assim no quintal do palácio do rei. Uma das pessoas disse assim:

- Fulano... Fum! Está fedendo! Vamos enterrar logo que está fedendo.

Ele viu no quintal do rei. Nas quintas. Enterraram aquilo direitinho e forma-se embora.

José disse: “Ah! Já sei!”

No outro dia, o rei mandou chamar José. “É agora! É agora que eu vou matar ele, que ele não adivinha o que está enterrado! Ele não adivinha.”

José chegou no palácio, o rei disse:

- José Adivinhão, eu quero que você adivinhe o que é que está enterrado. Nas minhas quintas.

Ele disse:

- Rei meu senhor, um bocado de cocô num potinho de barro.

Aí, ganhou! Pronto.

- Pegue seu dinheiro, se suma da minha vista, senão você acaba com meu tesouro!

Quatro, quatro volumes de dinheiro! Quatro!

José pegou aquele dinheiro, juntou aquele dinheirão todinho, foi-se embora para casa. Foi-se embora ele. Muito contente, muito satisfeito.

Chegou em casa:

- Está, mulher! Eu não disse a você que só vinha aqui quando arranjasse uma grande felicidade, uma grande fortuna! Arranjei, vim-me embora. Agora não vou andar para canto nenhum. Agora nós vamos futurar a vida!
Pronto terminou.

1.2: *A onça e a vaca* (p, 198-200)

Uma Onça buchuda, com fome, andava nos matos, no deserto, encontrou um vaca com um buchão, disse: “ Eu vou me acamaradar com essa vaca para ser madrinha desse meu filho quando nascer.”

Aí ficou. A vaca tomou amizade com aquela onça. Ficou de amizade. Pra onde a vaca ia, aquela onça ia – era a companheira da vaca. A onça. Elas duas de amizade. A onça buchuda e a vaca também – ouviu? – tomou aquela amizade à vaca que era para quando o bezerrinho, ouviu?

- Oh! Oh!...

A onça pegou logo chamar a vaca comadre.

- Comadre, teu bezerrinho quando nascer eu sou a madrinha – se for fêmea ou se for macho.

A onça dizendo à vaca.

- Está certo, comadre.

A onça ia se deitar lá dentro da loca de pedra dela e a vaca ficava do lado de fora.

Com uns tempos, a vaca descansou de uma bezerra – com nove meses, que nem mulher – e a onça dum onço macho. Disse:

- Comadre, seu filho foi fêmea e o meu foi macho.

- Está muito bom, comadre.

Ficaram de amizade, ficaram de amizade. Aquela oncinha foi crescendo e a bezerrinha também. Foram aumentando todos dois.

De noite, a onça ia para a fuma c’a oncinha e a vaca ficava do lado de fora c’a bezerrinha. De manhã ia-se embora pastar c’aquela bezerrinha. A oncinha nova ficava na fuma.

A oncinha pegou a crescer e a bezerrinha também.

Que fez a onça?

Aquela onça só tinha interesse em matar a bezerra e comer.

- O interesse dela era esse.

Um dia, a onça disse assim:

- Comadre vaca, vamos para um deserto bem longe que lá tem muita comida.

Comadre come eu enche a barriga. Mas u deixo o um menino.

Chamava a oncinha de menino.

- Fica a oncinha e a bezerrinha mais ele. E vamos nós duas.

Olha!

A vaca disse:

- Está certo.

Foram-se embora a onça e a vaca para um conto bem longe. A oncinha pegou amizade àquela bezerrinha. Aí, aquela oncinha disse assim:

- Ô bezerrinha, vamos s'embora. Olhe, vamos fugir daqui para um canto bem longe, que minha mãe vai te matar para te comer. Vamos s'embora.

A oncinha e a bezerra se atacaram no meio do mundo.

- Vamos para um lugar bem longe.

Que fez a onça velha? Disse:

- Comadre vaca, a senhora fique aqui que eu venho mais tarde.

Olha lá!

- A senhora fique aqui comendo, que eu vou na frente. Eu já matei uma vaca para levar para a oncinha. Quando for mais tarde, a gente enche o bucho e vai para casa.

A vaca ficou lá e a onça à toda para a fumaça para comer a bezerra. Chegou, não estavam nem a bezerra nem a oncinha. Caçou por todo lado. Disse: "Ela está comendo algum matinho por aqui!"

A bezerra estava longe!

A onça voltou para onde estava a vaca. Disse:

- Comadre vaca, olhe, eu cheguei agora na fumaça nem achei a bezerrinha nem a onça.

Aí a vaca disse assim:

- Olhe! Isso foi o bicho que carregou. Carregou minha filhinha!

A vaca dizendo.

A vaca voltou e não encontrou a bezerra nem a oncinha. Então a vaca pensou, imaginou, que vaca gosta de cismar, disse: "Vou me separar dessa onça, qu'essa onça ia me fazer uma traição. Vou me separar dela."

Se separou aquela vaca da onça, ouviu? A onça ficou lá no cantinho, na fumaça, e a vaca foi embora para outro canto. A vaca.

A bezerra e a oncinha estavam andando muito longe. Um vaqueiro que estava caçando gado, viu aquela oncinha com aquela bezerrinha – a oncinha andando na frente e a bezerrinha atrás. Disse: "Uma oncinha nova e um bezerrinha!"

Eu vou pegar a bezerrinha e a oncinha e vou levar para o meu patrão."

O vaqueiro pegou primeiro a bezerrinha. Quando foi pegar a oncinha, ela embreou-se mata a dentro, não houve jeito dele pegar. Ele levou a bezerrinha para a fazenda do patrão. Chegou na casa do patrão, disse:

- Meu patrão eu achei essa bezerrinha mais uma oncinha dentro do mato. Consegui pegar a bezerrinha e trouxe. A oncinha fugiu dentro do mato.

- Está certo. Você bote essa bezerrinha junto com o gado, para se criar.

E a bezerra ficou se criando lá mais o gado. Aquele vaqueiro criou essa bezerrinha com muito cuidado. Deu uma vaca especial – produziu muito, muito gado, muita coisa. E aquela oncinha foi viver livre na mata.

Fim da estória.

1.3 - *O homem que morava numa casa de palha.* (p. 155-158)

Um homem bem pobrezinho morava numa casinha de palha – do lado do palácio do rei. O palácio do rei era de um lado e a casa do homem do outro.

O rei sempre via a casinha de palha, mas não sabia quem morava lá. Não sabia.

Numa manhã, bem cedinho, o rei foi com o seu empregado até a casinha. Chegou na casa:

- O senhor mora aqui nesta casinha de palha bem velhinha?

Ele disse?

- Sim, meu rei... Porque sou muito pobre e só dá pra morar aqui nesta casinha de palha.

- E o senhor trabalha? O rei perguntando: - O senhor trabalha?

- Sim trabalho. Eu ganho um real por dia.

O rei falou:

- E com um real você sustenta sua família?

- Sustento sim. Eu sustento minha família e também empresto dinheiro a juros.

- Olhe, você só pode me contar essa história quando me vir cem vezes!

O homem da casinha de palha tinha uma filha de treze anos de idade. Uma menina loirinha bonita.

O rei falou:

- Depois a rainha vem aqui falar com essa menina para ela trabalhar lá no palácio. Lá ela vai trabalhar e ajudar as outras damas.

O rei foi embora com seu empregado. Chegou no palácio mandou um empregado com cem moedas que tinha a cara do rei para entregar ao homem da casa de palha.

- Entre estas cem moedas àquele homem da casinha de palha.

O empregado chegou na casa do homem, entregou as moedas. O homem falou assim:

- Não. Eu só quero noventa e nove moedas.

O empregado deu as noventa e nove moedas, ficou com uma.

Dias depois, o rei mandou chamar o homem da casinha de palha.

- Diga aquele homem da casinha de palha que venha aqui.

O homem veio:

Pronto cheguei. Porque me chamou?

- É para você me contar aquela história. Eu falei pra você me contar como ganhava um real por dia, sustentava a família e emprestava dinheiro a juros. Como é que você empresta dinheiro a juros?

- Rei meu senhor, é porque eu planto lavoura. Plantio milho, feijão... estou emprestando a juros.

- Eu falei a você que só me contasse essa história quando me encontrasse cem vezes. Você já me viu cem vezes?

- Já. Já, rei meu senhor. Vi sua casa nas noventa e nove moedas e agora estou lhe vendo pessoalmente.

- Ganhou! Ele ganhou!

- Agora, me dê essas moedas que eu vou trocar por outro dinheiro.

Porque as moedas eram de ouro. Trocou. Deu outro dinheiro a ele. O homem da casinha de palha saiu muito contente.

Então, alguns dias depois, a rainha mandou uma dama saber se a menina queria trabalhar no palácio. A menina falou:

- Quero. Quero sim, que meu paizinho é muito pobre. O dinheiro que eu ganhar ajuda a mim e ajuda a ele.

Ela foi trabalhar no palácio do rei. O nome da menina era Conceição. Ela só sabia plantar milho e feijão com o pai – não sabia fazer nada na casa. As outras damas ensinaram a ela lavar, passar roupas... Ela aprendeu tudo! Virou uma dama muito especial.

A rainha gostava muito dela. A menina era muito organizada, muito certa.

No palácio tinha um príncipe. Quando a menina estava trabalhando, ele falava:

- Conceição, você gostas de trabalhar?

- Gosto. Eu gosto de trabalhar.

- É. É melhor você trabalhar aqui do que trabalhar no campo, em roçado.

O príncipe falava a ela e depois ia embora. Toda vez o príncipe a encontrava e dizia a mesma coisa.

Já fazia três anos que ela estava trabalhando no palácio – ela cresceu e virou uma moça muito bonita. O príncipe falou:

- Conceição eu gosto muito de você! Eu amo você Conceição!...

Ela falou:

- Príncipe! Não pode. O senhor príncipe tem amor a mim!...

O príncipe se calou. Passo um tempo. Sempre que ele encontrava Conceição fala que gostava dela. A rainha falou:

- Já faz três anos que Conceição trabalha aqui. Então, o que ela pedir é para lhe dá. Não pode deixar de dar.

Conceição não sabia o que pedir. Ela trabalhava e depois ia para sua casa. Não dormi no palácio.

A mãe dizia:

- Minha filha, não durma lá não. Quando terminar o serviço venha para casa.

Um dia Conceição falou: “Eu vou pedir uma coisa na casa da rainha. Eu vou pedir um objeto.”

Sabe o que ela fez? Chegou lá ao meio dia, lá estava o príncipe dormindo numa rede grande.

- Ei! Ei, pegue aqui no punho desta rede.

Uma pegou num punho da rede, outra pegou noutro, levaram para a casa de Conceição, a casa de palha – a rede com o príncipe dormindo dentro. Quando o príncipe acordou, estava naquela casa de palha. Disse:

- Oxe! E meu palácio virou uma casa de palha?

Conceição falou:

- Eu peguei você pra mim. A sua mãe falou que eu podia pedir qualquer coisa. Então, o que eu pedi foi você. Eu trouxe você pra mim.

O príncipe foi embora. Chegou no palácio falou.

- Mãe, Conceição me encontrou aqui dormindo e me levou para casa de palha. Ela falou que a senhora deixou ela pegar qualquer coisa que quisesse. Então, ela pediu a dama chefe que deixasse me levar para a casa de palha. A dama falou: “Pode levar. Ele não é meu filho. Leve.” Ela me levou. E agora? Agora preciso me casar com Conceição. Eu quero me casar com ela.

- Meu filho, você é um príncipe, quer se casar com uma moça pobre, que não é família real ! Não pode.

- Não, mãe. Mas eu quero me casar com ela, porque ela é bonita. Conceição é mais bonita do que minhas irmãs.

- Verdade. Eu gosto muito de Conceição.

Quando ela vier, vou dizer que ela não vai trabalhar aqui nunca mais. Ela não vai fazer mais nada. Eu quero que vista ela com roupa de princesa igual minhas irmãs.

No outro dia foram buscar Conceição para o palácio, vestira ela de princesa, igual às irmãs do príncipe.

Fizeram uma casa muito bonita, Conceição casou com o príncipe. Vivem até hoje! Acabou-se.

1.4. *São Pedro mais Nosso Senhor no mundo* (p. 13-15)

Nosso Senhor andava com São Pedro pelo mundo. Andando, andando, andando...Boquinha da noite eles foram chegando na casa de um homem. Aí pediram arrancho. O homem deu arrancho a São Pedro e a Nosso Senhor. E disse:

- Bem , aqui tem um projeto: quando for bem cedinho, vocês vão-se embora.
- Está certo.

Foram dormir. No outro dia, bem cedinho, às quatro horas da madrugada, lá vão São Pedro e Nosso Senhor. Que faz o homem? Ele era criminoso, *roubador*, o dono da casa. Saiu na frente e ficou preparado para matar Nosso Senhor e São Pedro para roubar.

São Pedro olhou assim para um pau que tinha na beira da estrada, disse:

- Senhor, acolá atrás do pau tem um homem.
- Cadê, Pedro? Cadê?
- Lá está um homem atrás do pau.
- Cadê, Pedro? Pedro ali tem um cavalo, não é um homem não.

Jesus transformou o homem num cavalo. Ah, foi!

- Pedro, arranje uma corda pra levar este cavalo para frente.

São Pedro arranjou uma corda e amarrou no cavalo. Lá vai aquele cavalo no meio do mundo mais São Pedro e Nosso Senhor. Passaram num engenho, o pessoal perguntou:

- Vocês querem vender esse cavalo?
- Eu não vendo não. Eu alugo o cavalo.
- Apos fica alugado para ficar trabalhando.

O cavalo ficou trabalhando. Hajam judiar com o cavalo! O cavalo ficou trabalhando. Hajam judiar com o cavalo! O cavalo era feridente, magro – ficou mesmo uma derrota! Com um ano, Nosso Senhor passou de volta pelo mesmo engenho, disse:

- Agora vou levar o cavalo.

Deram o cavalo a Nosso Senhor e Ele voltou para a casa do homem. Chegou lá, bateu, a mulher do homem saiu de preto. Nosso Senhor disse assim:

- Porque a senhora está de luto?
- Meu marido foi caçar e os bichos devoraram *ele*. Nunca mais ele apareceu.

Ela disse que o marido foi caçar.

- O senhor parece com aquele homem que dormiu aqui já faz um ano...

A mulher dizendo a Nosso Senhor.

Ele disse:

- Bem, a senhora vendo seu marido conhece?
- Eu conheço! Meu marido, eu conheço!
- A senhora está vendo esse cavalo? Esse cavalo aí é seu marido.
- Ave Maria! Meu marido era gente, virou cavalo?
- Apos bem. Esse cavalo é seu marido.

A mulher pegou a chorar. Aí Jesus Cristo compadeceu-se e disse:

- Não chore não, se console.

Abençoou o cavalo, ele transformou-se no homem. Aquele homem caiu nos pés de Nosso Senhor, ajoelhado, pedindo perdão.

Nosso Senhor perdoou ele.

- Olhe, você vivia a matar o próximo por dois tostões, quinhentos réis, uma pataca, meia pataca. Vivia matando gente e roubando. Não roube mais não.

Ele disse a Nosso Senhor que não roubaria mais. Nosso Senhor deu um conto de réis a ele.

- Tomem um conto de réis, vá procurar sua vida.

Ele não roubou mais, não matou, não fez mais perversidade. Foi trabalhar. Com aquele conto de réis ficou bem lorde, bem satisfeito com Nosso Senhor que tinha dado novo caminho a ele.

Anexo 2.

Registro dos momentos da pesquisa na ASJP.

Momentos da apresentação dos contos









